

Capa

Vol. 6

MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

Literatura e Música

Depoimentos célebres e bibliografia

Fábio Lucas Prefácio
Antonio de Assis Brasil Introdução
Jorge Fernando dos Santos Apresentação

Organização

José Domingos de Brito

Tiro de Letra

Drummond no céu nas asas da poesia e da música

Carlos Drummond de Andrade é o poeta brasileiro mais musicado. Começou bem: *A Cantiga do Viúvo*, um dos seus primeiros poemas, foi transformado por Heitor Villa-Lobos numa delicada obra para voz e piano. Notando essa preferência dos compositores, fiz a relação que me foi possível na época de obras musicais com texto do Drummond. Ele ficou surpreso e curioso, pois desconhecía aquela vasta produção. Parece que ele queria conhecer os sons que haviam escolhido para as suas palavras. Talvez tivesse ouvido algumas dessas músicas, mas da maioria só teve notícias por meio do meu trabalho. Num momento tive a louca ideia de produzir um "disco" com essas músicas das quais Drummond foi parceiro, digamos, involuntário. Ele pareceu-me muito animado com esse projeto. E me escreveu: "Se eu não for para o céu pelas asas da poesia, irei pelas asas da música. E não é a mesma coisa?". Talvez essa frase possa sintetizar este trabalho de coleta sobre música e literatura que o Brito, pacientemente, desenvolveu. A propósito: nunca me foi possível realizar a referida gravação.

Luís

Milanesi

Professor de biblioteconomia da ECA/USP, criou o

Sistema de Bibliotecas Públicas da SEC/SP, autor do clássico *O paraíso via Embratel* (Paz e Terra, 1978); *Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas* (Brasiliense, 1986); *Casa de cultura: forma e função* (Hucitec, 1989); *A casa da invenção - Centros de cultura: um perfil* (Siciliano, 1991) e do manifesto *O que é biblioteca* (Brasiliense, 1983) reeditado atualizado pela Ateliê Editorial em 2002.

Música (alma)e Literatura

A música é semântica, sim, mas semântica mediata, requer, mais do que a literatura, da cooperação psíquica do interlocutor. Um dó maior não terá a mesma força-efeito em duas pessoas. Nem terá a mesma força-efeito numa mesma pessoa em dois momentos diferentes. E, por mais que uma metáfora com palavras seja polissêmica e aberta a interpretações e recepções diversas também, está claro que "uma rosa é uma rosa é uma rosa é uma rosa..."

Na música não há uma rosa. Há dissonâncias, pausas, assonâncias, intervalos, dominantes, repousos, marchas, forças, tons, modos, clímax, inquietações, paz, conflitos, soluções... tudo isso abrindo mão das palavras, recorrendo a significantes, portanto, quase que cem por cento sob poder do receptor. Não que uma precise da outra. Antes diria eu: são casos em que uma quis a outra. É bem diferente. Não se trata da área da necessidade, senão, sim, da área do querer, do bem-querer.

Esse bem querer amplia os mistérios da criação literária e o nosso interesse não em querer desvendá-los, pois seria muita pretensão. No entanto, nos instiga a continuar especulando e se possível conhecer um pouco mais destes mistérios, aclarando as relações entre a literatura e a música. O levantamento bibliográfico e de depoimentos expostos neste livro, devido mesmo à sua variedade, constituem-se num formidável recurso á este propósito.

Marcelo Moraes Caetano

Poeta, músico, gramático, escritor, professor, crítico literário, tradutor, não necessariamente nessa ordem. Como escritor já foi premiado duas vezes pela UNESCO, e como músico é membro do casting artístico oficial da Orquestra Sinfônica de Viena.

Sumário

- I. Prefácio: *Fábio Lucas*
(em preparo)
- II. Introdução: *Luiz Antonio de Assis Brasil*
Literatura e música
- III. Apresentação: *Jorge Fernando dos Santos*
As letras na pauta
- IV. Princípios do Mistérios da Criação Literária:
José Domingos de Brito

Parte I

IDEPOIMENTOS

Aldous Huxley Affonso Romano de Sant'Anna Alejo
Carpentier Anthony Burgess Antonio Cícero Antonio
Lobo Antunes Antonio Olinto Antonio Skármeta
Armando Freitas Filho Arnaldo Antunes Augusto de
Campos Arundhati Roy Bernardo Ajzenberg Bruno
Tolentino Cabrera Infante Caetano Veloso Camilo
Castelo Branco Carlos Drummond de Andrade Carlos
Fuentes Chico Buarque de Holanda Christopher
Isherwood Clarice Lispector Claude Debussy
Claudio Carneyro Daniel Pennac Duda Machado
Eduardo Lourenço Edward Albee Eric Nepomuceno
Érico Veríssimo Ezra Pound Fernando Pessoa
Ferreira Gullar Friedrich von Schiller Geraldo
Carneiro Guimarães Rosa Gustav Mahler Haroldo
de Campos Helder Macedo Herman Hesse João
Cabral de Melo Neto João Paulo Cuenca Jorge
Amado Jorge de Lima Jorge Fernando dos Santos
José Castello José J. Veiga José Miguel Wisnick José

Paulo Paes José Saramago Julio Cortázar Louis
Ferdinand Céline Lúcia Miguel-Pereira Luis Felipe C.
Mendes Luiz Vilela Manuel Bandeira Marcelo Moraes
Caetano Marcos Rey Margaret Atwood Margriet de
Moor Mario Benedetti Mario de Andrade Miquel-
Lluís Muntané Milan Kundera Moacyr Félix
Monteverdi Mozart Murilo Mendes Octavio Paz
Oto Maria Carpeaux Patativa do Assaré Paul
Claudel Pepetela Raimundo Carrero Robert
Creeley Salman Rushdie Silviano Santiago Toni
Belloto Vinicius de Moraes Richard Wagner William
Borroughs William Faulkner W.H. Auden

Parte II

BIBLIOGRAFIA

WISNIK, José Miguel - SOPEÑA, Frederico - SENNA,
Homero FONSECA, Aleilton RUCKERT, Ernesto von -
OLIVEIRA, Solange Ribeiro - GARCIA, Lauro Lisboa
ASSIS, Jamilie - de MARQUES, Pedro - CAETANO,
Marcelo Moraes NESTROVSKI, Arthur - RUCKERT,
Ernesto von - MARQUES, Pedro Soares - Rapahel
Jonatham de Oliveira WERNEY, Alfredo

DISSERTAÇÕES e TESES

V. Menção final: Olvidos misteriosos

VI. Índice de consulta simultânea

Dedicatória

À Adoniran Barbosa

Homenagem póstuma ao "cronista" musical paulistano,
em comemoração ao seu centenário

Abertura

"Tudo é muito bom, o verso e a viola. Mas o verso é mais importante. Você já leu meu livro Cante lá que eu canto cá? Ninguém faz aquilo só com a viola".

Patativa do Assaré

I. Prefácio

Fábio Lucas

(em preparo)

Fábio Lucas

Escritor, professor e crítico literário. Membro das Academias Mineira, Paulista e Brasileira de Letras.

II. Introdução

LITERATURA E MÚSICA

Luiz Antonio de Assis Brasil

A leitura deste excelente livro, pensado e organizado por José Domingas de Brito, enseja uma série de indagações, pois é múltiplo e completo. Seria impossível destacar um ou outro depoimento em especial e, por isso, prefiro dizer o que entendo acerca do assunto.

As relações entre a música e a literatura são tão antigas quanto essas duas formas de expressão artística. Desde a Antiguidade o texto literário adapta-se à música, bem como a música adapta-se ao texto literário, mais precisamente, ao poema. Se pensarmos, por exemplo, no *Cântico dos Cânticos* ou nos *Salmos*, percebemos com nitidez que foram textos escritos com a finalidade de serem recitados ou cantados ao som de instrumentos musicais; nos *Salmos*, em especial, encontramos inúmeras indicações destinadas aos músicos, tais como no Salmo 4, onde consta: "Ao mestre de canto. Com instrumentos de cordas". Outras vezes consta "Com flautas" e, em certa ocasiões, indicações bem precisas de técnica, como: "Uma oitava abaixo". São célebres as ilustrações que mostram Davi empunhando uma harpa.

De resto, na Antiguidade grega e romana era quase inadmissível que um poema fosse dito sem que se fizesse acompanhar de música: para tanto, o poema materializava-se em frases de cadência favorável ao canto, e mediante regras mais ou menos uniformes. Não esqueçamos também a imagem do imperador Nero, empunhando uma harpa enquanto incendiava Roma: não apenas uma melodia, mas uma elegia literária à cidade que perecia nas cinzas.

Procurava-se, como se percebe, captar o ouvinte pela palavra e pela música *ao mesmo tempo*.

Da Idade Média, passou ao nosso imaginário cultural a figura do trovador, simultaneamente poeta e músico, perambulando pelas aldeias com seu alaúde e seus poemas de caráter ora jocoso, ora erótico, ora satírico, ora de caráter sagrado, estes últimos celebrando cenas da vida dos santos ou na lembrança dos Sacramentos da Igreja. Rarissimamente a música era meramente instrumental: exceto no caso das danças, a melodia conjugava-se à palavra. Poucos foram os nomes desses poetas-músicos que chegaram até nós, mas quando chegam, chegam com a importância de um mestre como Roger von der Vogelweide.

O Renascimento e o proto-barroco vieram a dar uma contribuição que permanece até nossos dias. Os compositores do período, talvez - e isso os musicólogos ainda não esclareceram de modo cabal - imaginando que o coro de tragédia clássica significasse o grupamento musical que modernamente leva esse nome, criaram a *musica per drama*. Vemos aí que era não apenas o poema que instigava as imaginações, mas o texto dramático. Desse feliz equívoco, surgiu a ópera moderna, que mantém suas características quase inalteradas há cerca de quatro séculos.

O que é a ópera? Fundamentalmente, uma peça de teatro - portanto, *literatura* - que recebe um tratamento musical. Vários compositores seduziram-se por esta nova forma, passando pelo pleno Barroco, pelo Classicismo, pelo Romantismo, pelo Impressionismo e pela música contemporânea. Talvez seja Richard Wagner aquele que melhor entendeu os propósitos da ópera, denominando-a de *Gasamtkunstwerk*, ou a "obra de arte total". Wagner foi um criador artístico que durante muito tempo hesitou entre a carreira literária e a carreira musical: ele próprio foi o autor da maioria dos textos de suas óperas. Essa indecisão não foi exclusiva do Mestre de Bayreuth: sabemos o quanto o compositor Robert Schumann foi, e talvez com a mesma excelência, um poeta e crítico literário. Parece que esta tendência tornou-se uma constante no cenário das artes,

tanto que hoje é extremamente difícil encontrarmos músicos puros, isto é, músicos que deixam aos outros o tratamento literário de suas composições. Como exemplo do Século XX temos o nome de Karl Orff, com sua célebre *Carmina Burana*, cuja introdução *O fortuna* servia de introdução aos espetáculos de Michael Jackson. Orff musicou com extrema competência uma série de poemas medievais, elevando-os à grandeza de arte total.

Peço licença a meus ouvintes - e sem qualquer pretensão de comparar-me a esses gênios - para relatar uma experiência pessoal que não é apenas minha. Antes de dedicar-me por inteiro à literatura, fui durante 15 anos músico profissional da OSPA, na qualidade de violoncelista, e sempre entendi não haver qualquer incompatibilidade entre essas duas formas de expressão artística; a literatura acabou predominando por fatos apenas circunstanciais. Não foi uma opção traumática, tanto que hoje em dia é bem possível que eu destine mais horas a ouvir música do que a ler romances ou poemas. Percebo, também, o quanto a música foi importante na realização de meus textos como *Manhã transfigurada* ou *As virtudes da casa*. Nunca dou por pronto um parágrafo ou uma mera frase, sem submetê-los à leitura em voz alta, para descobrir-lhes eventuais problemas de ritmo. Daí ressalta a importância da respiração, pois é ela que determina o ritmo da leitura.

Santo Agostinho (354-430), em suas *Confissões*, narra: *Mas quando [Santo Ambrósio] lia, seus olhos divagavam pelas páginas e o coração penetrava-lhes o sentido enquanto a voz e a língua descansava. Nas muitas vezes em que me achei presente (...) sempre o via ler em silêncio, e nunca de outro modo.*

Esta última reflexão pode induzir ao entendimento das duas maneiras pela quais a música relaciona-se à literatura: por um lado, as formas musicais podem representar-se na música e, por outro, a música poderá dar o andamento rítmico ao período gramatical.

Quanto ao primeiro aspecto - as formas musicais representadas na narrativa - é preciso que se informe, de

modo esquemático, a questão da forma na arte dos sons. As peças de música erudita a que estamos acostumados a ouvir submetem-se a esquemas mais ou menos rígidos: assim, a sonata, a sinfonia e o quarteto, por exemplo, articulam-se dentro de um padrão fixo que os divide em quatro movimentos, que no período clássico fixaram-se em *allegro - andante - menuetto* e *finale*, em geral um *presto*. Interiormente, esses movimentos - em especial o primeiro - desenvolvem-se com a exposição do tema, reexposição, segundo tema, desenvolvimento, coda. Tudo isto pode parecer, como alguém disse, uma matemática da música; permito corrigir para *arquitetura da música*, que me parece mais apropriado, pois implica no construir segundo cânones. Assim compuseram Mozart e Haydn. Apenas alguns músicos, como o Beethoven dos últimos quartetos, ousaram romper. Como surgiram esses cânones? Não foi de um dia para o outro, isso é certo. Representaram uma evolução do antigo concerto do período Barroco, que, a propósito, possuía apenas 3 movimentos: um rápido, um lento e um rápido. Foi a escola de Mannheim, no século XVIII que fixou a fórmula que conhecemos.

Não se pense, entretanto, que esta arquitetura da música teve qualquer efeito de estilizar, empobrecer ou abstrair a inspiração e a beleza: ao contrário: disciplinando a emoção, obtive um pacto mais fácil com o ouvinte, captando sua adesão. Sabia-se o que se ia ouvir quanto à forma: essa segurança propiciava um clima adequado à fruição estética do ouvinte, que ficava à espera de como o compositor se haveria no manejo desse instrumental.

O texto literário é, de todas as artes, o mais suscetível de ser influenciado por outras formas de expressão, e hoje é possível afirmar que os movimentos da forma-sonata têm muito a ver com os capítulos ou segmentos da narrativa literária. É claro que não se fala de uma influência direta, rígida, e constatável à primeira leitura: trata-se mais de uma espécie de atitude narrativa que segmenta o texto em fragmentos que, muitas vezes, alternam as expressões do introspectivo com o

extrospectivo, o cômico com o sério, a ação com a reflexão. Exemplos há, na História da Literatura, que são modelos do que estamos a falar. E refiro-me, aqui, em especial, ao escritor cubano Alejo Carpentier; Carpentier, como se sabe, foi músico na juventude, sendo um pianista de reais méritos - aliás, sua história familiar o levava a isso: teve uma avó que foi aluna de César Frank, e seu pai, um famoso arquiteto francês, foi aluno de violoncelo de Pablo Casals. Carpentier nunca negou a importância da forma musical na composição de seus romances, e aqui seria importante ouvi-lo em uma entrevista dada em 1963 à Rádio-Televisão Francesa, referindo-se a *El acoso* (O cerco). Apenas para lembrar: a ação narrativa dá-se em um teatro de Havana, durante uma execução da 5ª Sinfonia de Beethoven; um ativista político é perseguido pelo interior do teatro enquanto a orquestra toca. Diz Carpentier [aliás, já citado neste livro], em obra publicada pelo Instituto do Livro de Cuba: *Como antes trabalhei sobre a música, quis fazer um relato que fosse um pouco a forma da sonata, uma construção tripartida. Há uma primeira parte que é a exposição dos três personagens, quer dizer, dos três temas; há um jogo de variações centrais; há, no final, o que na música corresponde à coda. Então, tratei de fazer uma novela que pudesse ser lida de uma única leitura e que ficasse limitada no menor tempo real. Tomei como base uma sinfonia de Beethoven e, como sua execução dura geralmente quarenta e cinco minutos, situei minha ação no lapso dos 45 minutos.* Bem mais tarde, em 16 de junho de 1975, em uma entrevista à *Quinzaine Littéraire* de Paris, ele afirma: *Ao estudar a sonata - a sinfonia, o concerto e a sonata são praticamente a mesma coisa desde o ponto de vista da forma - me perguntei: por que o músico tem à sua disposição meios estruturais que o escritor não tem? Quando se compõe uma sinfonia ou uma sonata, se sabe muito bem até onde se pode chegar: estão aí as repetições, os mecanismos estabelecidos previamente, as variações - para mim, a variação é a forma suprema da música, em certo sentido - e, de acordo com isso, escrevi a novela El acoso que é, entre todas minhas novelas, a que talvez tenha tido o*

menor número de leitores, ainda que Sartre tenha considerado a melhor.

Aliás, um crítico europeu, citado pelo mesmo Carpentier, disse que *El reino de este mundo* era um quarteto; *El acoso*, uma sonata; *El siglo de las luces* uma sinfonia. E são palavras de Carpentier: "É evidente que no *El siglo de las luces* eu me propus, premeditadamente, escrever uma espécie de *Sinfonía del Caribe*".

Não estou advogando um reducionismo dessa natureza, mas o caso de Carpentier é exemplar de um escritor que deixou pública sua admiração e a influência sofrida pelas formas musicais. Muitas vezes me ocorre a mesma pergunta de Carpentier, e pensando nisso, percebo que a simples análise estrutural de alguns dos melhores romances de nossa literatura revela uma fidelidade espantosa a uma organização prévia onde não raramente está viva a disposição em algo que poderíamos chamar de *movimentos*. Uma obra como *Os sinos da agonia*, de Autran Dourado, é uma amostra bem nítida. Alternando vozes narrativas que se cruzam, trazendo história mediante a visão sucessiva de várias personagens, estabelece uma exposição de temas que ganham, no decorrer da narrativa, inúmeras variações. Não é por nada que *Os sinos da agonia* erige-se à dimensão de obra literária superior.

Em segundo lugar, e esta é uma influência mais do que clara, a música é importante no próprio escandir das frases. Sem falar na poesia, que é o gênero literário sonoro mais evidente, tanto que a métrica ou o simples ritmo é um dos pontos capitais de qualquer texto dessa natureza, é impossível negar que também a narrativa, quando bem tratada, leva em consideração a cadência da frase. Temos aqui o caso exemplar de Flaubert, que recitava a plenos pulmões parágrafos inteiros de *Madame Bovary*, o que é atestado por seus vizinhos. E o fazia na intenção de dar um aspecto sonoramente bom ao material literário. A frase inaugural de *Madame Bovary* serve de exemplo: *Nous étions à l'étude, quand le proviseur entra, suivi d'un nouveau habillé en bourgeois e d'un garçon de classe que portait un*

grand pupitre. Observe-se aí uma frase praticamente composta por 3 compassos de oito acentos.

Aliás, na denominação musical, o termo *frase* é de uso regular, mostrando a analogia entre essas duas formas artísticas: a música e a literatura. No caso de Flaubert, foi uma busca consciente, predeterminada. É entretanto aceitável que os outros autores tenham obtido essa sonoridade de modo inconsciente. O ritmo, portanto, incorpora-se imperceptivelmente à escritura, e o leitor sabe detectar quando esse ritmo é atropelado.

Entendemos, assim, que a música articula-se à literatura de duas maneiras: no primeiro caso, que diríamos *extrínseco*, a música estabelece formas exteriores ao texto; no segundo, a música colabora especialmente com o ritmo. O leitor, mesmo desconhecendo os cânones musicais, percebe, de modo difuso - mas nem por isso menos verdadeiro - o quanto o texto agrada por uma instância extraliterária, que é a instância musical.

Ler esta obra é constatar a verdade disso tudo pela boca e pensamento de quem sabe muito mais do que eu.

Boa leitura.

Luiz Antonio de Assis Brasil

Escritor, músico, professor de criação literária e Secretário de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

III. Apresentação

AS LETRAS NA PAUTA

Jorge Fernando dos Santos

Música e literatura sempre andaram juntas, desde a antiguidade. O ritmo é parte integrante da escrita, mesmo quando não se trata de texto poético. Enquanto isso, ao longo da história, a poesia se fez presente na ópera, nos jograis e na canção popular, cobrindo de redondilhas os acordes musicais.

Isso talvez explique o envolvimento de escritores com a música e de músicos com a literatura. Poetas clássicos tiveram versos musicados por compositores eruditos. Basta lembrar a Ode à Alegria, de Schiller, pioneiramente incluída por Beethoven no quarto movimento de sua 9ª Sinfonia.

No século XX, o dramaturgo e poeta andaluz Federico García Lorca também se dedicou ao violão flamenco na mesma proporção em que o lusitano Fernando Pessoa teve poemas musicados por compositores de variados estilos. Grandes ficcionistas como os norte-americanos Paul Bowles e Ralph Ellison foram ligados ao mundo do jazz, enquanto o canadense Leonardo Cohen consagrou-se como poeta e compositor.

O fenômeno é universal, mas é no Brasil que ele toma dimensões qualitativa e quantitativamente admiráveis. Basta lembrar os poetas populares do Nordeste, dedicados à tradição do cordel e do coco de embolada. Patativa do

Assaré, por exemplo, fez poemas e canções, tendo seus versos também musicados e interpretados por outros artistas.

Um dos primeiros a investigar a cultura musical brasileira foi o modernista Mário de Andrade. Influenciado por esse trabalho, ele compôs o clássico caipira *Viola Quebrada*, em parceria com Ary Kerney. Manuel Bandeira teve versos musicados por Villa-Lobos e, mais tarde, por Tom Jobim. Ferreira Gullar fez parcerias com Fagner, Milton Nascimento e Paulinho da Viola, além de incluir no Poema Sujo uma letra para *O Trenzinho do Caipira*, de Villa-Lobos. Drummond e Henriqueta Lisboa também tiveram poemas musicados por diversos compositores. Fernando Sabino era baterista nas horas vagas.

Contudo, o autor brasileiro que fez a grande travessia da poesia canônica para a canção popular foi Vinicius de Moraes. Pode-se dizer que sua contribuição ao cancioneiro nacional foi mais determinante do que ao universo poético propriamente dito. Ao convidar Tom Jobim para compor a trilha do musical *Orfeu da Conceição*, o “poetinha” acabou se tornando um dos pais da Bossa Nova. O movimento mudaria para sempre os rumos da canção popular, influenciando músicos em vários países.

Herdeiros da arte de Vinicius, compositores como Aldir Blanc, Caetano Veloso, Chico Buarque, Fernando Brant, José Miguel Wisnik e Paulo César Pinheiro – também sob a influência de Guimarães Rosa – se renderam ao fascínio das letras, passando a escrever crônicas, ensaios, ficção e poesia, confirmando a vocação múltipla dos autores nacionais.

Neste livro, organizado pelo bibliotecário e bibliófilo José

Domingos de Brito, o tema é fartamente abordado por dezenas de escritores de vários países. A publicação, que se acrescenta à coleção Mistérios da Criação Literária, é mais uma importante contribuição do site Tiro de Letra ao estudo da literatura e de sua relação com as outras artes em todo o mundo.

Jorge Fernando dos Santos

Compositor, escritor e jornalista atuante em Belo Horizonte.

IV

PRINCÍPIOS DOS MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

José Domingos de Brito

Meu interesse em especular as relações da literatura com a música se deu a partir da declaração (e reiteração) de João Cabral de Melo Neto, dizendo que não gosta de música. Abriu uma exceção apenas para o flamenco, que conheceu em Sevilla, enquanto diplomata; e para o frevo, devido a sua origem pernambucana. Fiquei matutando: como é possível o autor de um poema como “Morte e vida severina”, musicado por Chico Buarque, não gostar de música? Vale dizer que se trata de um poema/canção que contribuiu significativamente para projetar estes dois expoentes da literatura e da música no cenário nacional. Só mais tarde, é que o meu espanto foi dissipado através de uma entrevista de Ferreira Gullar, dizendo que isso não era verdade e que João Cabral, nessa questão, mentia com muito talento.

Assim, passei a reparar nas entrevistas com escritores que as perguntas sobre tais relações são mais freqüentes do que eu supunha. Em seguida fui verificar a bibliografia referente à este relacionamento e deparei com uma quantidade razoável de livros, artigos, teses e ensaios publicados. Desse modo, foi concebido o 6º volume da obra “Mistérios da criação literária”. Mas foi no decorrer de sua feitura que verifiquei que as relações da literatura com a música são mais antigas do que imaginamos; que a música

pode ser entendida como uma “literatura cantada”; que o ritmo também é uma característica literária; que a “frase” é fundamental tanto na literatura como na música; que soneto e sonata têm em comum não apenas o radical da palavra; que, enfim, são expressões de um mesmo sentimento humano com características semelhantes.

Porém, as diferenças são também marcantes: basta ver que a música, por ser imaterial, é “absorvida” imediatamente pelo sentido; enquanto a literatura para ser “inoculada” exige, além da leitura, o raciocínio. Mas quem sou eu para falar dessas semelhanças e diferenças? Para isto procurei o auxílio de quem é do ramo, dos amigos que vieram expor suas reflexões tanto nas apresentações como nas orelhas do livro. Neste sentido, tanto eu como os leitores, foram contemplados com alguns ensaios de experientes autores nestas duas áreas. E assim concluímos mais uma etapa na construção da obra.

José Domingos de Brito

Bibliotecário, editor do site www.tirodeletra.com.br e organizador da obra “Mistérios da criação literária

Parte I

DEPOIMENTOS

Affonso Romano de Sant'Anna

"Os músicos aprenderam muito com a literatura, Chico, Caetano, Gil, aprenderam muito. E praticaram isso. Mas há um mal-entendido em tudo isso, porque fica parecendo de repente que são os maiores poetas brasileiros. Então, uma coisa que tem que ser esclarecida é o seguinte: eles são muito bons poetas, com a música atrás. Se tirar a música e deixar só o texto, poucos textos deles vão resistir, ao passo que, desses 635.867 poetas literários que existem no Brasil, você encontra letristas, quer dizer poetas muito mais elaborados, muito mais sofisticados que esses músicos populares. Apenas não têm o trânsito, nem a popularidade, porque não têm a música atrás deles, nem as gravadoras entornando dinheiro em cima. Eu me lembro que numa conferência que eu fiz aqui, no MAM, sobre música popular, alguns compositores que estavam na mesa se assustaram com o fato de eu dizer isso. Que dentro da literatura havia um bando incrível de poetas totalmente desconhecidos e que eram mil vezes melhores do que os compositores. Apenas eles eram desconhecidos. Porque para eles os poetas da série literária eram apenas João Cabral, Drummond, Cassiano e coisas que tais, porque não sabiam que o poeta da série literária é geralmente desempregado".

Fonte: Escrita, S.Paulo. v. 2, n. 16, 1977 - Astolfo Araújo e Wladyr Nader

Afonso Romano de Sant'Anna

Nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 27/03/1937. Poeta, ensaísta, professor e doutor em literatura pela UFMG. Teve atuação destacada no movimento literário dos anos 1950 e 1960, além de intensa vida acadêmica no Brasil e no exterior. Publicou seu primeiro livro *Canto e palavra* em 1965 e passou a escrever para os principais jornais do país, sem jamais abandonar a poesia. Publicou *Poesia sobre poesia* (1975), *Que país é este?* (1980) e *A morte da baleia* (1991). Na prosa, destacam-se: *Carlos Drummond de Andrade - análise da obra* (1980), sua tese de doutoramento, *Análise estrutural do romance brasileiro* (1973) e *Por um novo conceito de literatura brasileira* (1978). Por seis anos (1990-1996) dirigiu a Biblioteca Nacional, dotando-a de uma flexibilidade administrativa e modernizando muitos de seus serviços. Em 1998, foram reeditados e reunidos num só livro *A grande fala do índio guarani* e *A catedral de Colônia*. Seu interesse pela arte barroca rendeu dois livros: *Barroco, a alma do Brasil* (1997) e *Barroco, do quadrado à elipse* (2001). Tem cerca de 70 livros publicados, e em 2000 prestou uma contribuição significativa à quem quiser se aventurar pelos caminhos da literatura, lançando *A sedução da palavra*, uma espécie de manual introdutório à criação literária. Em 2004 foi publicada sua *Poesia reunida 1965-1999*, em dois volumes. Seus lançamentos mais recentes é uma coletânea de ensaios ou crônicas culturais, como o autor prefere chamá-las: *A cegueira e o saber* (2007) e o livro de poemas *Exercícios de finitude* (2011).

Aldous Huxley

“O que há de maravilhoso na música é o fato de que ela realiza de modo tão fácil e rápido aquilo que somente de maneira muito trabalhosa pode ser feito com palavras, ou que não pode ser, absolutamente, feito. É inútil até mesmo sequer escrever-se musicalmente. Mas eu o tentei em alguns de meus ensaios – em Themes and variations, por exemplo. Além disso, tenho usado, em algumas de minhas histórias, o equivalente a variações musicais, quando tomo certos traços de caráter e os trato, num personagem, comicamente e, depois, noutra personagem, como uma espécie de paródia”.

Fonte: COWLEY, Malcolm. *Escritores em ação: as famosas entrevistas à Paris Review*. R.Janeiro: Paz e Terra, 1968, p. 213-235.

Aldous Leonard Huxley

Nasceu na Inglaterra, em 26 de julho de 1894. Descendente de duas das mais eminentes famílias vitorianas, herdou a ciência e as letras de seu avô T. H. Huxley e de seu tio-avô Matthew Arnold, respectivamente. Diplomado em Literatura Inglesa, conquistou o público como romancista satírico. Seu primeiro livro, *Come Yellow*, surgiu em 1921, mas só em 1932 é que veio a ficar famoso com o lançamento de *Brave New World* (*Admirável Mundo Novo*). Anos mais tarde retornou ao tema de seu livro mais popular e lançou *Brave new world revisited* (1958). Escreveu versos, ensaios e trabalhos históricos. Sua produção é variada e inclui livros sobre a mesalina: *As portas da percepção* (1954); sobre a guerra nuclear: *Ape and essence* (1948); e a tecnologia

moderna: *Sciences, liberty and peace* (1946). Seu último livro foi *A ilha* (1962), uma espécie um tanto estranha de ficção, um tipo de fantasia oposto a *Brave new world*. Em 2001, a Editora Globo lançou boa parte de sua obra traduzida em formato normal e em pocket book: *Sem olhos em Gaza*, *Contraponto*, *O céu e o inferno*, *O macaco e a essência*. Já houve quem dissesse que Huxley foi um dos escritores mais prodigiosamente eruditos não só do século passado, mas de todos os tempos. Faleceu em 22 de novembro de 1963.

Alejo Carpentier

"Uma coisa é fazer literatura e outra coisa é escrever textos para um músico. A obra literária está destinada a imprensa; deve bastar-se a si mesma. Enquanto que o texto destinada a inspirar uma partitura deve ser completado pela música; deve exigir, por si mesmo, a intervenção do comentário sonoro; deve inclusive ter "occos" destinados a ser preenchidos com os sons. É muito difícil que um compositor consiga escrever uma obra mestra com um poema perfeito. Porque se corre o perigo do músico ser assassinado pelo poema ou que o poema seja assassinado pela música. E não citemos aqui os casos, excepcionais, que nos oferecem Debussy e Fauré. Isto sem contar que se bem escreveram páginas maravilhosas com versos de Baudelaire, Verlaine ou Maeterlinck, não puderam impedir que ditos versos seguissem desfrutando de vida própria, independentemente de suas versões sonoras... Quer dizer que colaborar com um músico é, para mim, trabalho sumamente delicado para um

escritor. É preciso que este último saiba quase tanto sobre música como o compositor. Que o conheça a fundo. Que estude sua obra ,seus métodos harmônicos, suas possibilidades. Não se escreve o mesmo poema para Amadeo Roldán e Edgar Varèse, por exemplo. Ambos tratam a voz de distinta maneira. Concebem a música de outro modo... Uma vez encontrado o tom lírico que convém a um compositor, é preciso realizar o texto pedido, tendo em conta las exigências da execução musical. Segundo o compositor pretenda escrever um lento ou um *allegro*, se exigirão palavras curtas ou grandes. Se cuidará que os momentos de intensidade em que o cantor deve produzir o máximo de sonoridade de sua garganta, sejam construídos com palavras que incluam vogais abertas, próprias para a emissão do som. Se empregarão termos simples e diretos, que o ouvido perceba facilmente através da música. Se eliminarão os adjetivos rebuscados, que só criam confusão no verso musical, sem dotá-lo de maior sentido. Se trocarão o metro e a rima - inúteis, musicalmente falando - por uma prosa rítmica, cujos acentos ajudem ao músico a "escandir" o texto. Para corais, o *libretista* deve construir textos a dois, três ou mais vozes, realizando um verdadeiro contraponto de palavras. Por exemplo se os *soprani* e tenores nos narram uma história, em boca dos baixos e barítonos. Estes últimos, dotados de uma voz mais grave, devem servir para acentuar o discurso de outras vozes - como se fossem instrumentos de percussão -, produzindo simples vocais, gritos ou uma declamação que apoie as vozes agudas. O libreto de uma ópera deve ser construído como uma partitura. E, se nos parece necessário e a ação o exige, o poeta deve ser capaz de construir fugas, cânones, corais ou imitações com simples

palavras, de acordo com os exemplos de forma musical tomados na obra de Bach..."

Fonte: Carteles (La Habana), 07/08/1932

Alejo Carpentier y Valmont

Nasceu em Havana, Cuba, em 26 de dezembro de 1904. Jornalista, deputado, musicólogo e diplomata. Recebeu diversos prêmios internacionais, tais como o Miguel de Cervantes, em 1978 e o Alfonso Reyes em Ciencia y Literatura, em 1975. Seu primeiro sucesso editorial foi *Los pasos perdidos* (1953), história de uma expedição musicológica que adentra a selva equatorial em busca de instrumentos folclóricos. Sua obra *O século das luzes* (1963) figura no índice das grandes obras da literatura universal. Narra a penetração das idéias da Revolução Francesa nas ilhas do Caribe. Publicou ainda muitas outras, das quais destacam-se: *La sensualidad pervertida*, *El árbol de la ciencia*, *El acoso*, *La musica en Cuba* etc. Foi considerado o escritor oficial do regime cubano, o que lhe valeu muitas críticas dos colegas latino-americanos anti-castristas. Seu estilo é barroco, metafórico, repleto de expressões dialetais e neologismos técnicos. Faleceu em 24 de abril de 1980, em Paris.

Anthony Burgess

"Estou trabalhando em um musical de Ulysses. Estou muito mais inclinado a voltar para a música. Fui convidado a escrever um concerto para clarineta e a música que fiz para Cyrano foi bem recebida... Aprende-se bastante (no planejamento de romances) com formas musicais. Estou planejando um romance no estilo de uma sinfonia clássica - minuetto e tudo. As motivações serão puramente formais, de modo que uma parte do desenvolvimento em que são representadas fantasias sexuais poderá seguir-se a um exposição realista, sem explicação nem estratagemas intermediários, voltando a ela (agora como recapitulação) com a mesma ausência de justificativa psicológica ou artifício formal... Creio que a música ensina a profissionais de outras artes estratagemas formais úteis; mas o leitor não precisa conhecer sua procedência. Eis um exemplo: um compositor modula de uma clave a outra com o uso do acorde 'ambíguo', o sexto aumentado (ambíguo porque é também o sétimo dominante). Em um romance, pode-se mudar de uma cena para outra usando uma frase ou uma afirmação comum a ambas - isso é muito frequente. Se a frase ou afirmação significa coisas diferentes nos diferentes contextos, fica mais musical ainda... Concordo que as analogias musico-literárias podem ser tênues, no mais amplo sentido formal possível - formas como sonata, ópera e assim por diante -; mal começamos a explorar as possibilidades. O romance que estou escrevendo sobre Napoleão imita formalmente a Heróica - suscetível, viva, rapidamente transicional no primeiro movimento (até a coroação de Napoleão); lenta, muito calma, com cadência que sugere uma marcha fúnebre para o segundo. Isso não é pura fantasia: é uma tentativa de unificar uma grande quantidade de material histórico no

espaço relativamente curto de cerca de cento e cinquenta mil palavras. Quanto ao leitor ter de conhecer música, isso realmente não é muito importante. Em um romance escrevi: 'A orquestra atacou um ruidoso acorde de doze notas, todas diferentes'. Os músicos ouvem a dissonância, os que não são músicos não ouvem, mas não há nada aí que os impeça de continuar a ler. Não entendo de termos de beisebol, mas mesmo assim aprecio *The natural*, de Malamud. Não jogo bridge, mas acho empolgante o jogo de bridge em *Moonraker*, de Fleming - o que importa são as emoções transmitidas, não o que os jogadores fazem com as mãos".

Fonte: *Os escritores 2: as históricas entrevistas da Paris Review*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

"São artes diferentes, é certo. Mas tenho de confessar que a minha não era uma família literária. Era uma família musical. É algo interessante, sob o ponto de vista social, porque não nos era permitido ser outra coisa. Nossa família era católica num país protestante. Católicos não tinham permissão para freqüentar universidades na Inglaterra. Não podiam se tornar médicos, advogados ou professores. A única coisa que podiam fazer até 1829, quando veio o ato de emancipação, era se tornar 'entertainers'. É um traço que permaneceu. Minha mãe, como você bem lembrou, dançava e cantava. Meu pai tocava piano. E eu via minha vida como um músico, até que descobri que tinha de escrever livros (Burgess sublinha com a voz o "tinha de escrever", como se estivesse falando de um destino inevitável e irrecorrível). Tornei-me, então, o primeiro literato da família. E o último. Porque, comigo, minha família termina... Principalmente porque eu

precisava sobreviver! E você não pode ganhar a vida fazendo música séria. Escrever uma sinfonia é algo trabalhoso, toma um tempo enorme. Se você compõe, é preciso, depois, copiar as partituras - o que custa dinheiro - e organizar uma performance. O público vai ou não vai. E é tudo. Não se ganha a vida assim. Se você faz música pop, como os Beatles, você pode ganhar, pelo contrário, um bocado de dinheiro. Já na literatura há um pouco de dinheiro, sim. Mas não muito! Um pouco só! Ora, este é um problema para artistas de várias áreas. É difícil, bem difícil. Antigamente, havia os mecenas, grandes nobres e aristocratas que podiam financiar os escritores e músicos... A gente tem de viver! Não se pode viver de música. Ainda escrevo música. Venho planejando uma ópera baseada na vida de Sigmund Freud. Quem vai apresentá-la? Não sei. O que sei é que ela tem de ser feita (de novo, Burgess empresta um tom dramático às palavras, como se estivesse se rendendo ao destino).

Fonte: www.geneton.com.br/archives/000150.html
(18/10/2009)

John Anthony Burgess Wilson

Nasceu em 25 de fevereiro de 1917, na Inglaterra. Romancista, jornalista, ensaísta e músico nas horas vagas. Logo após diplomado em literatura, em 1940, foi lecionar no Colégio do Exército, onde chegou ao posto de sargento. Gibraltar, onde serviu por três anos, foi o cenário de seu primeiro romance, *A Vision of battlements* (1965). Após a guerra, viajou pelo mundo e retornou a Londres em 1959 para se tornar escritor profissional e destacado crítico. Tem diversos romances publicados, *One hard copping* (1961) e

Inside Mr. Enderby (1963), sob o pseudônimo Joseph Kell. Seu livro mais conhecido no Brasil é Laranja mecânica (1962), em razão da polêmica filmagem de Stanley Kubrick. Além de ficção, dedicou-se ao ensaio, gênero em que se destacam: Re-Joyce (1965) e The novel now (1967); antologia: Urgent copy (1968); e biografia: Shakespeare (1970). Outros títulos de sua obra: Beds in the east (1959), The doctor is sick (1960), Devil of a state (1961), The wanting seed (1962), Nothing like the sun (1964), Tremor of intent (1966), Napoleon simphony (1974), Earthly powers (1980). Os três últimos títulos foram traduzidos entre nós como A última missão, Sinfonia Napoleão e Poderes terrenos, respectivamente. Como músico, teve uma de suas sinfonias executadas na montagem da tradução que fez de Cyrano de Bergerac. Faleceu em 1993.

Antonio Cícero

"Os primeiros poemas meus que foram musicados não haviam sido feitos para isso. Minha irmã, Marina, subtraiu-os de uma gaveta e os musicou, sem o meu consentimento. Entretanto, gostei muito de ouvi-los musicados. A partir disso, além dos versos que continuei a fazer para serem lidos, comecei a fazer versos especificamente para virarem canções. Ademais, passei a fazer versos para melodias previamente compostas por Marina ou por outros compositores. As melodias, nesses casos, funcionavam como espécies de formas fixas para os versos. Paralelamente, continuei a escrever poemas para serem somente lidos. São os trabalhos em que me reconheço mais inteiramente. Como não sou cantor nem compositor, nem músico, as letras que

escrevo sempre fazem parte de alguma obra de outra pessoa. Elas são mediadas por outras pessoas. Não acho que o resultado dessa mediação seja ruim: ao contrário, tenho meus parceiros como grandes artistas. Entretanto, as composições que fizemos juntos não são obras totalmente minhas, ao contrário dos poemas que faço para serem lidos. Incluí no Guardar algumas letras, seja porque já eram poemas antes de serem musicadas, seja porque constituem unidades autônomas, mesmo independentemente das melodias a que estão associadas; mas constituem exceções. A verdade é que nem todos os versos musicados ficam bem, quando despidos da música. Por outro lado, nem todos os poemas ficam bem, quando são musicados. A questão da relação entre letra de música e poesia é muito discutida no Brasil, principalmente porque alguns compositores que nunca publicaram livros de poemas são, apesar disso, reconhecidos como grandes poetas. É o caso de Caetano Veloso. A questão é normalmente posta do seguinte modo: "letra de música é poema?" A expressão "letra de música" já indica de que modo essa questão deve ser entendida, pois a palavra "letra" remete a escrita. O que se quer saber é se a letra, separada da música, constitui um poema escrito. Essa formulação é inadequada. Desde que as vanguardas mostraram que não se pode determinar ex ante quais são as formas lícitas para a poesia, qualquer coisa pode ser um poema. Se um poeta escreve letras soltas na página e diz que é um poema, quem provará o contrário? A verdadeira pergunta parece ser, portanto, se uma letra de música é um bom poema. Entretanto, mesmo esta última pergunta ainda não é suficientemente precisa, pois, do ponto de vista modal, pode estar a indagar duas coisas distintas: (1) se

uma letra de música é necessariamente um bom poema; e (2) se uma letra de música é possivelmente um bom poema. Quanto à pergunta (1), é evidente que deve ter uma resposta negativa. Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema. Mas talvez o que se deva perguntar é se uma boa letra é necessariamente um bom poema. Ora, também a essa pergunta, a resposta é negativa. Quem já não teve a experiência, em relação a uma letra de música, de se emocionar com ela ao escutá-la cantada, e considerá-la insípida ao lê-la no papel, sem acompanhamento musical? Não é difícil entender a razão disso. Um poema é um objeto autotélico, isto é, ele tem o seu fim em si próprio. Quando o julgamos bom ou ruim, estamos a considerá-lo independentemente do fato de que, além de ser um poema, ele tenha qualquer utilidade. Uma letra de música, por outro lado, é heterotélica, isto é, ela não tem o seu fim em si própria. Para que a julguemos boa, é necessário e suficiente que contribua para que a obra musical de que faz parte seja boa. Em outras palavras, se uma letra de música servir para fazer uma boa canção, ela é boa, ainda que seja ilegível. E a letra pode ser ilegível porque, para se estruturar, para adquirir determinado colorido, para ter os sons ou as palavras certas enfatizadas, ela dependa da melodia, da harmonia, do ritmo, do tom da música à qual se encontra associada. Assim, uma boa letra de música não é necessariamente um bom poema. A resposta para (2), por outro lado, é evidentemente positiva. Os poemas líricos da Grécia antiga e dos provençais eram letras de músicas. Perderam-se as músicas que os acompanhavam, de modo

que só os conhecemos na forma escrita. Ora, muitos deles são considerados grandes poemas; alguns são enumerados entre os maiores que já foram feitos. Além disso, nada impede que um bom poema, quando musicado, se torne uma boa letra de música. Assim, uma letra de música pode ser um bom - ou mesmo um grande - poema. Apesar disso, pouquíssimas letras contemporâneas chegam a ser bons poemas; mas também, de maneira geral, a verdade é que pouquíssimos poemas - contemporâneos ou não - chegam a ser bons. A poesia aspira ao nec plus ultra. O medíocre lhe é tão intolerável quanto o ruim. Horácio é quem melhor o diz: *Mediocribus esse poetis non homines, non di, non concessere columnae* ("que sejam medíocres os poetas, nem os homens, nem os deuses, nem as colunas concedem"). Hoje em dia, quem não é poeta acha fácil fazer poesia. O verdadeiro poeta é aquele que sabe que fazer poesia é extremamente difícil.

Fonte: <http://www2.uol.com.br/antoniocicero/> (03/02/2010)

"No passado, os escritores herdavam as formas prontas de poesia: os sonetos, as redondilhas, etc. No nosso século, essas formas fixas se perderam, passaram a ser contestadas e até mesmo ridicularizadas. Mas a música vem oferecer ao letrista uma nova forma fixa que não é vista como ridícula. São as formas fixas, na verdade, que estimulam o trabalho do poeta, que permitem que ele seja feito, e só quem não é poeta se atrapalha com elas. Elas são grandes oportunidade de jogos, de brincadeiras com as palavras. É maravilhosa

essa técnica em que a música força o poeta a se enquadrar. Já vi muitos poetas se glorificarem que só fazem leras se podem escrevê-las primeiro, antes da música. Aço isso uma bobagem... A invenção de novas formas faz com que as formas tradicionais percam a aparência de sagradas. Por isso, podemos voltar, hoje, às formas fixas. Muitos de meus poemas são sonetos – e escrever sonetos, em um determinado momento de nossas vidas, parecia uma atitude reacionária. Nesse momento, a música popular foi uma saída para os poetas que gostam de trabalhar com formas fixas. Tome um grande poeta como Chico Buarque. Ele gosta de escrever versos tradicionais, em forma de rimas. Se ele praticasse esse tipo de poesia em livro, seria chamado de reacionário, de conservador. Mas n música ele faz e ninguém pode dizer nada. Logo, a música popular permitiu que se exprimissem esses talentos poéticos que gostam de formas tradicionais, como Chico Buarque e Caetano Veloso, e sem ela não teriam como se expressar e talvez até se calassem... Nunca achei que o fato de ser letrista me atrapalhasse o percurso de poeta. Há uma diferença básica: para escrever letras eu dependo sempre de outras pessoas. Eu não faço música, não componho, não sei cantar. A música, para mim, envolve muitas outras pessoas (o parceiro, o instrumentista, o cantor, o arranjador), não é uma atividade solitária como a poesia. Há algo de vulgar, sim, na música, pois ela é uma atividade ligada à indústria. Isso não quer dizer, no entanto, que seja melhor o poema que eu escrevo sozinho do que a letra que faço no embate com o mundo real”.

Fonte: O Estado de São Paulo, 21/12/1996 – José Castello

“O bom letrista faz a letra para uma melodia já dada. Isso significa que ele já toma a música dada como um elemento expressivo. Ele leva em conta também o fato de que a letra vai ser escutada e não lida. Por exemplo, certas palavras se tornam mais ambíguas quando são escutadas do que quando são lidas, e isso é um dos fatores manipulados pelo poeta, que precisa decidir em cada caso entre explorar a respectiva ambigüidade ou evitá-la. Além disso, quando uma letra é feita para uma melodia, é esta que determina a sua estrutura formal, funcionando como uma espécie de forma fixa. Se uma forma fixa tradicional, como um soneto, é uma forma fixa específica, a forma fixa constituída por uma melodia é uma forma fixa individual. Pois bem, uma forma fixa é sempre uma limitação. Gosto de tais limitações. Nunca é demais citar Valéry: ‘É poeta aquele a quem a dificuldade inerente ao verso dá idéias – e não o é aquele a que ela as retira’. É por isso que achei interessante, no meu livro, explicar que textos são escritos para melodias e que textos foram musicados depois de escritos. Contudo, se as diferenças entre letra de música e poema livresco fossem essenciais, não poderíamos hoje apreciar a poesia grega antiga, por exemplo – que era musicada – já que perdemos a música que a acompanhava. Tratam-se, portanto, de diferenças meramente acidentais. Quanto ao fato de que quase todas as letras de música são vulgares, é preciso observar que o mesmo pode ser dito de quase todos os poemas livrescos. Isso significa que a crítica não tem fundamento para estabelecer qualquer relação hierárquica entre poema e letra de música. Ela deve despreconcebidamente considerar cada caso individual, cada poema e cada letra de música”.

Fonte: Correio Braziliense, 02/10/1997 – Newton Araújo Jr.

Antonio Cícero Correa Lima

Nasceu em 1945, no Rio de Janeiro. Poeta, compositor filósofo graduado em Londres e pós-graduado nos EUA. Suas atividades se repartem entre o domínio da poesia e o da filosofia. Embora escreva poesia desde a adolescência, essa produção não começou a aparecer em periódicos ou livros, mas sim na forma de letras de canções quando poemas seus foram musicados por sua irmã, Marina Lima, que, ao fazê-lo, dava início à sua própria carreira de compositora e cantora. A partir desse momento, sem abdicar de escrever poemas destinados a serem lidos - muitos dos quais acabaram sendo publicados em periódicos - passou também a escrever poemas feitos para constituírem as letras das melodias que logo passou a receber, inicialmente de Marina mas logo também de novos parceiros (entre os quais figuram Lulu Santos, Adriana Calcanhoto, Orlando Moraes e João Bosco, por exemplo). Em 1996 reuniu seus próprios poemas prediletos no livro *Guardar* (Ed. Record), que foi vencedor do Prêmio Nestlé de Literatura, na categoria Estreante. Em 1997, publicou o disco Antonio Cícero por Antonio Cícero (Ed. Luz da Cidade), em que recita poemas de sua autoria. Poemas seus constam da antologia bilíngüe *Outras praias / Other Shores* (Ed. Iluminuras, 1998), da antologia *Esses poetas* (Ed. Aeroplano, 1999, da antologia *41 poetas do Rio* (Ed. Funarte, 1999), e da coletânea de textos *Mais poesia hoje* (Ed. Universidade Federal Fluminense, 1999). De 1991 a 1992, trabalhou junto com o professor Alex Varela, Coordenador de Estética e Teoria das Artes no Galpão das Artes do MAM, onde ministrou diversos cursos e pronunciou

inúmeras palestras. Em 1993, concebeu a organização de uma série de ciclos de conferências que reunissem grandes pensadores e artistas em torno de alguns dos temas decisivos deste final de século. Sob a orientação dele e de Waly Salomão, três desses ciclos foram realizados, parte no Rio de Janeiro, parte em São Paulo, reunindo poetas do calibre de João Cabral de Mello Neto, John Ashbery, Haroldo de Campos, Derek Walcott e Joan Brossa, artistas como os diretores Peter Sellers, José Celso Martines Correa e Arnaldo Jabor, e pensadores como Richard Rorty, José Arthur Giannotti, Ernest Gellner, Darcy Ribeiro, Peter Sloterdijk, Hans-Magnus Enzensberger e Tzvetan Todorov, entre outros. Em 1994, junto com Waly Salomão, organizou o livro *O relativismo enquanto visão do mundo* (Ed. Francisco Alves), que reuniu as contribuições referentes a um desses ciclos. No mesmo ano, participou da Bienal Internacional do Livro, de Frankfurt, a convite do Ministério da Cultura, tendo pronunciado na Literaturhaus uma conferência sobre a cultura brasileira. Em 1995, publicou o ensaio filosófico de sua autoria *O mundo desde o fim* (Ed. Francisco Alves), que discute o conceito de modernidade. Em 1998, publicou, na coletânea organizada por Alberto Pucheu intitulada *Poesia (e) filosofia* (Ed. Sete Letras), o ensaio *Eros e mythos em Homero*, parte de uma obra mais extensa, ainda inédita, consagrada à poesia grega arcaica. Em 1999 foi publicado o seu ensaio *A época da crítica: Kant, Greenberg e o modernismo*, na coletânea organizada por Ileana Pradilla Cerón e Paulo Reis intitulada *Kant: Crítica e estética na modernidade* (Ed. Senac). No ano de 2000 foi publicado o seu ensaio *Poesia e paisagens urbanas*, na coletânea *Mais poesia hoje*, (Ed. 7 Letras). Atualmente, dedica-se a

escrever poemas e ensaios, além de fazer leituras e palestras em instituições tais como o MAM do Rio de Janeiro, o Museu de Arte Contemporânea de Niterói e o Centro Cultural Banco do Brasil, bem como noutros estados do Brasil.

Antonio Lobo Antunes

(Comentário sobre a imagem que se tem do livro *O esplendor de Portugal*, como um livro folhado, em que se colocam camada sobre camada) "A estrutura é musical, sempre. Normalmente, o que um romancista faz é utilizar uma narrativa. Quando você tenta dinamitar o romance o que para mim é mais importante é tentar fazer sem a narrativa. Tento escrever um romance sem o fio da narrativa. Erguer personagens, erguer emoções, sentimentos, sem a ajuda desse fio narrativo. O romance cresce como uma pedra que cai num poço e vai formando circuitos concêntricos".

Fonte: O Estado de São Paulo, 14/11/1999 – Jair Rattner

(Comentário sobre a estrutura musical do livro *A ordem natural das coisas*) "A estrutura de meus romances é sempre musical. Infelizmente, a crítica literária quase não dá atenção a isso. *A ordem natural das coisas*, lançado em Portugal em 1992, é o segundo livro de uma trilogia que começou com o *Tratado das paixões da alma* e se encerrou com *A morte de Carlos Gardel*. Há, por trás desses três livros, um pano de fundo musical. *A morte de Carlos Gardel* chega a ter a mesma estrutura da *Quinta Sinfonia* de Gustav

Mahler. Mas ninguém se importou com esse aspecto decisivo... (Quanto A ordem natural das coisas, em que peça musical é espelhado) eu não saberia responder a essa pergunta. Lembro-me de Gardel porque ainda é um livro recente e também porque a presença de Mahler foi muito forte, mas com o tempo todas as referências, para mim, se apagam. De todo modo, você está correto quando observa a estrutura musical desse romance. Talvez haja uma influência da música árabe e da africana, que estão muito presentes em Portugal. A lógica africana arruína a nossa noção européia de tempo. Ela não tem passado, presente e futuro, mas apenas um presente elástico, que contém os três tempos dentro de si. Logo, essa influência me permitiu jogar muito mais com o problema do tempo que é, em essência, o grande problema do romance”.

Fonte: O Estado de São Paulo, 28/04/1996 – José Castello

António Lobo Antunes

Nasceu em Lisboa, Portugal, em 1942. Atuou como psiquiatra até 1979, quando deixou a profissão um pouco de lado para se tornar escritor com o romance Memória de elefante. Ao lado de José Saramago, tornou-se o autor mais conhecido em Portugal. Suas ligações com o Brasil são antigas e familiares. Seu avô paraense foi morar em Portugal e Antunes ainda tem parentes no Rio de Janeiro. “Fui educado em Lisboa à maneira de Belém do Pará”, revelou. No início de 1980, Márcio de Souza, escritor e editor, encontrou seu livro numa livraria lisboeta. Ficou tão entusiasmado que indicou-o ao agente literário Thomas Colchie, de Nova York, que publicou

seu segundo romance – Os cus de Judas – em 1984. Desde essa época seus livros têm sido traduzidos para mais de 20 idiomas, e só parou de ser citado para ganhar o Prêmio Nobel de Literatura quando Saramago recebeu-o em 1998. Sua literatura não é facilmente rotulada. No início foi o “enfant terrible” da prosa portuguesa; depois foi tachado de profundo; freqüentemente é visto como hermético. “Escrita delirante e inovadora; estilo lírico e raivoso, poético e desesperado; vibrante e original” são algumas das definições da crítica literária. Na França, a imprensa chegou a coroa-lo como “o Céline português”, comparação já feita antes por Leo Gilson Ribeiro. Admirava a escrita dos poetas: “Eu tenho uma verdadeira inveja dos poetas, dizem tanto em tão pouco espaço”. No entanto, exerce a poesia de alguma forma. Seu livro *Não entres tão depressa nessa noite escura* (2000) tem poesia não apenas no título: a página de rosto traz o título com a designação “Poema”, colocado pelo autor. Ele disse que o intitulou “Poema” porque teve de depurar sua prosa como se poesia fosse. Outros títulos publicados no Brasil: *Auto dos danados* (1994), *O manual do inquisidor* (1998), *O esplendor de Portugal* (1999), *Exortação aos crocodilos* (2001), *Fado alexandrino* (2002), *Boa tarde às coisas aqui em baixo* (2004), *Ontem não te vi em Babilônia* (Alfaguara, 2008), *O meu nome é legião* (Alfaguara, 2009). Seu lançamento mais recente é o romance *Sôbolos rios que vão*. (2010).

Antonio Olinto

“Tenho uns 200 discos. Sem música não escrevo, apenas vario o tema de acordo com o livro que estou preparando. Pode ser música medieval ou Erik Satie. O romance africano eu escrevi ouvindo Vivaldi e até hoje quando o ouço penso na África. Durante o tempo em que escrevi Alcacer-kibir, ouvi a mulher mais importante da Idade Média: Abadesa Hildegard de Bingen. Cada um tem seu método de escrever. Para mim, a inspiração vem da música. A inspiração é a coisa que te empurra pra frente e faz cócegas em seu espírito, te obrigando a reagir.”

Fonte: Jornal do Brasil, 11/01/1997

Antonio Olyntho Marques da Rocha

Nasceu em 1919, em Ubá, Minas Gerais. Jornalista, professor, crítico literário e poeta, estudou em seminários católicos, mas desistiu de ser padre para se tornar professor de latim, português, história da literatura, francês e inglês. Publicou seu primeiro livro de poesias, *Presença*, em 1949. Em 1952, a convite do Departamento de Estado dos EUA, percorreu 36 estados fazendo conferências sobre cultura brasileira. Foi crítico literário do jornal *O Globo* por vinte e cinco anos e colaborou em jornais de todo o Brasil. Foi adido cultural em Lagos, Nigéria, por três anos (1962-65), enfrontou-se nos assuntos da nova África independente e produziu a trilogia: *A Casa da água* (1969), *O Rei de Keto* (1980) e *Trono de vidro* (1987), hoje traduzida para 19 idiomas. Em 1968 foi nomeado para a mesma função em Londres, tendo organizado uma série de conferências e exposições. Em 1994, recebeu o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra: *Jornalismo e literatura* (1955), *O*

Homem do madrigal (1957), O Dia da ira (1959), Antologia poética (1967), Tempo de verso (1992); romances: Brasileiros na África (1964), O Problema do índio brasileiro (1973), Copacabana (1975), Para onde vai o Brasil? (1977), Os m óveis da bailarina (1985), Tempo de Palhaço (1989), Sangue na Floresta (1993), entre outros. Em 1997, ingressou na Academia Brasileira de Letras. Ultimamente vem se dedicando à pintura e teve uma exposição de seus quadros naif no Shopping Cassino Atlântico, com o lançamento de seu livro, Ary Barroso, em julho de 2003. Faleceu em 11/09/2009.

Antonio Skármeta

“No Brasil, há um fenômeno único no mundo ocidental de contato entre música e poesia, e de música e gente. Com isso, surge uma enorme autonomia cultural e popular. Posso citar vários artistas fantásticos como Chico, Gil, João Bosco, Milton, Noel Rosa e Vinicius. Caetano Veloso, por exemplo, é um grande ensaísta e o seu Verdade tropical é um dos meus livros de cabeceira, um dos meus favoritos”.

Fonte: O Estado de São Paulo, 27/04/2002 – Ricardo Gualda

“Uma das maiores contribuições da criação brasileira para a cultura universal é a fusão da poesia com a música que acontece no cancionero popular. Essa maravilhosa naturalidade que brota desde o samba até a bossa nova, em que a imaginação é utilizada em assuntos cotidianos que dizem respeito à experiência de todas as pessoas. Homens e mulheres se reconhecem nessas canções e amam a

genialidade de Tom Jobim e Vinicius, de Chico Buarque ou Toquinho. Se Neruda tivesse nascido no Brasil, teria sido parceiro deles”.

Fonte: O Estado de São Paulo, 09/10/2005 – Ubiratan Brasil

Esteban Antonio Skármeta Branícic

Nasceu em 7 de novembro de 1940, em Antofagasta, Chile. Graduado em filosofia e literatura, romancista, dramaturgo, diretor e roteirista cinematográfico e de TV, é considerado um dos principais escritores contemporâneos. Seus romances e contos tem sido traduzidos para mais de 25 idiomas, muitos deles reeditados permanentemente. O curioso é que a consagração literária lhe chegou através do cinema. Em meados de 1983, enquanto ministrava aulas de roteiro na Academia Alemã de Cinema, foi convidado por um produtor de cinema para escrever um roteiro urgente que reunisse dois ingredientes: Neruda e Chile. Surgiu, então, *Ardente paciência*, primeiro longa-metragem dirigido por ele mesmo. O filme ganhou muitos prêmios e, atendendo a pedidos, Skármeta transformou o roteiro em romance, que obteve um relativo sucesso, mas nada comparado ao que viria mais de dez anos depois. Em 1994, a história foi refilmada e rebatizada como *O carteiro e o poeta*, título brasileiro, e *O carteiro de Neruda*, título adotado na maioria dos outros países. Recebeu cinco indicações ao Oscar, ganhou um deles e tornou-se o filme estrangeiro mais visto nos Estados Unidos em todos os tempos. O romance homenageia o poeta Pablo Neruda, a quem mostrou sua primeira experiência literária, *El entusiasmo*, em 1967. Neruda gostou do livro, mas disse-lhe que era preciso ver o

segundo, “pois todos os primeiros livros de escritores chilenos são bons”. Não foi preciso esperar muito. Em 1969, lançou o livro de contos *Desnudo en el tejado*, com o qual ganhou o Prêmio Casa de las Américas. Em 1973, quando emigrou para a Europa em exílio, seus contos já eram celebrados pela crítica como uma renovação da prosa latino-americana. Em seguida, passou a viver em Berlim, onde ficou até 1989 e para onde voltaria em 2000 como embaixador do Chile. Retornou ao Chile em 1989 e, em 1992, criou na TV o “Show de los libros”, programa literário semanal com a audiência de um milhão de espectadores. Mais tarde, em 1998, o programa mudou o título para “Torre de papel” e passou a ser transmitido para todo o mundo através do canal People & Arts. Em 1999, lançou *O casamento do poeta*, que deverá transformar-se numa trilogia recontando a história de sua família. Com esse livro, obteve o Prêmio Médicis, na França, e o Grinzane Cavour, na Itália. A segunda parte da trilogia veio com *A garota do trombone* (2001). Em 2003 lança *El baile de la victoria*, e arrebatou o Prêmio Planeta, na Espanha. Outros livros: *La insurrección* (2004), *La redacción* (2007). Seu lançamento mais recente é *Le cycliste de San Cristobal* (2010)

Armando Freitas Filho

“É importante fazer essa distinção entre poesia e letra de música. Não é uma questão de qualidade, mas de intenção. Um poema de um livro e uma letra de música não são confundíveis”.

Fonte: O Globo, 27/09/1997

"A minha forma de escrever é muito ligada ao fato de eu ouvir muita música, a minha família era muito ligada à música erudita. Eu só vim a conhecer a música popular em meados dos anos 1970, quando já tinha mais de 30 anos. Tanto que a primeira coisa que eu quis ser, aos seis anos, era maestro. Então, acho que escrevo com uma batuta, por variações. Vejo que recorro várias vezes aos mesmos problemas, crio variações, ramificações, ramais... É um misto de apreensão e fuga das coisas. Fuga porque, ao mesmo tempo em que você aprende aquilo, engole e metaboliza. Você illogicamente começa a mastigar o já engolido. Aí você segrega outra coisa, de maneira que, quando passa pelo corpo, muda. A minha poética é de extrema fisicalidade".

Fonte: MARETTI, Eduardo. *Escritores: entrevistas da Revista Submarino*. São Paulo: Limiar, 2000.

Armando Martins de Freitas Filho

Nasceu em 18/02/1940, no Rio de Janeiro, RJ. Poeta e ativista sempre ligado a instituições culturais. Pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa, assessor do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura - MEC, assessor do Núcleo de Estudos e Pesquisas - NEP, pesquisador da Biblioteca Nacional e assessor do Instituto Nacional do Livro -INL. Estreou em 1963 com o livro de poemas Palavra. Sua obra, num primeiro momento, se

vincula à "instauração práxis", vanguarda estética do início dos anos 1960, derivada da poesia concreta, mas a partir do livro *De Corpo Presente*, 1975, explora outros caminhos. Em 2003, a Nova Fronteira lançou *Máquina de escrever: poesia reunida e revista*, reunindo 12 livros lançados até aquele momento. São 40 anos de poesia, onde "O poeta da pós-vanguarda recusa a linguagem a que o público está mais exposto: as estorinhas do jornalês, a empolgação comercial da propaganda", na opinião de Luís Costa Lima. Em 1986 recebeu o Prêmio Jabuti, com o livro *3x4* (1985); em 2000 ganhou Prêmio Alphonsus Guimaraes, da Biblioteca Nacional, com o livro *Fio terra* (2000); em 2007 ganhou, em 3º lugar, o Prêmio Jabuti (*Raro mar*) e em 2010 ganhou o Prêmio Portugal Telecom de Literatura, em 3º lugar. Participa assiduamente de diversas coletâneas nacionais e internacionais e tem seus poemas publicados em espanhol, catalão, inglês, alemão, francês e chinês. Outras obras: *Dual* (1966), *Marca registrada* (1970), *A flor da pele* (1978), *A Mão livre* (1979), *Mademoiselle furta-cor* (1980), *Longa vida 1979-1981* (1982), *Cabeça de homem* (1991), *Números anônimos* (1994), *Duplo cego* (1997), *Máquina de escrever: poesia reunida e revista* (2003) e *Raro mar, poesia* (2006). Seu último lançamento é a coletânea de poemas autobiográficos *Lar*, (2009)

Analdo Antunes

"Para mim, a letra de música é indissociável da melodia. Canção é canção. Agora, há um preconceito e uma questão de valor poético, muito comum, de desvalorização da letra da canção. Muitas vezes, uma letra de música pode ser uma

sofisticação construtiva mais intensa do que um poema escrito. Não é o registro que vai dar essa qualificação de valor. Isso é preconceituoso, é burro. Muitas vezes uma letra de música pode se sustentar como um poema escrito. E um poema maravilhoso musicado inadequadamente vai ser uma canção medíocre. Para mim, é claro que se trata de códigos diferentes, apesar de a música popular brasileira, em geral, ter uma sofisticação textual. Qualquer pensamento sobre o corpo poético brasileiro tem que incluir a tradição da canção popular. Isso para mim é inegável. Mas é um registro específico e não dá para dizer que é a mesma coisa que o poema".

Fonte: Cult (S.Paulo), nº 4, nov. 1997 – Heitor Ferraz

Arnaldo

Antunes

Nasceu em São Paulo, em 02/09/1960). Músico, poeta, compositor e artista plástico. Em Início o curso de Letras da FFLCH-USP, em 1978, onde seguiria o curso de Lingüística, não fosse o sucesso da banda de rock Titãs, onde era cronista, lhe tomar todo o tempo. Desligou-se da banda em 1992, depois de dez anos de grupo, por conta de suas direções artísticas. No ano seguinte ganhou o Prêmio Jabuti de Poesia com o livro *As Coisas* (1992) Apesar de sua saída, continuou compondo com os demais integrantes do grupo e várias dessas parcerias foram incluídas em discos dos Titãs, assim como em seus discos solo. Em 1997, fez participação especial no álbum *Acústico MTV*, dos Titãs. Na ocasião, cantou a faixa *O pulso*, música originalmente gravada no álbum "*Ô Blésq Blom*", de 1989. Em 2002, formou, em parceria com Marisa Monte e Carlinhos Brown, o trio *Tribalistas*, pelo qual lançaram o álbum homônimo. O álbum foi sucesso de público e crítica e vendeu, até 2009, mais de 2.100.000 cópias no Brasil e na Europa. Foi também indicado a cinco categorias do Grammy Latino em 2003, ganhando o

prêmio de Melhor Álbum Pop Contemporâneo Brasileiro. Também atuou como ensaísta na Folha de São Paulo, onde deixou evidente o substrato teórico que transparece no seu trabalho estético. Lançou no final do ano de 2007 o primeiro DVD de sua carreira, o premiado Ao Vivo no Estúdio, que passeia por toda sua carreira e que conta com as participações especiais do ex-titã Nando Reis, do titã Branco Mello, do ex-Ira! Edgard Scandurra e dos tribalistas Marisa Monte e Carlinhos Brown. É conhecido na América do Sul por ser um dos principais compositores da música pop brasileira, respirando de influências concretistas e pós-modernas. Compositor de hits como Pulso, Alma, Socorro, Não vou me adaptar, Beija eu, Infinito particular, Vilarejo, Velha infância e Quem me olha só, já teve suas canções interpretadas por artistas como Jorge Drexler, Marisa Monte, Nando Reis, Zélia Duncan, Cássia Eller, Frejat, Margareth Menezes, Pepeu Gomes, além, claro dos Titãs, banda da qual fez parte até 1992. Tem mais de 12 livros publicados e seu último lançamento é o álbum Ao vivo lá em casa (2010).

Augusto de Campos

"A música é para mim, uma 'nutrição do impulso' indispensável. Como a poesia, no dizer de Pound, está mais próxima da música e das artes plásticas do que da própria literatura, acho natural que seja assim. Sem Webern, Mondrian e Maliévitch, eu não teria formulado o Poetamento (também devedor, é óbvio, de Mallarmé, Pound, Joyce e Cummings). Nesse ponto sou muito diferente de João Cabral, que detesta música, mas em compensação ama a pintura. Em todo o caso, a música de que eu gosto é tão antimusical para a maioria dos ouvidos, que é possível que Cabral e eu

nos conciliemos em algum ponto das nossas sensibilidades. Há períodos em que ouço mais música e leio mais sobre música (especialmente música contemporânea) do que leio poesia e sobre poesia. A descoberta nos últimos anos de Scelsi, Nancarrow, Ustvólkskaia, e do último Nono foi um dos maiores choques e prazeres culturais destes meus últimos tempos”.

Fonte: Cult. (S.Paulo) dez. 1998 – Carlos Adriano

“Outros poemas sonorizados ou musicados por Cid (Campos) se sucederam e vieram a resultar no projeto de um CD, que se chamará Poesia é risco, e que já está há algum tempo mixado e masterizado, pronto para prensagem. Cerca de uma hora de gravação com 30 poemas e traduções de todas as minhas fases. Completa o disco um display visual com todos os textos, que elaborei como um livro-objeto no meu computador. Temos a esperança de lançá-lo ainda este ano. Não se trata de uma leitura convencional com acompanhamento. Mas de um diálogo poesia-música em que palavras, sílabas e sons se inter-relacionam num horizonte isomórfico, sem fronteira entre o experimental e o popular, a leitura e a melodia, numa tentativa de lograr mais cabalmente a dimensão sonora e musical, uma apresentação ‘verbivocovisual’, como postulávamos nos manifestos da poesia concreta”.

Fonte: Jornal da Tarde, 24/09/1994 – J.Jota de Moraes

Augusto Luis Browne de Campos
Nasceu na Cidade de São Paulo, SP, em 4/02/1931. Poeta,

tradutor, ensaísta, crítico de literatura e música e um dos fundadores - junto com seu irmão Haroldo de Campos e Décio Pignatari - do movimento concretista na poesia brasileira. Seu primeiro livro de poemas saiu em 1951: *O rei menos o reino*. No ano seguinte o trio lança a revista "Noigrandes" e já no segundo nº (1955) lança a série *Poetamentos*, considerados os primeiros exemplos consistentes de poesia concreta no Brasil. O verso e a sintaxe convencional eram abandonados e as palavras rearranjadas em estruturas gráfico-espaciais, algumas vezes impressas em até seis cores diferentes, sob inspiração da *Klangbarbenmelodie* (melodia de timbres) de Webern. Em 1956 participou da organização da Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta (Artes Plásticas e Poesia), no Museu de Arte Moderna de São Paulo. A partir daí participou de diversas amostras e antologias nacionais e internacionais. A maioria dos seus poemas acha-se reunida em *Viva vaia* (1979); *Despoesia* (1994) e *Não* (com um CDR de seus Clip-Poemas) (2003). Outras obras importantes são *Poemóbiles* (1974) e *Caixa preta* (1975). Como tradutor de poesia, Augusto especializou-se em recriar a obra de autores de vanguarda como Pound (Mauberley, *The Cantos*), Joyce (*Finnegans Wake*), Gertrude Stein e Cummings, ou os russos Maiakóvski e Khliébnikov. Como ensaísta é co-autor de *Teoria da poesia concreta* (1965) e autor de *Poesia antipoesia antropofagia* (1978); *O anticrítico* (1986); *Linguaviagem* (1987) e *À margem da margem* (1989). A partir de 1980, intensificou os experimentos com as novas mídias, apresentando seus poemas em luminosos, videotextos, neon, hologramas e laser, animações computadorizadas e eventos multimídia com a colaboração

de seu filho Cid Campos. Em 2006, teve sua obra esmiuçada no livro *Do céu do futuro: cinco ensaios sobre Augusto de Campos* (Unimarco, 2006), coordenada por Eduardo Sterzi. Atualmente, uma nova fase do artista está sendo gestada, com uma coleção de poemas inteiramente produzida em computador.

Arundhati

Roy

"Acho que isso (fusão, separação e repetição de palavras dando um ritmo quase musical à língua) é porque eu sempre fui muito sensível à linguagem, antes mesmo de começar a ler. A língua para mim, desde sempre, foi uma espécie de música".

Fonte: O Globo, 22/08/1998 - Paulo Roberto Pires

Suzana

Arundhati

Roy

Nasceu em 24/11/1961, em Shillong, Índia. Escritora e ativista anti-globalização. Venceu o Booker Prize em 1997 pela sua primeira novela, *The God of Small Things*, e o Lannan Cultural Freedom Prize em 2002. O livro foi traduzido para o português (*O Deus das Pequenas Coisas*) e editado em 1998 pela Companhia das Letras. Passou a infância em Kerala, e aos 16 anos deixou a cidade e embarcou num estilo de vida sem-teto, ganhando a vida vendendo garrafas vazias. Estudou arquitetura na Delhi School of Architecture. Desde que conquistou o prêmio Booker, ela tem concentrado sua escrita em questões políticas. Estes incluem o projeto de Barragem de Narmada, armas nucleares da Índia, atividades da alimentação corruptos empresa Enron na Índia. Ela é uma

figura-chefe da anti-globalização / movimento alter-globalização e uma veemente crítica do neo-imperialismo. Escreveu *A final da imaginação*, uma crítica a política nuclear do Governo indiano. Desde então tem se dedicado exclusivamente a não-ficção e política, publicando duas coleções de ensaios, bem como trabalhar pela causas sociais. Recebeu o Prêmio da paz de Sydney em 2004 e em 2006 foi agraciada com o prêmio de “Sahitya Akademi” pela sua coleção de ensaios *A álgebra de infinita justiça*, mas se recusou a aceitá-lo

Bernardo

Ajzenberg

“Nesse livro (*Variações Goldman*) sim (a tradução literária da variação musical é a obsessão). Não uma, mas várias obsessões. Mas, ao mesmo tempo, embora eu não tenha construído o romance de forma tão esquemática, aplicando à ordem da literatura uma estrutura da ordem musical, existe nele a presença concreta das *Variações Goldberg*, de J.S. Bach.”

Fonte: Folha de São Paulo, 22/10/1998 – João Batista Natali

Bernardo

Ajzenberg

Nasceu em 21/01/1959, na capital de São Paulo. Jornalista e romancista bem recebido pela crítica: *Carreiras cortadas* (1989), *Efeito suspensório* (1993), *Goldstein e Camargo* (1994), *Variações Goldman* (1998) e *A gaiola de Faraday*

(2002), que lhe valeu o prêmio da Academia Brasileira de Letras como melhor obra de ficção em 2003. Trabalhou num lugar e posto privilegiados para quem se preocupa com literatura: comandou por algum tempo a coluna mensal sobre novos autores de ficção em prosa, do caderno Mais! da Folha de S.Paulo, enquanto dirigia a Agência Folha de Notícias. Atuou em alguns órgãos de comunicação desde 1976, como a Gazeta Mercantil, Veja e Última Hora, e trabalhou numa editora em Paris, no período 1983-85. De março de 2001 a fevereiro de 2004 foi ombudsmã da Folha de São Paulo. Atualmente exerce a função de assessor executivo do Instituto Moreira Salles. Ajzenberg vive atualmente em São Paulo, com a esposa e duas filhas.

Bruno

Tolentino

"Se fizerem um show com todas as músicas de Noel Rosa, Tom Jobim ou Ary Barroso, eu vou e assisto dez vezes. Mas saio de lá sem achar que passei a tarde numa biblioteca. Não se trata de cultura e muito menos de alta cultura. Gosto a música popular brasileira e também da de outros países, mas a música popular não se confunde com a erudita. Então, como é que letra de música vai se confundir com poesia?"

Fonte: Veja, 20/03/1996 – Geraldo Mayrink

Bruno Lucio de Carvalho Tolentino

Nasceu em 12/11/1940, no Rio de Janeiro. Poeta nascido numa tradicional e rica família carioca, conviveu desde criança com intelectuais e escritores, entre eles Cecília

Meireles, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Aprendeu a falar francês e inglês antes mesmo de se alfabetizar no português. Seu avô foi conselheiro do Império e fundador da Caixa Econômica Federal. Saiu do Brasil em 1964, mudando-se para a Europa, onde viveu por mais de 30 anos, tendo trabalhado com o poeta inglês W. H. Auden, e convivido com os escritores Giuseppe Ungaretti, Elizabeth Bishop e Samuel Beckett. Foi professor nas universidades de Oxford, Essex e Bristol, publicando obras em Paris e Oxford durante a década de 1970. Em 1987, é condenado à prisão de 11 anos, sob a acusação de tráfico de drogas. Cumpriu 22 meses da pena em Dartmoor. Retornou ao Brasil em 1993, publicando, em 1994, o livro *As Horas de Katarina*, pelo qual recebeu o Prêmio Jabuti de Literatura. Foi premiado, também, com o Jabuti em 2003, com o livro *O Mundo como Idéia*, o qual escreveu ao longo de 40 anos. No Brasil, o poeta teve um histórico de aparições na mídia devido a polêmicas. Numa entrevista a Revista Veja, em 1996, criticou Caetano Veloso, Chico Buarque e os irmãos concretistas Haroldo de Campos e Augusto de Campos. Teve também desavenças com críticos literários e professores de filosofia da Universidade de São Paulo. Tolentino, que tinha Aids e já havia superado um câncer, faleceu em 29/06/2007.

Cabrera

Infante

"Sou permanentemente grato a existência da música, não obstante ser muito intolerante com respeito aos fenômenos musicais que estão surgindo agora. Por exemplo, o da salsa

me parece pura invenção. Trata-se simplesmente da música dos anos 1940 só que mal tocada. Sua relação com a música cubana é como a que tem o 'dixeland' com o jazz: é fácil de fazer, de ouvir e de dançar; mas certamente não é jazz. Rubén Blades, para mim, é um desastre, uma espécie de Carlos Fuentes. Tem um fenômeno que parece não conhecer que é a clave, uma espécie de metrônomo que os músicos cubanos têm na cabeça. A maior parte dos músicos de salsa têm as claves cruzadas”.

Fonte: Clarin (Buenos Aires), 26/10/1995 – Fernando Carballo

Guillermo Cabrera Infante

Nasceu em Gibara, Cuba, em 22 de abril de 1929. Jornalista, crítico de cinema, roteirista e romancista. Iniciou ainda jovem como assistente na redação da revista Bohemia e em 1949 criou sua própria revista: Nova Generación. No ano seguinte ingressou na Escola de Jornalismo. Em 1952 é preso devido a publicação de um artigo. Logo solto, adotou o pseudônimo “G.Caín” para continuar atacando a ditadura de Batista. Sempre ligado ao cinema, fundou a Cinemateca de Cuba, em 1951, dirigiu a revista Carteles e o Conselho Nacional de Cultura. Participou ativamente da revolução cubana em 1960; esteve na comitiva de Fidel em visita ao Brasil, em 1959. Já nos primeiros anos da Revolução, começa a se desentender com a cúpula governista e é nomeado adido cultural de Cuba em Bruxelas a partir de 1962, onde ficou até 1965. Dá-se o rompimento com Fidel, abandona Cuba e passa a viver em Londres. Como cidadão britânico, passou a vida toda alimentando a esperança de

ver a caída de Fidel e poder voltar a Cuba. "Esse poder total por 40 anos faz de seu regime, para mim, obsceno – o que certamente não é uma categoria política, senão moral", declarou em 1998. Segundo Nélide Pinõn, sua amiga, ele "alimenta sua matriz e pautas narrativas com o fervor que devotou a Cuba... Forçado a abandonar a ilha na década de 1960, por opor-se ao regime castrista, retorna a ela através da memória e da profunda melancolia". Seu primeiro trabalho publicado - *Balada de plomo y yerro* (1952) - traduz os ideais políticos de um jovem envolvido num projeto revolucionário para derrubar o ditador Batista. O primeiro livro, *Así en la paz como en la guerra* (1960), já saiu premiado; o segundo é um ensaio sobre o cinema: *Un oficio del siglo XX* (1963) e com o próximo -*Tres tristes tigres* (Global, 1967) -, projetou-se no cenário internacional. Segundo o crítico Antonio Gonçalves Filho, "é a desordem carnavalesca latina transfigurada num delírio semântico. O deslocamento sintático e a busca de novos significados guiam essa aventura que tenta traduzir para a literatura o ritmo da fala popular cubana". Em 1997 foi agraciado com o Prêmio Cervantes, o nobel ibero-americano. Exceto Cuba, onde ele não existe nem em dicionário, seus livros traduzidos em diversos idiomas, inclusive o português: *Havana para um infante defunto* (Cia. das Letras, 1979) *Delito por dançar o chá-chá-chá* (Ediouro, 1998) *Vista do amanhecer no trópico* (Cia. das Letras, 1988) *Mea Cuba* (Cia. das Letras) *Fumaça pura* (Bertrand Brasil, 2003), livro, definido por ele mesmo como "uma crônica erudita, mas divertida, da relação entre o charuto e o cinema". Seu último livro publicado foi *La ninfa inconstante*. Faleceu em 21 de fevereiro de 2005.

Caetano

Veloso

"Se fazendo canções, eu termino parecendo repórter, gosto. Por exemplo, se eu fosse repórter e me dissessem assim: as suas reportagens parecem canções, eu ficaria feliz também".

Fonte: <http://www.meloteca.com/citacoes-literatura.htm>

Caetano Emanuel Viana Teles Veloso

Nasceu em 07/08/1942, em Santo Amaro da Purificação, BA. Músico, escritor e uma das figuras mais importantes da música popular brasileira contemporânea. Começou a cantar e tocar violão em Salvador, onde foi estudar, ao lado da irmã Maria Bethânia. Nos anos 60, conheceu Gilberto Gil, Gal Costa e Tom Zé, e juntos começaram a fazer shows. Em 1965, Maria Bethânia foi chamada para substituir Nara Leão no espetáculo "Opinião", no Rio de Janeiro, e levou Caetano para acompanhá-la. No mesmo ano, ele foi convidado a gravar o seu primeiro compacto, com "Cavaleiro" e "Samba em Paz". Em 1967, gravou o primeiro LP, "Domingo", com Gal Costa. O disco "Tropicália", ao lado de Gil, Gal, Tom Zé, Torquato Neto, Rogério Duprat, Capinam, e Nara Leão, marcou o início do movimento tropicalista. Em 1968, no 3º Festival Internacional da Canção, chegou a ser vaiado pelo público e teve a música "É Proibido Proibir" desclassificada. Em 1969, depois de ser preso pela ditadura militar, partiu para o exílio na Inglaterra, onde lançou discos e compôs canções como "London, London" e "Como Dois e Dois". Retornou ao Brasil em 1972 e fez shows em várias cidades.

Nos anos seguintes, começou a atuar também como produtor. Em 1976 Caetano, Gal, Gil e Bethânia novamente se uniram e formam o grupo Doces Bárbaros, que gravou um LP e saiu em turnê. Depois, lançou um compacto simples com as músicas carnavalescas "Piaba" e "A filha da Chiquita Bacana". Nos anos 1980, continuou gravando e produzindo discos, como "Outras Palavras", "Cores, Nomes", "Uns" e "Velô". Em 1986, comandou, ao lado de Chico Buarque, o programa de televisão "Chico & Caetano", onde cantavam e recebiam convidados. Nos anos 1990, voltou a fazer sucesso com o disco "Circuladô", cuja faixa-título era baseada num poema de Haroldo de Campos. Logo em seguida, "Tropicália 2" refez a parceria com Gilberto Gil. Em 1997, saiu o primeiro livro de Caetano, "Verdade Tropical", um relato pessoal sobre sua visão de mundo. Seu disco "Livro", de 1998, ganhou o prêmio Grammy em 2000, na categoria World Music. Talentoso e multimídia, também fez trilhas inesquecíveis para o cinema, como "Tieta". Em 2003, uma música gravada para o filme "Frida" da diretora Julie Taymor, o levou aos palcos do Oscar. Em 2004 foi considerado um dos mais respeitados e produtivos *pop stars* latino-americanos no mundo, com mais de cinquenta álbuns lançados. Em termos de importância, muitos são os discos que devem ser citados obrigatoriamente na história da Música Popular Brasileira: Transa (1972), Jóia (1975), Livro (1997), Caetano Veloso (1971), Cê (2006), Cinema Transcendental (1979), Qualquer Coisa (1975), Circuladô (1991), Bicho (1977), Uns (1983).

Camilo

Castelo

Branco

"Verei se consigo afinar a minha alma por umas toadas que rumorejam de entre as selvas. Dá Deus estas harpas místicas aos arvoredos em benefício dos ânimos conturbados, que se acolhem fugitivos a ermos onde eles

ccuidam que o Céu os há de ouvir. Acalentava a música o exasperado Saúl. Bons tempos! A música de agora é irritante. Há pouco entrei no templo: o sacerdote consagrava a hóstia, e o órgão entoava a Traviatta. Santo Deus! Quem quiser música de adormecer dores e levantar a alma à sua origem, há de pedi-la à vibração e à folhagem das florestas".

Fonte: <http://www.meloteca.com/citacoes-literatura.htm>
(21/11/2009)

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
Nasceu em Lisboa, em 16/03/1825. Escritor polivalente (romancista, cronista, crítico, dramaturgo, jornalista, historiador, poeta e tradutor), cuja obra o posicionou com uma das figuras mais eminentes da literatura portuguesa. Teve uma vida atribulada que lhe serviu muitas vezes de inspiração para as seus romances. Foi o primeiro escritor de língua portuguesa a viver exclusivamente dos seus escritos literários. Apesar de ter de escrever para um público, sujeitando-se assim aos ditames da moda, conseguiu um estilo muito original. Entre 1851 e 1890 escreveu mais de 260, redigidas à pena. Prolífico e fecundo escritor, deixou obras de referencia na literatura lusitana. O fato de ter de sobreviver da literatura fez com que Camilo Castelo Branco concentrasse seus esforços na produção de novelas (narração, usualmente curta, ordenada e completa, de fatos humanos fictícios, mas, por via de regra, verossímeis). Isso se deu porque esse gênero literário agradava ao novo público consumidor, tornando-se assim de fácil consumo. Dentre sua vasta obra podemos encontrar novelas de terror, satíricas, históricas e as passionais. Essas últimas compõem o gênero que mais caracteriza o ultra-romantismo português. Nelas são apresentadas personagens que, devido os obstáculos encontrados para a realização do amor, tornam-se verdadeiros mártires desse sentimento. As obras que merecem maior destaque são: Anátema (1851),

Mistérios de Lisboa (1854), *Amor de perdição* (1862), *O irônico coração* (1862), *Cabeça e estômago* (1862), *O bem e o mal* (1863), *Amor de salvação* (1864), *O Olho de Vidro* (1866), *Os Brilhantes do Brasileiro* (1869), *A Mulher fatal* (1870), *Livro de consolação* (1872), *Eusébio Macário* (1879), *A corja* (1880), *A senhora Rattazzi* (1880), *A brasileira de prazins* (1882). Faleceu em 01/06/1890.

Carlos Drummond de Andrade

“Não toco nada. Mas confesso que até hoje tenho um certo fraco pela música dolente, romântica, pela seresta, pela valsa vienense. Quando um filme tem uma valsa vienense como fundo musical, as imagens começam a deslizar mais suavemente, acho uma coisa muito gostosa. Não é grande música. Agora, com o tempo – que diabo – fui educando um pouquinho meu ouvido. Gosto muito de trabalhar ouvindo discos. Mas não sou propriamente um entendido em música, não sei quando o pianista erra. É engraçado, porque se o Mário (de Andrade) notou em mim a noção de ritmo, por extensão devia-se admitir que eu tivesse um ouvido apurado para música. Foi um lapso da minha formação, da formação dos rapazes do meu tempo. Nós nos preocupávamos só com literatura, não víamos a consangüinidade das artes. A literatura está casada intimamente com a música, as artes plásticas etc. O princípio estético é o mesmo, o impulso de criação é único, apenas diversificado nas suas técnicas e formas de expressão. Acho que um bom poeta, um bom escritor deve ter uma formação musical. Os poetas

brasileiros que, a meu ver, chegaram mais perto desse resultado foram Manuel Bandeira, que tocava violão e arranhava o seu piano, e Murilo Mendes, que, segundo me consta, não tocava, mas era um ouvido finíssimo. Quando ouvia Mozart na vitrola, as pessoas que chegassem não podiam nem arrastar uma cadeira, era um sacrilégio fazer barulho na hora que Mozart estava entre eles. Murilo escrevia sobre música, e escrevia bem”.

Fonte: Folha de São Paulo (Foletim), 03/06/1985 – Augusto Masi e Lúcia Nagib

Carlos Drummond de Andrade

Nasceu em 1902 em Itabira, Minas Gerais. É considerado o grande poeta da literatura brasileira na opinião de Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, dois expressivos colegas. Com isso, pode-se imaginar que foi dito tudo sobre Drummond. Mas ainda falta dizer que produziu a mais bem elaborada poesia de cunho social sem cair no panfletarismo, com uma produção volumosa, consistente e permanente: *Alguma poesia* (1930), *Brejo das almas* (1934), *Sentimento do mundo* (1940), *Confissões de Minas* (1944), *A rosa do povo* (1945), *Claro enigma* (1951), *Viola de bolso* (1952), *Fazendeiro do ar* (1954), *Cadeira de balanço* (1981), *Nova reunião* (1983), *Corpo* (1984), *O avesso das coisas* e *O amor natural* (1987). Levou a vida isolado das badalações culturais em Itabira e Rio de Janeiro, recebendo bem jornalistas, pesquisadores e até curiosos. Quantos autores novos encorajou a escrever? Trata-se do tamanho de sua generosidade infinita, enfim. Que mais pode-se dizer de

Drummond? De sua simplicidade? De sua despretensão e a recusa em aceitar as láureas que lhe são justamente atribuídas? Basta ver suas declarações à pergunta feita neste livro. Primeiro, não querendo respondê-la e, depois, aceitando falar para desdizer o que todos dizem sobre ele. Faleceu em 1987.

Carlos

Fuentes

“A música é uma influência cada vez maior na minha obra. Aprendi, com o tempo, a ouvir. Neste último romance (*Terra Nostra*, 1975) há muito dos trios e quartetos de Haydn e Schubert”.

Fonte: O Estado de São Paulo, 24/04/1983 – Bella Josef

“No caso de *Instinto de Inez*, havia uma obsessão pendente pela ópera, estilo do qual sempre fui amante desde o tempo em que morei em Buenos Aires. Assim, como no ano passado se comemorou o centenário de Hector Berlioz, que considero um músico que viveu à frente de seu tempo, fiquei ainda mais motivado para escrever esse romance. Berlioz introduziu uma série de novidades sonoras, preocupando-se com a acústica das salas, com o poder direcional dos instrumentos, com a repartição e equilíbrio das massas sonoras, enfim, por ser um músico revolucionário, à frente de Stravinski e Carl Orff, que resumiu todas essas qualidades em A danação de Fausto, a ópera que é a peça central do romance.. por que é a opera ideal para dividir o

romance em dois tempos: o presente, no qual vivem os personagens, e o tempo retroativo, para o qual os personagens são levados por meio da interpretação musical. E nenhuma outra ópera traz, de forma tão perfeita, o conceito da origem dramática da linguagem... (Para equilibrar a melodia com a prosa) eu me inspirei na história de uma maestro romeno, Sergiu Celibidache, que viveu no México no fim dos anos 1940. Era um homem muito tempestuoso, apaixonado, e que não gostava que gravassem suas execuções. Ele inspirou o maestro do meu romance, Gabriel Atlan-Ferrara, que se apaixona por uma cantora que se transforma em uma diva, Inez Prado. A relação acontece unicamente por meio da música; socialmente, eles quase não se encontram. Pois bem, a relação musical é tão intensa que remete Inez a um tempo distinto, justamente ao da ópera A danação de Fausto. Portanto, quero ressaltar que a música é, para mim, uma inflexão da paixão, que me remete tanto ao primeiro som sentido por um humano (talvez algum grunhido para espantar um animal) até o ruidoso final representado pela hecatombe nuclear. Ouvir música é, para mim, escutar os sons da nossa origem, dos nossos antecedentes”.

Fonte: O Estado de São Paulo, 08/02/2004 – Ubiratan Brasil

Carlos

Nasceu no Panamá em 11 de novembro de 1928 e se naturalizou mexicano em 1944. Romancista, ensaísta e embaixador, é o escritor mais conhecido em seu país, junto com Octavio Paz, que foi seu adversário político. Sua obra

Fuentes

conquistou prêmios famosos, como o Príncipe de Astúrias (1994), Prêmio Cervantes (1987) e Prêmio da Latinidade (1999). O primeiro romance foi *La región más transparente* (1957). Sua obra inclui alguns clássicos da literatura fantástica latino-americana: *Gringo velho* (1985), *A morte de Artemio Cruz* (1962), *Diana ou a caçadora solitária* (1994), *La raya del olvido*, *Fronteira de cristal* e *A laranjeira*. Por ocasião do 5º centenário do descobrimento da América, escreveu o ensaio *O espelho enterrado*, no qual pretendeu resumir a totalidade da arte hispânica e colocá-la em pé de igualdade com a tradição anglo-saxã. Em 2000 publicou *Los años con Laura Díaz*, romance de alto teor político escrito pela ótica de uma mulher. Sua obra retrata em grande parte a História de seu país: "Existe uma verdade na ficção que amplia a verdade da História", tem declarado. Em 2002 lançou *En esto creo*, espécie de autobiografia, um registro em ordem alfabética de seus sentimentos mais íntimos e pensamentos mais públicos. Já em 2004 publicou *Instinto de Inêz*, um retorno à literatura fantástica, inspirado na ópera *A danação de Fausto*, de Hector Berlioz. No mesmo ano lançou uma coletânea de artigos que atacaram o então candidato à presidência George Bush no exato momento da eleição norte-americana, numa tentativa de não vê-lo reeleito, e dá-lhe um título panfletário: *Contra Bush*. Em 2005 lançou *A cadeira da águia*, em que narra a situação do México em 2020, numa crítica feroz à elite política. Seu lançamento mais recente é o romance *A vontade e a fortuna* (Alfaguara, 2008).

Chico Buarque de Hollanda

“Acho que escrevo livros como faço música. Tenho música na cabeça o tempo todo. Eu nunca ouço música, porque atrapalha meu escrever... Quando eu escrevo acho que tem música no fundo da minha cabeça. E tem uma necessidade inconsciente de escrever de um modo musical, eu leio, releio, mas logo está errado, esse algo errado tem a ver com o sentido musical, o ritmo da frase, não sei como dizer, mas fico realmente satisfeito quando leio de modo musical... Escritores dizem, ah, escrevo ouvindo suas canções, ou música clássica. Eu olho para eles e digo: você não gosta de música. Você gosta, mas não é uma pessoa musical. Não toma sua atenção. Se você gosta, qualquer música, no elevador, chama sua atenção”.

Fonte: Folha de São Paulo, 18/04/2005 – Pedro Dias Leite

Francisco Buarque de Hollanda

Nasceu em 19 de junho de 1944, no Rio de Janeiro. Compositor, cantor e escritor dos mais destacados nas duas primeiras artes e com algum destaque também na condição de literato, obtido mais recentemente. Com 2 anos de idade, a família muda-se para São Paulo, e com 9 anos muda-se para a Itália, onde o pai, o historiador Sérgio Buarque de Hollanda, vai dar aulas na Universidade Roma. O interesse pela música surge logo cedo, compondo canções e operetas, que eram encenadas pelas irmãs mais novas. Tal interesse se manifestou também pela literatura, quando passa a devorar a literatura francesa, russa e alemã. Criticado por ler

apenas estrangeiros, passa a se interessar também pela literatura brasileira. O músico surgiu a partir do disco *Chega de saudade*, de João Gilberto, e alterou definitivamente sua relação com a música. Ele o ouvia tão insistente e repetidamente que chegava a irritar os vizinhos. Nem mesmo a irmã Miúcha, que mais tarde se casaria com João Gilberto, aguentava ouvir sempre o mesmo som. Seu sonho, na época, "era cantar como João Gilberto, fazer música como Tom Jobim e letra como Vinicius de Moraes". Em 1963 entra na Faculdade de Arquitetura da USP, mas abandona o curso três anos depois para se dedicar à música. O primeiro disco com duas músicas: *Pedro pedreiro* e *Sonho de um carnaval* surge em 1965, com relativo sucesso. Porém a fama começa mesmo com a música que fez para a peça *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto. Nesse mesmo ano conhece Gilberto Gil, Caetano Veloso, Elis Regina e outros. No ano seguinte compõe *A banda* e vence, junto com *Disparada*, o II Festival de Música Popular Brasileira. Lança seu primeiro "Long play", cujo título é seu próprio nome. Em 1967 recebe o título de Cidadão Paulistano, lança o LP volume vol. 2 e torna-se, segundo Millôr Fernandes, a "única unanimidade nacional". Escreve a peça *Roda viva* (1967) e tem os problemas agravados com a censura. Em 1971 lança o LP *Construção*, escreve a peça *Calabar* (1973) com Rui Guerra e lança sua primeira novela: *Fazenda modelo* (1974). O segundo livro saiu em 1979, literatura infantil: *Chapezinho amarelo*. Em 1981 lançou um livro de poemas escrito nos anos 1960: *A bordo do Rui Barbosa*. O primeiro romance surgiu em 1992: *Estorvo*, anunciando um desejo de se dedicar mais à literatura. O desejo é confirmado com o lançamento de *Benjamin* (Companhia das Letras, 1995) e

Budapeste (Companhia das Letras, 2004). Em 2009 lançou *Leite derramado* (Cia. das Letras), mais um romance que vem confirmar a existência de Chico Buarque também como um grande escritor.

Christopher

Isherwood

"Não sou musical, de forma alguma. Em primeiro lugar, sou muito convencional. Não considero que você realmente tenha uma sensibilidade por uma arte a menos que reaja a suas manifestações mais modernas. Nas artes gráficas, sou muito mais flexível e interessado em todos os tipos de pintura. Mas mesmo com toda a boa vontade do mundo, simplesmente não entra nada da música moderna. Gosto de Beethoven etc".

Fonte: *Os escritores 2: as históricas entrevistas da Paris Review*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Christopher William Bradshaw Isherwood

Nasceu em 26/08/1904, em Cheshire, Inglaterra. Romancista e dramaturgo, integrante do grupo de escritores radicais de 1930. Amigo e colaborador de W.H. Auden, com quem escreveu três peças: *The dog beneath the skin* (1935), *The ascent of F6* (1936) e *On the frontier* (1938). No período 1929-1933 viveu em Berlim dando aulas de inglês e de onde fugiu devido a perseguição nazista. Nesta época escreveu dois de seus livros mais importantes: *The memorial* (1932) e, mais tarde, *Goodby Berlin* (1939). Estes dois livros

serviram de base para o musical *Cabaret*, filmado em 1972, e o último é considerado um dos mais importantes romances políticos do século XX. Em 1943 tornou-se um discípulo de Swami Prabhavananda (junto com quem traduziu o Bhagavad-Gita, em 1944), produzindo várias obras sobre a Vedanta, e em 1969 publicou *Os fundamentos da Vedanta*. Em 1954 publica *O mundo da noite*, num estilo autobiográfico, onde um jovem escritor tenta entender o fracasso de seus dois casamentos homossexuais. Em 1964 retoma o tema e publica *A single man*, apresentando um único dia da vida de solidão de um homem homossexual de meia-idade, diante da morte do companheiro. Foi um autor que revelou sua homossexualidade desde cedo, bem como a influência deste fato seu trabalho. Assim, na década de 1970 tornou-se líder e porta-voz dos direitos dos homossexuais. Outras obras: *Lions and shadows* (1938), *Prater violet* (1945), *The world in the evening* (1954), *Down there on a visit* (1962), *A meeting by the river* (1967). Faleceu em 04/01/1986.

Clarice

Lispector

"Não, meus livros, felizmente para mim, não são indivíduo. Há quem diga que a música e a literatura vão acabar. Sabe quem disse isso? Henry Miller. Não sei se ele queria dizer para já ou para daqui a 300 ou 500 anos. Mas eu acho que nunca acabarão... Acho que o som da música é imprescindível para o ser humano e que o uso da palavra falada e escrita é como a música, duas coisas das mais altas que nos elevam do reino dos macacos, do reino animal".

Fonte: www.jobim.com.br

Clarice

Lispector

Nasceu em 1920 na Ucrânia e veio para o Brasil em seguida. Sua infância se passou no Recife, e aos 12 anos foi morar no Rio de Janeiro. Aos 17 anos publicou seu primeiro livro e não pára mais de escrever. Em torno dela se estabeleceu um mito de intelectual e uma aura de mistério, criados em parte por ela mesma. Quando morreu, Drummond escreveu: "Clarice/veio de um mistério, partiu para outro/Ficamos sem saber a essência do mistério/Ou o mistério não era essencial/Essencial era Clarice bulindo no fundo mais fundo/Onde a palavra parece encontrar/sua razão de ser e retratar o homem...". Ao fim de uma entrevista para a TV Cultura de São Paulo em fevereiro de 1977, Julio Lerner perguntou a Lispector: "Mas você não renasce e se renova a cada trabalho novo?". A resposta exprimiu tristeza e desencanto com a vida: "Bom, agora eu morri... Mas vamos ver se eu renasço de novo. Por enquanto eu estou morta... Estou falando do meu túmulo". Meses depois faleceu de verdade. Mas eis que surge o milagre: poucos anos depois, ela renasce como uma das escritoras mais importantes da literatura brasileira. Seu primeiro livro, *Perto do coração selvagem*, foi publicado em 1943, seguido de muitos outros de grande sucesso de crítica e público: *O lustre* (1945), *Laços de família* (1960), *A maçã no escuro* (1961), *A paixão segundo GH* (1964) e *Água viva* (1973) ficaram marcados no cenário da literatura nacional. Seu último livro – *A hora da estrela* (1977) – foi além do sucesso literário e passou para a tela do cinema. Sua obra tem sido objeto de diversas teses

acadêmicas. Em 2004, a Editora Rocco selecionou 218 crônicas publicadas no Jornal do Brasil – em que a escritora, em primeira pessoa, discute filosofia de vida e ensaia tentativas de compreender o mundo – e lançou *Aprendendo a viver*, livro póstumo. Faleceu em 9 de dezembro de 1977.

Claudio

Carneyro

"O ritmo e a musicalidade de um poema, senão mesmo a vibração etérea da ideia poética, irradiam da mesma esfera que a poesia dos sons, a harmónica substância, o verbo musical."

Fonte: <http://www.meloteca.com/citacoes-literatura.htm>
(25/11/2009)

Cláudio

Carneyro

Nasceu em 1895, na cidade do Porto, Portugal. Compositor e protagonista de um dos casos mais flagrantes de identificação entre um artista e sua terra natal. Nasceu, viveu e morreu no Porto, onde é venerado como o maior compositor daquela cidade. Participou ativamente do Conservatório de Música do Porto, do qual foi professor de solfejo e composição, e diretor no período 1955-1958. Profundo conhecedor das bases de formação clássica, tendo por fonte inesgotável de saber J. S. Bach e uma grande predileção pelo polifonismo. É incontestável a relevância que a sua obra da Canção Culta de Câmara assume na História da Música Portuguesa, cabendo-lhe representar a transição do romantismo para a música moderna, situando-se

sobretudo no impressionismo, no simbolismo e no expressionismo, Foi mestre na sintetização de urdidura musical ao interpretar um poema e também no tratamento da prosódia. A escolha de poesia medieval denuncia o seu gosto pelo arcaico. O interesse pela música portuguesa manifesta-se fortemente, já pela sua pesquisa folclórica, já pelas suas harmonizações de melodias do povo e inserção de temas populares em variadas obras do seu legado musical que abrange todos os generos, menos o da ópera e o da oratória, e em que se salienta a música de câmara, de piano, de bailado e sinfônica. Principais obras: Quatro corais antigos (1916) Nau Catarineta (1942/1945), Portugalesas (1949), Bailadeiras (1954), D'Aquém e d'Além-mar (1939) , Barcos de papel (1941), Pavana (1939), Galharda (1959), A roda dos degredados (1943). Faleceu em 1963.

Duda

Machado

"Não é uma questão de princípio se poder classificar que a letra da música não equivale ao poema ou então que o poeta é sempre superior à letra. Isso não é verdade. É uma questão de qualidade daquela letra e daquele poema. Essa não é uma preocupação, da mesma maneira que você pode ouvir música erudita e popular, sem se importar em classificar que ao ouvir uma se está num momento superior do que ouvir outra".

Fonte: Jornal do Brasil, 24/01/1998 – Marili Ribeiro

Eduardo

Machado

Nasceu em São Paulo, em 11/06/1976. Músico e baterista, participou da banda "Lisergia" de Salvador, BA e atuou ao lado da cantora Pitty, com quem foi casado. Junto com o

guitarrista Martin, montou uma banda com uma pegada totalmente rock and roll especializada nos gêneros hard rock, rock alternativo e pós-punk. Uma das músicas mais conhecidas da dupla é "Dezenove vezes amor". Outras músicas: *Lírio, Passa em volta, Só, Daqui pra frente, Muitas, Seu bem, Satrange days, Me perdi.*

Eduardo

Lourenço

"A fruição estética é sempre da mesma natureza. Se eu tivesse mais educação musical, provavelmente sentiria isso com mais intensidade na música. Há alguns dias eu ouvi Tristão e Isolda, de Wagner. É uma coisa que me dissolve completamente. A pura genialidade. Penetra na gente por um tempo que não é apenas o seu tempo empírico, mas o tempo do não-temp, uma espécie de experiência da eternidade. A poesia dá a mesma coisa, embora possamos interferir na sua compreensão pelas palavras".

Fonte: Folha de São Paulo, 11/08/1996 - Bernardo Ajzenberg

Eduardo

Lourenço

Nasceu em São Pedro do Rio Seco, Portugal, em 23/05/1923. Filósofo, ensaísta, crítico literário, escritor e figura preponderante e venerada nos meios intelectuais de Portugal há mais de 50 anos. Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas (1946), permaneceu na Universidade de Coimbra como assistente de Filosofia, entre 1947 e 1953. É nesse período que publica o primeiro livro Heterodoxia

(1949). Foi professor de Cultura Portuguesa entre 1954 e 1955 na Alemanha (em Hamburgo e Heidelberg), exercendo depois a mesma actividade na Universidade de Montpellier (1956-58). No ano seguinte passa a viver em Salvador, Bahia, dando aulas de filosofia na UFBA, onde manteve contatos com Glauber Rocha. "Um menino que trafegou entre a euforia e a tragédia" e assistiu a entronização de Jorge Amado como pai-de-santo. Em 1960 se muda para a França e passa a lecionar nas Universidades de Grenoble (até 1965) e de Nice (1965-1987). Seu livro mais famoso é um estudo da mitologia lusitana: *O labirinto da saudade* (1978). Em sua bagagem consta ensaios polêmicos como *Presença ou a contra-revolução do modernismo português?* (1960), *Sentido e forma na poesia neo-realista* (1968) e *Pessoa revisitado* (1973). Dada a identificação de Fernando Pessoa com o erotismo muito semelhante ao do Rei da Baviera (Luiz), o autor acredita que ele era homossexual "pelo menos na cabeça". Com uma clara autoridade moral, foi-lhe atribuída a Ordem de Santiago da Espada em 1981 e o Prêmio Europeu de Ensaio Charles Veillon (concedido em 1988 por ocasião da sua obra *Nós e a Europa ou as Duas Razões*) no ano em que foi colocado em Roma como adido cultural português. Em 1996 recebeu o Prêmio Camões e em 2001 o Prêmio Vergílio Ferreira da Universidade de Évora. Em 2007 foi distinguido pela Universidade Bolonha com o título de doutor honoris causa em Literaturas e Filologias Europeias. Vive desde 1974 em Vence, vilarejo de 15 mil habitantes a 20 km. de Nice, na Côte d'Azur francesa.

Edward

Albee

“Um autor de teatro é três coisas: um escritor, um músico – porque as peças são executadas para serem ouvidas, por isso é muito parecido com escrever música – e um artista plástico, porque a peça é sempre uma experiência visual. Um autor teatral tem de conhecer literatura, artes plásticas e música”.

Fonte: Bravo!, jan. 1999 – Angela Cozetti Pontual

Edward Franklin Albee

Nasceu em Washington, EUA, em 12/03/1928. Dramaturgo e encenador, viveu em meio a uma família rica que estava envolvida na gerência do teatro de vaudeville. Sua casa era freqüentada pelos performers aposentados. Foi adotado com apenas duas semanas de idade, mas nunca se sentiu confortável com os pais adotivos. Interessado nas artes, descobrindo a poesia quando tinha nove anos. Não obstante viver num “berço de ouro”, suas peças, de caráter psicológico, analisam e desmascaram as crises do homem e da sociedade atual. Sua obra é caracterizada pela reprovação dos malefícios morais e espirituais infligidos ao ser humano por um excesso de ostentação de bens materiais e pela busca desenfreada do chamado “sonho americano”. Escreveu a sua primeira peça de teatro aos 12 anos (*Aliqueen*), mas só foi reconhecido em 1958 com a peça *The zoo story*. Por volta de 1962 estreia na Broadway a peça que o consagrou como dramaturgo: *Quem tem medo de Virginia Wolf*, que lhe rendeu o prêmio *Pulitzer Prize for Drama*.

Posteriormente viria a receber mais três Pulitzer: com *Delicate Balance* (1966), em que descreve uma família *convencional* que sofre uma reviravolta quando é invadida por bons amigos que vêm em fuga do seu próprio lar por um medo inexplicável; com *Seascape* (1975), na qual duas das quatro personagens são enormes criaturas reptilianas que emergem do mar; e ainda com *Three Tall Women* (1991), obra que reflete a crítica que lhe vinha sendo feita desde os anos 80. A par de algumas opiniões que defendiam que o teste do tempo provaria serem as suas últimas obras as melhores, o público considerava-o tão desinteressado no teatro comercial que havia chegado ao extremo de preferir a comunicação com a audiência, preferindo falar de si próprio em linguagem cifrada.

Eric

Nepomuceno

"Antes de ir para a máquina, eu convivo muito com o texto e essa convivência dá-se nas maneiras mais absurdas: caminhando pela praia de manhã, ou nas noites de insônia, ou ouvindo música – só trabalho com música, porque 'viajo' muito pela música e vôo atrás da palavra escrita.

Fonte: RICCIARDI, Giovanni. *Escrever 2*. Bari: Ecumênica Editrici srl, 1994.

Milton Eric Nepomuceno

Nasceu em 1948, na cidade de São Paulo, SP. Jornalista, escritor e tradutor do espanhol, é, talvez, o autor brasileiro

com maior trânsito na literatura latino-americana. Tornou-se jornalista em 1965 e, desde o seu início profissional, voltou-se para a divulgação da literatura e da música continental, na época ainda praticamente desconhecidas do grande público. Paralelamente à carreira de correspondente internacional – primeiramente na Argentina, depois na Espanha, mas com passagens por vários outros países –, ele desenvolveu um aprofundamento não só intelectual, mas também estabeleceu laços de amizade com muitos escritores da região. Em 1986, abandonou o jornalismo diário e, desde então, escreve ocasionalmente para a imprensa do Brasil, da Espanha e do México. Vencedor por duas vezes do Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, na categoria Tradução. Traduziu obras dos principais autores contemporâneos da literatura hispânica: Gabriel García Márquez, Juan Rulfo, Julio Cortázar e Jorge Luis Borges, entre outros. Como escritor, publicou diversos livros na área da ficção, não-ficção e juvenil, entre os quais: *Memórias de um setembro na praça* (1979), *Quarenta dólares e outras histórias* (1987), *Hemingway na Espanha* (1991), *Coisas do mundo* (1994), *A palavra nunca* (1997) e *Quarta-feira* (1998). Obras publicadas no exterior: *Hemingway en España* (1979), *Contradanza y otras histórias* (1982) e *Antes del invierno* (1984). Atualmente, escreve artigos e reportagens no Brasil, Espanha, México e Uruguai e em jornais como: *El País*, de Madrid, e *Página 12*, de Buenos Aires. Escreveu, também, roteiros em co-produção com a TV Espanhola e produtoras da Holanda e Inglaterra; autor do texto final do documentário: *Vinícius*, de Miguel Faria Jr. Seu lançamento mais recente – *O massacre* (2007) – é uma reportagem

sobre o conflito entre a polícia do Para e os integrantes do Movimento dos Sem Terra, em Eldorado do Carajás.

Érico

Veríssimo

"Gosto de música sinfônica, mas prefiro a de câmara, especialmente o quarteto, que me dá a impressão de uma conversa inteligente entre quatro pessoas civilizadas".

Fonte: O Estado de São Paulo, 24/08/1991 – Homero Senna

"Creio que o enigma da vida é já tão complicado que o escritor não deve criar em torno dele outro enigma, nem mesmo de natureza verbal. A poesia, sim, é o reino das palavras... E há estados da alma que nem a poesia consegue descrever ou mesmo sugerir, e é nesse ponto que a música pode ser chamada em seu socorro".

Fonte: Folha de São Paulo, 27/12/2003 - Marcelo Pen

Érico Lopes Verissimo

Nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em 17 de dezembro de 1905. Foi na sua época (e depois de Jorge Amado) o escritor mais traduzido no exterior. Considerava-se apenas um contador de histórias, como aliás foi durante algum tempo na Rádio Farroupilha, narrando histórias infantis no programa Clube dos três porquinhos. O romance *O tempo e o vento* é considerado um dos clássicos da literatura brasileira. Foi premiado diversas vezes: recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras,

em 1954, e Juca Pato, da Câmara Brasileira do Livro, em 1968. Sua última obra, *Solo de clarineta*, livro de memórias que deveria conter três volumes, permaneceu incompleta com apenas dois. De sua obra, podem-se citar *Olhai os lírios do campo* (1938), o primeiro grande sucesso; *O senhor embaixador* (1965), em que o autor se desloca dos pampas para o cenário internacional e *Incidente em Antares* (1971), no qual retoma a interpretação da realidade política brasileira numa linguagem crítica e bem-humorada sobre as restrições ao livre pensamento e ideais democráticos na época mais severa da ditadura militar que governava o país. Faleceu em 1975. O autor é lembrado constantemente entre os clássicos literatura brasileira. Em 1999 foi editado um ensaio sobre Verissimo, com comentários e uma coletânea de suas entrevistas: *A Liberdade de Escreve*

Ezra

Pound

"Richter, em seu Tratado sobre a harmonia, como o senhor sabe, diz: 'Há os princípios de harmonia e contraponto; eles nada têm que ver com composição, que é uma atividade inteiramente à parte.' A afirmação, que alguém fez, de que não se podia escrever certas formas de canzoni provençais em inglês é falsa. A questão de saber se isso era aconselhável ou não era outro assunto. Quando não havia o critério da linguagem natural sem inversão, tais formas eram naturais, e elas as realizavam com música. Em inglês, a música é de natureza limitada. Tem-se a perfeição francesa de Chaucer e Lawes. Não creio que eu tenha chegado a pensar nessa espécie de forma antes de me deparar com os

coros de Trachiniae. Não sei se cheguei, na verdade, a algo, mas aquilo me pareceu um prolongamento das gamas. Pode ter sido uma ilusão. Estivemos sempre interessados na mudança de intensidade na união de motz et son, do mundo e da melodia".

Fonte: COWLEY, Malcolm. Escritores em ação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

"O soneto não foi um *invento* poético. Foi produzido automaticamente quando alguém fracassou em sua tentativa de criar uma *canzone*. Sua inspiração genial nada mais foi do que o reconhecimento de que se esgotara seu tema substancial"

Fonte: DAGHIAN, Carlos (org.). *Poesia e música*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

Ezra Weston Loomis Pound

Nasceu em 10 de agosto de 1885, em Idaho, EUA. Poeta e crítico literário com vasta produção literária, chegou a publicar mais de 90 volumes de poesia, crítica e traduções. Ainda jovem, viveu em Londres e Paris na década de 1920. Mais tarde passou a viver na Itália até a II Guerra Mundial, onde trabalhou em propaganda antialiada pelo rádio. Em 1945, foi preso pelas tropas norte-americanas e julgado por traição. Passou mais de seis meses confinado numa prisão solitária, chegando a sofrer repetidos ataques de histeria e terror. Levado aos EUA, escapou da pena de morte por ser considerado louco. Permaneceu quatorze anos internado no

Saint Elizabeth Hospital e retornou à Itália em 1958, onde viveu até o fim da vida em companhia de sua filha. Sua maior obra poética, *Os Cantos*, estruturada segundo o modelo da *Divina Comédia*, começou a ser publicada em 1917 e sua última parte, *Tronos*, foi lançada em 1959. Os poemas mais curtos foram coligidos na obra *Personae*, publicada em 1926 e, em edição ampliada, em 1950. Seu poema *Waste Land* é considerado o maior poema do século 20 em língua inglesa. Outras obras: *Exultations* (1909), *Provence* (1910), *Cathay* (1915), *Versi prosaici* (espécie de autocrítica poética) e *Instigations* (1920), em que aparece o crítico e teórico literário para divulgar sua teoria do ideograma. Na crítica literária, destaca-se o caráter formador de sua personalidade com obras como *A arte da poesia* e *ABC da literatura*, traduzidas pela Editora Cultrix. Suas últimas publicações foram *Love poems of ancient Egypt* (1962) e *From Confucious to Cummings* (1963). Faleceu em Veneza, em 1º de novembro de 1972

Fernando

Pessoa

"Para que é que havemos de falar?... É melhor cantar, não sei porquê... O canto, quando a gente canta de noite, é uma pessoa alegre e sem medo que entra de repente no quarto e o aquece a consolar-nos".

Fonte: <http://www.meloteca.com/citacoes-literatura.htm>
(21/11/2009)

Fernando António Nogueira Pessoa

Nasceu em 13/06/1888, em Lisboa, Portugal. Escritor e um dos maiores poetas da língua portuguesa. Passou a maior parte de sua juventude na África do Sul, em Durban, para onde viaja em 1893 junto com sua mãe e o padastro. Desde cedo demonstra possuir habilidades para a literatura e recebe uma educação britânica, motivo pelo qual seus primeiros textos foram escritos na língua inglesa. Com exceção de *Mensagem*, os únicos livros publicados em vida são os da coletânea dos seus poemas ingleses: *Antinous*, *35 sonets* e *English poems I, II e III*, escritos entre 1918 e 1921. Ingressa na Durban High School em 1904 e frequenta o equivalente ao primeiro ano universitário. Por esta época escreve poesia e prosa e publica no jornal do liceu um ensaio intitulado Macaulay. Os heterônimos surgem, também, nesta época: Charles Robert Anon e H.M.F. Lecher. Em 1905 volta sozinho para Lisboa, passa a viver com a avó e duas tias, e matricula-se no Curso Superior de Letras, da Universidade de Lisboa, que abandona antes de completar o primeiro ano. Entra em contato com importantes escritores portugueses e interessa-se por Cesário Verde e Padre Antônio Vieira. A partir de 1908, dedica-se à tradução de correspondência comercial, um trabalho free-lancer que lhe permite trabalhar alguns dias da semana e escrever. Sua iniciação como ensaísta e crítico literário se dá em 1912, com o artigo: *A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada*, publicado na revista *Águia*. Neste ano surge o heterônimo Ricardo Reis. Além deste surgem outros: Alberto Caiero, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Bernardo Soares. Através dos heterônimos, conduziu uma profunda reflexão sobre a

relação entre verdade, existência e identidade. "Com uma tal falta de gente coexistível, como há hoje, que pode um homem de sensibilidade fazer senão inventar os seus amigos, ou quando menos, os seus companheiros de espírito?", confidenciou. Em 1928 A Coca-Cola chega ao mercado português e o poeta fica encarregado de criar um slogan para o produto: "Primeiro estranha-se, depois entranha-se". A mercadoria vende como água. Mas proíbem a sua representação em Portugal. A Direção de Saúde entende que o slogan é o próprio reconhecimento da sua toxicidade. Sua obra e sua vida foram permeados por ligações com as chamadas ciências ocultas, o que pode ser percebido em muitos de seus poemas. Em 1930 inicia uma troca de correspondência com o "mago" inglês Aleister Crowley. Passa a dedicar-se com afinco a astrologia, a fazer mapa astral seu e de amigos. Em 1934 Cecília Meireles foi a Portugal fazer umas conferências e manifestou o desejo de conhecê-lo. Através de um dos escritórios para o qual trabalhava o poeta, conseguiu comunicar-se com ele e marcar um encontro para o meio-dia. Ela esperou inutilmente até as duas da tarde. Cansada de esperar, voltou ao hotel e encontrou um exemplar do seu único livro *Mensagem* (1934), e um recado do misterioso poeta, justificando que não comparecera porque consultara os astros e, segundo seu horóscopo, "os dois não eram para se encontrar". Embora tenha escrito dezenas de artigos, ensaios e poemas, publicou apenas um livro, o qual participou de um concurso literário chamado "Antero de Quental" e ganhou o segundo prêmio. Em janeiro de 1935 pensa em mudar-se para as cercanias de Lisboa com a finalidade de compor seu primeiro grande livro.

Em 29 de novembro é hospitalizado com uma cólica hepática e falece no dia seguinte.

Ferreira

Gullar

“Letra de música não é poema. Pode conter poesia, como o poema a contém ou não. Mas são gêneros específicos. Uma letra de música precisa de música. Você pode encontrar exceções, mas na grande maioria dos casos uma letra de música necessita da música para alcançar sua expressão cabal. Existe uma música conhecidíssima, verdadeira obra-prima da MPB, que diz assim: ‘Podemos ser amigos, simplesmente. / Amigos simplesmente, e nada mais’. Chama-se Chuvas de verão; é da autoria de Fernando Lobo. Mas se suprimirmos a música, alguém poderia dizer que isso é poesia? Não é. Então, a diferença que existe é apenas a seguinte: quando o poeta escreve o poema, sabe que terá de utilizar ali todos os recursos necessários para que a expressão verbal esteja completa nesse mesmo poema. Por isso, o poema tem uma linguagem própria que constitui uma elaboração específica e distinta da letra de música. É tão difícil fazer uma letra de música boa quanto um bom poema, pois isso requer conhecimento e domínio da técnica musical – enfim, sutilezas que o poema também exige. Só que é diferente. Parece-me uma coisa absolutamente escandalosa toda essa confusão. Criou-se, inclusive, uma situação de conflito, de disputa. A letra de música pode conter poesia, sem ser poema, isto é, sem ter a autonomia do poema...É que a poesia está na janela, na paisagem, na música, em qualquer coisa. Poesia é um sentimento, uma emoção.

Conhece-se a poesia através da música, do teatro, da pintura, do cinema. Em tudo isso há poesia. Agora, o gênero literário chamado poesia, que existe no poema, somente se expressa através do poema”.

Fonte: Poesia Sempre (RJ), ano 6, n. 9, mar. 1998

"O Fagner, por conta própria, pegou os meus poemas e começou a botar música. Depois me procurou e falou: 'Ô, poeta, eu quero mostrar pra você as músicas que coloquei nos seus poemas'. E assim começamos as parcerias e ele a me chamar de parceiro. Depois ele fez uma música e pediu pra eu botar letra. Foi o único caso, porque no geral ele bota música no poema. O Milton (Nascimento) foi o seguinte: Em 1979 o pessoal fez um espetáculo com o *Poema Sujo*. Tinha a Esther Goes e o Rubens Correia. O Milton foi chamado para fazer a música e ele musicou uma série de trechos do poema. Num outro caso, numa peça francesa sobre o Tiradentes montada pelo Fagundes, cujo texto eu traduzi para o português, havia um poema que eu reescrevi e o Milton pôs música nesse poema também... O Paulinho da Viola, que é meu amigo próximo, porque mora aqui no Rio e às vezes me procura para bater papo, me pediu uma letra para seu novo disco. Eu fiz a letra e assim nasceu *Lição de Vida*, que tem como subtítulo *Molejo Dialético*."

Fonte: Estado de Minas, 10/09/2000 - Jorge Fernando dos Santos

José Ribamar Ferreira Gullar

Nasceu em 1930, em São Luís, Maranhão. Ensaísta e poeta integrante do movimento concretista, do qual se desligou para criar o grupo neoconcretista. Teve seu nome mudado para Ferreira Gullar aos 18 anos, quando se viu confundido com os muitos Ribamar existentes em São Luís. Seu primeiro soneto foi publicado aos 18 anos e intitulou-o *O trabalho*. Em 1949 reuniu os primeiros poemas e publicou *Um pouco acima do chão*. É um poeta militante na política e nos movimentos culturais. Foi exilado político nos anos 1971-77, período de grande sofrimento, do qual resultou *Poema Sujo* (1976), um de seus mais belos poemas, também chamado de nova "Canção do Exílio". Sobre este aspecto, ele tem uma frase célebre: "A infelicidade pode provocar poesia. Em excesso, ela te anula". Deste tempo no exílio alguns anos foram passados em Moscou, onde fez um curso de Marxismo-Leninismo, Logo é um dos poucos brasileiros, segundo ele mesmo, "bacharel em subversão". Participou das Ligas Camponesas e do Partido Comunista durante muito tempo. Foi editor da revista Piracema; diretor da Fundação Cultural de Brasília, e presidente do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC), transformado em Funarte. Em 1995 foi convidado pelo presidente Itamar Franco para ocupar a pasta da Cultura, declinou do convite, alegando que não servia para ser ministro. Tem mais de 20 livros escritos, dos quais destacam-se: *Vanguarda e subdesenvolvimento* (1969), *Toda poesia 1950-1980* (1980), *Barulhos* (1987), *A estranha vida banal* (1989), *Argumentação contra a morte da Arte* (1993) e *Cidades inventadas* (1997). Seu livro *A luta corporal* (1954), um dos marcos da poesia brasileira contemporânea, teve uma edição comemorativa em 1994 pela Editora José Olympio, que se

encarregou de publicar toda sua obra poética. Em 1999, depois de doze anos sem publicar, lançou *Muitas vozes*, reafirmando uma das veias poéticas mais expressivas da literatura brasileira. No mesmo ano foi homenageado pela sua cidade natal com o seu nome em uma das principais avenidas. Em 2000 partiu para uma nova experiência literária: estréia na literatura infantil com um livro dedicado ao seu gato siamês: *Um gato chamado gatinho*. Nesta obra o poeta mantém o mesmo nível de seus poemas para adultos, fato que confirma sua versatilidade e competência literária. Outros lançamentos: *O menino e o arco-íris*. (Ática, 2001), *Relâmpagos*. (Cosac & Naify, 2003), *Os melhores poemas de Ferreira Gullar* (Global, 2004); *Dr. Urubu e outras fábulas* (José Olympio, 2005). Seu lançamento mais recente é o livro de poemas *Em alguma parte alguma* (2009), um lançamento antecipando as comemorações dos 80 anos do poeta, em 2010. Neste ano ele recebeu um presente bem merecido, a maior premiação literária em língua portuguesa: O Prêmio Camões, enquanto o Nobel não vem.

Friedrich von Schiller

"A ópera, graças ao poder da música, afina o sentimento e torna-o apto a bem receber impressões de beleza; aqui o próprio patético se sente à vontade para se exprimir, porque a música o ajuda e o maravilhoso, tão difícil de traduzir no palco, encontra finalmente a forma teatral que lhe convém".

Fonte: <http://www.meloteca.com/citacoes-literatura.htm>
(25/11/2009)

Friedrich von Schiller

Nasceu em 1/11/1759, em Marbach (Alemanha). Poeta, filósofo, dramaturgo e historiador e um dos grandes homens de letras da Alemanha do século XVIII. Juntamente com Goethe, Wieland e Herder é representante do Romantismo alemão e do Classicismo de Weimar. Interessado sobretudo na Estética, deixou poesias, peças teatrais e ensaios que marcaram a literatura e a filosofia alemãs. Sua primeira obra, a peça *Die Rauber* (Os assaltantes), foi escrita em 1778, época em que estuda em Stuttgart, e revelava sua revolta contra a tirania dos governos, e a influência que recebia das leituras de Rousseau e do movimento Sturm und Drang. A peça, publicada às suas expensas, tornou-se um sucesso, e é considerada um dos mais importantes dramas do teatro germânico no século XVIII. Em fins da década de 1780 manteve uma profícua amizade com Goethe, com quem mantinha o jornal "Die Horen" e o ajudou a ingressar como professor na Universidade de Jena. De 1793 a 1801 escreveu vários ensaios tentando definir a atividade estética, sua função social e suas relações com a moral. Com base no pensamento de Kant, desenvolveu uma teoria da "educação estética", uma possibilidade a partir do equilíbrio entre a dominação da inteligência e a dominação dos sentidos. De acordo com ele, a tragédia materializa a vitória moral do homem sobre seus instintos e seu egoísmo. Essas idéias aparecem nos ensaios e nos poemas, como o *Das Ideal und das Leben* ("O ideal e a vida"), de 1795, e em certa medida também nos dramas: *Wallenstein*, de 1798-1801, *Maria Stuart*, de 1800; *Die Jungfrau von Orleans* ("A jovem de Orleans"), de 1801, e *Wilhelm Tell* (Guilherme Tel"), de 1804, este o último drama que chegou a completar, e no qual exalta a luta do povo suíço para livrar-se da tirania. Faleceu em 1805.

Geraldo**Carneiro**

“A verdade é que poesia e letra (de música) não são a mesma coisa. O João Cabral tem uma definição boa disso, numa orelha da *Morte e vida Severina*, onde ele diz que estava escrevendo aqueles poemas para um quarto de atenção. São poemas para serem escutados, eles não têm a dimensão da visualidade. Precisam ter uma clareza maior, uma complexidade menor. Tudo isso faz parte do universo da canção e não do da poesia. O que não implica necessariamente numa hierarquia. Não saberia hierarquizar a palavra cantada e a palavra impressa”.

Fonte: Jornal do Brasil, 28/10/1995

Geraldo**Carneiro**

Nasceu em Belo Horizonte, MG, em 11/06/1952. Poeta, compositor, dramaturgo e roteirista destacado no cenário nacional Participou ativamente da geração de poetas da chamada “poesia marginal”, tendo estreado em livro quando ainda estudante de Letras na PUC-RJ, em 1974, ao lado dos poetas Cacaso, Francisco Alvim, João Carlos Pádua e Roberto Schwarz. Publicou posteriormente os livros *Verão Vagabundo* (1980), *Piquenique em Xanadu* (1988), (com o qual ganhou o Prêmio Lei Sarney de Melhor Livro de Poesia do Ano) *Pandemônio* (1993), *Folias Metafísicas* (1995), *Por Mares Nuncas Dantes* (2000), *Lira dos Cinquent’anos* (2002) e *Balada do Impostor* (2006). Na prosa, publicou os livros *Vinicius de Moraes: a fala da paixão* (1984) e *Leblon: a crônica dos anos loucos* (1966). Como músico, participou do grupo “A Barca do Sol”, grupo aproximado do rock progressivo, onde era um dos compositores. É parceiro de Egberto Gismonti, Astor Piazzolla, Francis Hime, Wagner Tiso, John Neschling, Nando Carneiro e outros compositores, cujas músicas foram gravadas por diversos intérpretes, entre

os quais, além dos acima mencionados, Ney Matogrosso, Lenine, Michel Legrand, Olívia Byington, Zé Renato, Olívia Hime, Cauby Peixoto, Fafá de Belém, Leila Pinheiro, Gal Costa, As Frenéticas, Jane Duboc e Zezé Motta. Para o teatro escreveu *Lola moreno*, em parceria com Bráulio Pedroso (encenada em 1979 e 1982), *Folias do coração* e *Apenas bons amigos*, em parceria com Miguel Falabella, ambas encenadas em 1983; *Divina Increnca* e *A bandeira dos cinco mil réis*, ambas encenadas em 1986; *Manu çaruê* (ópera performática com música de Wagner Tiso, encenada em 1992). Traduziu *A Tempestade*, de Shakespeare (encenada em 1982 e 1983 e publicada em 1991); adaptou *Como gostais*, do mesmo autor (encenada em 1985 e publicada em 1986), além de *Lúcia McCartney*, de Rubem Fonseca (1987), *Lulu*, de Frank Wedekind (1989) e *As 1001 Noites* (1991). Do mesmo Shakespeare, traduziu ainda *Antonio e Cleópatra* (encenada em 2005) e *Trabalhos de amor perdidos*. Como roteirista, escreveu *Sônia: Morta & Viva*, de Sérgio Waissman (Tucano de Ouro do FestRio II), *Eternamente Pagu* (em parceria com Márcia de Almeida), *O Judeu* (em parceria com Millor Fernandes). Para a TV, adaptou diversas obras literárias para a série *Brasil Especial* (entre as quais *O Santo que não acreditava em Deus*, depois refilmada por Cacá Diegues como *Deus é Brasileiro*, *A Desinibida do Grajaú*, *Lúcia McCartney* e *O Compadre de Ogum*), escreveu as minisséries *Tudo em Cima*, exibida em 1985, e *O Sorriso do Lagarto* (adaptação do romance homônimo de João Ubaldo Ribeiro), Seu lançamento mais recente é a coletânea *Poemas reunidos* (2010)

Guimarães

Rosa

"Sou precisamente um escritor que cultivava a idéia antiga, porém sempre moderna, de que o som e o sentido de uma palavra pertencem um ao outro. Vão juntos. A música da língua deve expressar o que a lógica da língua obriga a crer."

Fonte: LORENZ, Gunter W. *Diálogo com a América Latina*. São Paulo: E.P.U., 1973.

"Na literatura... há muito de penoso sacerdócio. É uma posição que se assume muito seriamente, importantemente perante o mundo. Persigo sempre as formas mais altas. Sou um homem de vida ascética. Naquela vitrola que você viu no meu apartamento toco muito disco de Luiz Gonzaga, de Tonico e Tinoco. Aprecio a autência música sertaneja; gosto de modas de viola. Usei algumas em meus livros, recriando-as, em forma de contracanções. O folclore existe para ser recriado. Receio demais os lugares-comuns, as descrições muito exatas, os crepúsculos certinhos, tipo cartões postais. Se abusa muito disso na ficção nacional."

Fonte: *Sagarana emotiva: cartas de J. Guimarães Rosa e Paulo Dantas*. São Paulo: Duas Cidades, 1997.

João

Guimarães

Rosa

Nasceu em Cordisburgo, MG, em 27/06/1908. Médico, diplomata e escritor dos mais surpreendentes da literatura brasileira. Começou a estudar francês sozinho aos 7 anos; aos 9 anos começa a estudar holandês sob supervisão e continua a aprofundar o estudo de francês; no colégio, de padres alemães, inicia o estudo do idioma alemão, que aprendeu em pouco tempo. Vê-se, portanto, uma vocação

inata para as línguas. Falava 8 línguas; lia em sueco, holandês, latim e grego; estudia alguns dialetos alemães; estudou a gramática do húngaro, árabe, sânscrito, lituânio, polonês, tupi, hebraico, japonês, theco, finlandês e dinamarquês, além de ter bisbilhotado outras. "acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais profunda do idioma nacional". Aos 16 anos entra na Faculdade de Medicina, mas exerce a profissão de médico por pouco tempo. Ainda estudante, participa de um concurso literário da revista "O Cruzeiro", em 1929. Escreve quatro contos: *Caçador de camurças*, *Chronos kai anagke* (tempo e destino), *O mistério de Highmore Hall* e *Makiné*. Todos foram premiados e publicados em 1929-30 e foram escritos com a intenção de ganhar uma bolada de cem contos de réis. Em 1930 obtém o diploma de medicina e casa-se com uma menina de 16 anos. Vai ser médico em Itaúna, onde vive uns dois anos e nasce sua primeira filha. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, alista-se voluntariamente na Força Pública e posteriormente efetiva-se como oficial-médico, em Barbacena. A vida como militar era muito tranquila permitindo o estudo de idiomas. Sua cultura e erudição e o conhecimento de outros idiomas fêz com que um amigo lhe indicasse o concurso para o Itamarati. Passou em 2º lugar e começou a abandonar a medicina ao mesmo tempo em que abraça cada vez mais a literatura. Em 1936 publica uma coletânea de poemas: *Magma*, com a qual recebe o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. No ano seguinte concorre ao prêmio Humberto de Campos com um volume de contos, cujo título é este mesmo: *Contos*. Tais contos se transformaria, em 1946, após uma revisão do autor, em

Sagarana, obra que o consagra como grande escritor, além de lhe render vários prêmios. O livro conta com uma linguagem rica e pitoresca do povo, registra regionalismos, muitos deles jamais escritos na literatura brasileira. Em 1938 viaja para a Alemanha (Cônsul adjunto em Hamburgo), casa-se pela segunda vez, e tem atuação destacada, junto com sua mulher Aracy, na facilitação da fuga de judeus perseguidos pelo Nazismo. Mais tarde, o governo de Israel reconheceu o heroísmo do casal, e agradeceu dando-lhe seus nomes a um bosque perto de Jerusalém. Em 1942 o Brasil rompe com a Alemanha e o autor fica retido por 4 meses junto com o pintor pernambucano Cicero Dias. Volta ao Brasil, onde passa pouco meses e em seguida é nomeado Embaixador em Bogotá, onde permanece até junho de 1944. De volta ao Rio de Janeiro, passa a se dedicar mais a literatura, publicando *Sagarana* em 1946. No mesmo ano é nomeado Chefe de Gabinete do Ministro João Neves da Fontoura, cujas funções inclui a representação do Brasil na Conferência de Paz, em Paris, e na IX Conferência Inter-Americana, em Bogotá, em 1948, como Secretário-Geral da Delegação Brasileira. A partir daí atua em diversos trabalhos na Embaixada, viaja pelo Mato Grosso e sertão de Minas Gerais, publica *Corpo de baile* (1956), reedita *Sagarana*, e publica o livro pelo qual ficou mais conhecido: *Grande sertão: veredas* (1956). Com este lançamento, ele conquista mais três prêmios: "Machado de Assis", do INL; "Carmen Dolores Barbosa", em São Paulo e "Paula Brito", no Rio de Janeiro. A obra causa grande impacto no cenário literário brasileiro. O livro é traduzido para diversas línguas e seu sucesso deve-se, sobretudo, às inovações formais. Crítica e público dividem-se entre louvores apaixonados e ataques

ferozes. Em 1961 recebe o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra, e passa a ter reconhecimento no exterior. Em janeiro de 1962, passa a chefiar o Serviço de Demarcação de Fronteiras, cargo que exercerá com especial empenho, tendo tomado parte ativa em momentosos casos como os do Pico da Neblina (1965) e das Sete Quedas (1966). Em 1969, é homenageado com seu nome dado ao pico culminante (2.150 m) da Cordilheira Curupira, situado na fronteira Brasil/Venezuela. Em 1962, é lançado *Primeiras Estórias*, livro que reúne 21 contos pequenos. Nos textos, as pesquisas formais características do autor, uma extrema delicadeza e o que a crítica considera "atordoante poesia". Em maio de 1963, candidata-se pela segunda vez à Academia Brasileira de Letras (a primeira fora em 1957) na vaga deixada por João Neves da Fontoura. A eleição dá-se a 8 de agosto e desta vez é eleito por unanimidade. Mas não é marcada a data da posse, adiada sine die, somente acontecendo quatro anos depois. Nos anos seguintes dedica-se a participar de eventos com escritores latino-americanos; foi jurado do mais importante prêmio literário do País, na época, o Concurso Nacional de Romance Walmap; e publicou seu último livro *Tutaméia* (1967), uma nova coletânea de contos e nova efervescência no meio literário, novo êxito de público. *Tutaméia*, obra aparentemente hermética, divide a crítica. Uns vêem o livro como "a bomba atômica da literatura brasileira"; outros consideram que em suas páginas encontra-se a "chave estilística da obra de Guimarães Rosa, um resumo didático de sua criação". Por esta época suas obras são continuamente editadas e reeditadas em todo o mundo, e seu nome foi indicado para o

Prêmio Nobel de Literatura, numa iniciativa de seus editores alemães, franceses e italianos. Mais duas obras póstumas foram incluídas em sua bibliografia: *Estas histórias* (1967) e uma coletânea de textos diversos, apropriadamente intitulada *Ave, palavra* (1970). O adiamento da posse na Academia Brasileira de Letras por quatro anos é fruto de um pressentimento seu de que morreria ao tomar posse, o que realmente aconteceu. Tomou posse em 16 de novembro de 1967 e faleceu três dias depois, vitimado por um enfarte fulminante. No discurso de posse e com a voz embargada afirmou: "...a gente morre é para provar que viveu."

Haroldo de Campos

"Nunca entendemos a poesia como algo desligado das outras artes, da música, da pintura, da escultura. Em 1952 estabelecemos um vínculo de cooperação no plano cultural com os artistas do grupo Ruptura, liderados por Waldemar Cordeiro. Nos anos 50, ouvíamos tudo o que conseguíamos obter dos compositores da vanguarda internacional, líamos até mesmo os ensaios que publicavam em revistas especializadas. Em 1954, estabelecemos contato pessoal com Pierre Boulez, aqui em São Paulo; em 59, encontrei-me com Stockhausen em Colônia. Por outro lado, os jovens músicos experimentais brasileiros conviviam conosco, chegando a publicar seu manifesto para uma nova música na revista *Invenção* (n. 3, 1963), porta-voz de nosso grupo. As ligações de Auto com Cage são conhecidas, bem como o

trabalho de musicólogo que tem desenvolvido, seja em relação às mais sofisticadas expressões de nossa música popular. Pierre Schaeffer fazia uma música baseada na montagem de ruídos naturais, um pouco na linha iniciada pelo futurista italiano Russolo; era algo interessante como pesquisa de material, mas estruturalmente precário e insuficiente. O `concreto', na música, estava para nós no serialismo pós-weberniano e na música eletrônica (no Canto dos adolescentes, de Stockhausen, por exemplo)".

Fonte: Jornal da Tarde, 21/09/1996 – J.Jota de Moraes

Haroldo Eurico Browne de Campos

Nasceu em São Paulo, em 19/08/1929. Poeta, ensaísta e tradutor, fez seus estudos secundários no Colégio São Bento, onde aprendeu os primeiros idiomas estrangeiros, como latim, inglês, espanhol e francês. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no final da década de 1940, lançando seu primeiro livro em 1949, *O Auto do Possesso* quando, ao lado de Décio Pignatari, participava do Clube de Poesia. Em 1952, Décio, Haroldo e seu irmão Augusto de Campos rompem com o Clube, por divergirem quanto ao conservadorismo predominante entre os poetas, conhecidos como Geração de 45. Fundam, então, o grupo "Noigandres", passando a publicar poemas na revista do grupo, de mesmo título. Nos anos seguintes defendeu as teses que levariam os três a inaugurar em 1956 o movimento concretista, ao qual manteve-se fiel até o ano de 1963, quando inaugura um trajeto particular, centrando-se suas atenções no projeto do livro-poema *Galáxias*. Doutorou-se pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências

Humanas da USP, sob orientação de Antonio Candido, tendo sido professor da PUC-SP, bem como na Universidade do Texas, em Austin. "Transcriou" em português poemas de autores como Homero, Dante, Mallarmé, Goethe, Mayakovski, além de textos bíblicos, como o *Gênesis*, o *Eclesiastes* e *Ilíada*, de Homero. Publicou, ainda, numerosos ensaios de teoria literária, entre eles *A Arte no horizonte do provável* (1969). Outros livros: *Servidão de passagem* (1962), *A educação dos cinco sentidos* (1985), *Crisantempo* (1998). Faleceu em 16/08/2003.

Helder

Macedo

"A poesia vai sobrevivendo e, no caso brasileiro, houve uma transferência da prática poética para a música. Por isso encontramos magnífica poesia incorporada nos trabalhos de Chico Buarque e Caetano Veloso".

Fonte: Jornal do Brasil, 08/05/1999 – Rodrigo Alves

Hélder

Macedo

Hélder Malta Macedo nasceu em 30/11/1935, em Krugersdorp, perto de Joanesburgo, África do Sul. Poeta, romancista, ensaísta, professor e crítico literário. Passou a infância em Moçambique até 1948, ano em que se muda para Lisboa. Entre 1955 e 1959 frequenta a Faculdade de Direito de Lisboa. No ano seguinte, instala-se em Londres, onde se licencia em Estudos Portugueses e Brasileiros e História. Em 1971, inicia a sua carreira académica no King's College, em Londres — onde obtém o doutoramento na área

de Letras, em 1974 —, passando, entre outras universidades, por Harvard (E.U.A.), pela EHECS (França) e pela Universidade de São Paulo (Brasil). Especializou-se nas obras de Camões, Bernardim Ribeiro e Cesário Verde, detendo, desde 1982, a cátedra Camões no King's College. Colaborou na organização de várias antologias poéticas e assinou artigos ensaísticos em diversos jornais e revistas nacionais e internacionais. Seu primeiro livro de poesia, *Vesperal*, foi publicado em 1957. A estreia na ficção se deu com *Partes da África* (1991), e a consagração como autor ficcional veio em 1998 com *Pedro e Paulo*. Em 2002 lançou *Vícios e virtudes* e em 2006 esteve no Brasil para lançar o romance *Sem nome*. Na ocasião declarou "Eu considero o Brasil literariamente uma de minhas moradas fundamentais". Segundo Macedo, autores brasileiros como Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e Jorge Amado foram modelos da literatura que se desejava em Portugal durante os anos da ditadura salazarista. Outras obras: *The Dedalus Book do Portuguese Fantasy* (1995); *Nós, uma leitura de Cesário Verde* (1999); *Do significado oculto da menina e moça* (1999), *Trinta leituras* (2007) e *Natália* (2009).

João Cabral de Melo Neto

"É essencial em poesia ter um som, uma ligação com a fala. Mas é uma dicção diferente, que não é cantável. Realmente não gosto de música, nunca gostei. Sou um poeta visual, não auditivo. A única música que gostei foi o flamenco, que é dissonante, pois o sujeito canta no extremo da voz".

Fonte: Gazeta Mercantil, 28/12/1997

"Não tenho nenhuma formação musical, nem gosto pela música... É, não sou entoadado, não tenho voz... Sou completamente surdo para a música: quando vou a um concerto a minha vontade é dormir. A música me embala, com excessão de dois tipos de música popular: o frevo pernambucano e o flamenco.

Fonte: SARAIVA, Arnaldo. Conversas com escritores brasileiros. Porto: ECL, 2000. (Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses).

"Eu acho que a música popular pode ajudar enormemente a poesia, não no sentido de esta poesia vir a ser melhor, mas no sentido de aumentar a propagação da poesia".

Fonte: O Globo, 27/10/1973

João Cabral de Melo Neto

Nasceu em 9 de janeiro de 1920, em Recife, Pernambuco. Um dos maiores poetas da literatura brasileira. Diplomata, viveu em diversas cidades do mundo, incluindo Sevilha, a cidade que mais o cativou, cantada em seu livro *Sevilha andando* (1990). Sua obra mais conhecida do grande público é *Morte e vida severina* (1966), devido à belíssima encenação realizada no teatro e, mais tarde, no cinema. Teve seu primeiro livro de poesias – *Pedra do Sono* – publicado em 1942. Sua obra foi traduzida em todo o mundo: *O engenheiro* (1945), *Cão sem plumas* (1950),

Quaderna (1960), *A educação pela pedra* (1966), *Museu de tudo* (1975), *A escola das facas* (1980), *Crime na Calle Relator* (1987) etc. Como se vê em alguns títulos, construía o poema como se construísse um edifício. "Era muito amigo do Joaquim Cardoso, poeta e engenheiro que fazia os cálculos das obras do Niemeyer. Ele me encorajou para levar a poesia para o lado arquitetônico, fazer um poema construído como se constrói uma casa." Conviveu com os dois grandes poetas brasileiros que o antecederam: é primo de Manuel Bandeira e foi muito ligado a Drummond. Entrou para a Academia Brasileira de Letras em 1968 e foi agraciado com diversos prêmios, dentre eles: Prêmio Moinho Santista (1984), Prêmio Bienal da Nestlé (1988), Neustadt International Prize for Literature (1992), Prêmio Jabuti (1993) e o Prêmio Luís de Camões (1990). Em 1999, a Editora Nova Fronteira publicou duas importantes coletâneas do poeta: *Poemas pernambucanos* e *Poemas sevilhanos*. Nos últimos anos, João Cabral não estava lendo como antes, sua visão estava escasseando. "Sou muito visual." afirmou em janeiro de 1998: "Esse vai ser o meu último aniversário". Na verdade, foi o penúltimo. Faleceu em 9 de outubro de 1999.

João

Paulo

Cuenca

"Eu parei com a banda porque tive que passar um tempo em Paris. Eu só tocava guitarra e não fazia as letras da banda. Por enquanto estou muito concentrado no livro, mas tenho o projeto de voltar a tocar guitarra. Eu me preocupo bastante com o ritmo de uma frase. Normalmente eu escrevo ouvindo música e ela influencia a minha pontuação, a prosódia das frases. Escrever uma frase não pode ser por acaso,

principalmente num romance. Tem que se tomar cuidado com a linguagem. E linguagem pra mim também é ritmo".

Fonte: www.click21.mypage.com.br (02/08/2009)

João

Paulo

Cuenca

Nasceu em 1978, no Rio de Janeiro. Escritor, guitarrista e contista da nova geração. É autor de *Corpo presente* (Planeta, 2003), *O dia Mastroianni* (Agir, 2007) e *O único final feliz para uma história de amor é um acidente* (Companhia das Letras, 2010). Escreveu crônicas semanais para a Tribuna da Imprensa e para o Jornal do Brasil entre 2003 e 2005. Teve uma coluna mensal na Revista TPM entre 2004 e 2006. Foi cronista do suplemento Magazine do jornal O Globo entre 2006 e 2010. Participou de antologias como *Cem melhores crônicas brasileiras* (Objetiva, 2007), *Cenas da Favela* (Geração Editorial, 2007), *Missives – Nouvelles brésilliennes contemporaines* (Société Littéraire, 2008) e *B39 – Antologia de cuento latinoamericano* (Ediciones B, 2007). Em 2007, foi selecionado pelo Festival de Hay e pela organização do festival Bogotá Capital Mundial do Livro como um dos 39 autores mais destacados da América Latina com menos de 39 anos. Em julho de 2008, seu segundo romance foi lançado na Itália, traduzido como *Una giornata Mastroianni* (Cavalo di Fierro, 2008) e, em 2009, publicado pela Editorial Caminho, em Portugal.

Jorge

Amado

"Não me dediquei mais a MPB porque eu tenho uma enorme dificuldade para com a música, só por isso".

Fonte: Cadernos da Literatura Brasileira, nº 3 março de 1997.

Jorge Amado de Faria

Nasceu em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, Bahia. Um dos mais conhecidos escritores brasileiros em todo o mundo. Tem uma vasta obra adaptada para o cinema e televisão, na qual transparece os aspectos principais de sua terra natal. Militante comunista nos anos de 1940, foi deputado entre 1946 e 1948, quando teve o mandato cassado. Foi um dos maiores representantes do regionalismo brasileiro, e sua obra é importante para a compreensão de nossa realidade social e histórica. Mais instintivo que racional, sua linguagem descontraída, de cunho oralista, freqüentemente aparece como elemento de caracterização das coisas regionais. Escreveu seu primeiro romance, *O país do carnaval*, em 1931. Trata-se de um escritor de best-sellers, tais como: *Mar morto* (1936), *Seara vermelha* (1946), *Os subterrâneos da liberdade* (1954), *Os pastores da noite* (1964), *Gabriela, cravo e canela* (1958), *A morte de Quincas Berro d'água* (1959), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos milagres* (1969), *Teresa Batista cansada de guerra* (1972), *Tieta do agreste* (1977), *Tocaia grande* (1984) etc. Integrou a Academia Brasileira de Letras desde 1961. Já recebeu o maior prêmio ofertado aos escritores de língua portuguesa: o Prêmio Camões, em 1995. Morava em Salvador, onde foi reverenciado ainda em vida como uma instituição, com sua mulher Zélia Gattai, também escritora. Faleceu em 2001.

Jorge

de

Lima

“Também a música pode criar dentro do indivíduo estados poéticos. A sinfonia n. 41 de Mozart, por exemplo, não é outra coisa senão um maravilhoso poema. Não há ninguém que não se emocione ao ouvi-la”.

Fonte: SENNA, Homero. República das letras. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Jorge Mateus de Lima

Nasceu em 23/04/1893, em União dos Palmares, AL. Médico, poeta, romancista, ensaísta, tradutor, biógrafo, político e pintor. Dentre tantas atividades prevaleceu a de poeta iniciada com belíssimos alexandrinos. Seu primeiro livro foi *XIV Alexandrinos* (1914). Em 1914 conclui o curso de Medicina, no Rio de Janeiro, e no ano seguinte retorna à Maceió. Passa a dedicar-se, também a política, chegando a deputado estadual no período 1918-1922. Em 1930 retorna ao Rio de Janeiro e monta um consultório na Cinelândia (RJ) que, além de ateliê de pintura, era um ponto de encontro de intelectuais como Murilo Mendes, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Nesse período publicou aproximadamente dez livros, sendo cinco de poesia. Em 1939 passou a dedicar-se também às artes plásticas, participando de algumas exposições. Em 1952, publicou seu livro mais importante, o épico *Invenção de Orfeu*. Em 1953, meses antes de morrer, gravou poemas para o *Arquivo da Palavra Falada* da Biblioteca do Congresso de Washington, nos Estados Unidos da América. Seus textos abrigam várias possibilidades de leituras (a convivência entre a tradição e o novo, o vulgar e o sublime, o regional e o universal) e refletem um artista em constante mutação, que experimentou estilos diversos como o parnasiano, o regional, o barroco, o religioso. É um autor que pertence a todas as épocas, mesmo se reportando a um

tema ou uma situação específica, ao tocar em injustiças sociais que mudaram pouco desde o início da civilização. Obras poéticas: *O Mundo do menino impossível* (1925), *Poemas* (1927), *Novos poemas* (1929), *O acendedor de lampiões* (1932), *Tempo e eternidade* (1935), *A túnica inconsútil* (1938), *Anunciação e encontro de Mira-Celi* (1943), *Poemas negros* (1947), *Livro de sonetos* (1949), *Obra poética* (1950), *Invenção de Orfeu* (1952). Romances: *O anjo* (1934), *Calunga* (1935), *A mulher obscura* (1939) e *Guerra dentro do beco* (1950). Faleceu em 15/11/1953.

Jorge Fernando dos Santos

"Poesia é poesia e letra de música é letra de música. O poema tem ritmo próprio e obedece ao compasso das próprias palavras, sem necessitar de uma melodia. Já a letra de música precisa se grudar à melodia para desenhar uma forma realmente musical. Tem um verso numa valsa que fiz com Valter Braga (Um Sonho de Valsa, que integra o livro/disco ABC da MPB, lançado pela Paulus) no qual digo que "a letra é a luva que agasalha a melodia". A canção é uma coisa híbrida, pois tem caráter musical (melodia) e ao mesmo tempo literário (letra). Nela, as palavras viram bailarinas e literalmente dançam conforme a música. Já o poema é só literatura e pode até ser musicado, mas não precisa da melodia pra funcionar direito... Desde a adolescência, percebi que a música popular é uma das grandes riquezas culturais do Brasil. Meu avô tocou violão num grupo de choro, em Belo Horizonte, e meu pai também cultivou o bom gosto musical. Comecei a compor lá pelos 20 anos. Minha primeira composição foi o choro Renascendo,

em parceria com o maestro Edson Fernandes. Estudei um pouco de violão, participei de festivais e cheguei a fazer shows, mas o que eu gosto mesmo é de compor. Tenho mais de 60 canções gravadas, a maioria em parceria com outros músicos... Em 23 de abril de 2006 fiz 50 anos. Para marcar a data, organizei o CD 50, coletânea de 14 faixas, sendo uma canção de minha autoria, 11 com meus principais parceiros e intérpretes, um poema falado por mim e uma parceria inédita com Chiquinha Gonzaga. Desde a primeira vez que ouvi o maxixe Satan, de sua autoria, num disco de Antonio Adolfo, senti-me literalmente tentado pela melodia e inspirado a fazer uma letra. A gravação com Lúcia Jacques entrou como faixa bônus, encerrando a coletânea, que foi também uma homenagem a São Jorge, meu santo de devoção".

Fonte: www.jorgefernandosantos.com.br/musica.htm

"É interessante notar que, no caso particular do Brasil, escritores sempre tiveram boa relação com a música, assim como compositores e músicos se interessaram por literatura. Guimarães Rosa sempre colocou trechos de músicas de domínio público em seus livros, assim como Mário de Andrade pesquisou a fundo a música caipira e folclórica, chegando a compor uma obra prima musical, que é Viola Quebrada. Vinícius de Moraes foi muito criticado por ter abraçado a música popular, se afastando gradativamente da poesia. No entanto, sua contribuição à cultura brasileira como compositor popular é maior do que na condição de poeta. Afinal, ele ajudou a criar a Bossa Nova e fez letras e algumas melodias que mudariam a maneira de se compor

canções no Brasil. Chico Buarque sempre quis ser escritor, mas dedicou-se primeiramente à música devido ao grande sucesso de suas canções, desde A Banda e Pedro Pedreiro. Mesmo que seu sucesso literário esteja intimamente ligado ao fato de ser o compositor que é, Chico escreve bons livros, ainda que não sejam superiores às suas canções. Caetano Veloso, além de grande escritor de canções, escreveu um livro muito bem escrito, que é Verdade Tropical. Mário Lago também era letrista e cronista de primeira, assim como Aldir Blanc, que eu considero um gênio. Ferreira Gullar enfiou uma letra no Trenzinho do Caipira, de Villa-Lobos, no Poema Sujo, que virou um clássico da canção nacional. Portanto esse negócio de música e literatura no Brasil sempre deu samba e muito pano pra manga."

Fonte: www.jorgefernandosantos.com.br/musica.htm

Jorge Fernando dos Santos

Nasceu em 23/04/1956, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Jornalista, escritor, dramaturgo e compositor, começou escrevendo sobre música no antigo Jornal de Minas e colaborou em vários jornais, revistas e suplementos. Em 1983 iniciou como colunista de teatro e cinema no jornal Estado de Minas, onde foi repórter, editor-assistente e editor de cultura. Em 2001 foi promovido a editor de suplementos e revistas, permanecendo no cargo até abril de 2008. Na sua opinião, o jornalismo tem três missões a desempenhar: "informar os leitores, formar opinião e incomodar os poderosos". Seu primeiro livro foi *Teatro mineiro - Entrevistas & críticas*, publicado em 1984 pela Imprensa Oficial de Minas Gerais. Tem mais de 20 livros publicados, muitos dos quais de literatura infanto-juvenil fartamente

ilustrados e reeditados diversas vezes: *O menino e a rolinha* (1986), *O camaleão azul* (1988), *O rei da rua* (1988), *Palmeira seca* (1991, ganhador do Prêmio Guimarães Rosa de romance) *O boi da cara branca* (1991), *O roubo do vinho* (1994), *No clarão das águas* (2004) etc. O segundo romance, *Sumidouro das almas*, foi lançado em 2003. Em 2005, lançou pela Editora Paulus o livro/disco *ABC da MPB*, que recebeu o selo "Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)" e integrou o catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 1993 escreveu um capítulo do programa *Você Decide* para a Rede Globo, tem várias peças encenadas e diversas músicas gravadas. Seus lançamentos mais recentes são o livro *Caiçara*, volume 12 da série *BH. A cidade de cada um*, publicado pela Conceito Editorial em 2008 e o romance *Caminhante noturno* (2010). Jorge mantém o site: www.jorgefernandosantos.com, com um blog no qual escreve crônicas e artigos.

José Castello

"A literatura é essa dança. Talvez por isso montei *Ribamar* (Bertrand Brasil, 2010) em cima de uma partitura musical. Sempre que estou no Rio, leio contos de fadas para minha velha mãe. Um dia, em um intervalo, ela começou a cantarolar uma canção. Era a *Cala a boca*, a canção de ninar que meu pai me fazia dormir. Para minha surpresa, ela se lembrava de toda a música. Depois pelo telefone, eu a cantei para meu irmão Marcos, que a transcreveu em uma partitura. Quando a partitura me chegou, descobri que

estava diante da "alma" de meu romance. Através dessa música, meu pai e eu tivemos nossas primeiras conversas. Era a estrutura que me faltava para ordenar meu amontoado de notas. Mais uma vez, aceitei que o acaso mandasse em meu livro. Que o acaso o escrevesse, e não eu".

Fonte: O Estado de São Paulo, 15/08/2010 - Silvio Barsetti

José

Castello

Nasceu em 08/02/1951, no Rio de Janeiro. Jornalista, escritor e crítico literário. Começou como estagiário do Correio da Manhã, em 1971; repórter d`O Diário de Notícias (1973-1975); redator do semanário Opinião (1975-1977); repórter de Veja (1979-1982); editor-assistente de Cultura da revista Istoé (1982-1986), onde chegou a chefe da sucursal do Rio no período 1986-1989. Em seguida passou a editar os suplementos Idéias/Livros e Idéias/Ensaios do Jornal do Brasil (1989-1992) até se tornar cronista d`"O Estado de São Paulo" (1993-2000), onde se mantém como articulista, além de colaborador do caderno Prosa e Verso d`O Globo, do jornal de literatura "Rascunho" e do jornal "Valor Econômico", além de ministrar aulas de criação literária. É um dos jornalistas mais experientes na área literária tendo entrevistado os mais destacados escritores. Seu primeiro trabalho publicado é a biografia de Vinicius de Moraes - *O poeta da paixão* (1993), seguida por ensaios biográficos de João Cabral de Melo Neto - *O homem sem alma* (1999); Rubem Braga - *Na cobertura de Rubem Braga* (1999) ; um ensaio sobre a

relação de Vinicius de Moraes com o Rio de Janeiro - *Uma geografia poética* (1999) - e uma coletânea de retratos literários - *Inventário das sombras* -, em 1996. Sua estréia na ficção se dá com *Fantasma* (2001) pela editora Record. Em 2003 tem suas *Melhores crônicas* publicadas pela editora Global. No ano seguinte retorna ao ensaio biográfico com *Pelé: os dez corações do rei*. Trata-se de um escritor que vive na fronteira entre literatura e jornalismo, onde exerce o papel de "advogado do diabo" quando critica o mundo literário, já que fala de seu próprio mundo, uma tarefa árdua para o jornalista que encontrou na literatura sua paixão. Seu lançamento mais recente é um misto de romance e memória - *Ribamar* (2010), onde faz "um carinho tardio" ao seu pai.

José

J.

Veiga

"Os gramáticos convencionaram que todo advérbio deve vir entre vírgulas: Eu, vírgula, pessoalmente, vírgula... Se o aluno escrever e não puser vírgula, tira má nota. 'Olha aí o advérbio, cadê as vírgulas?'. Eu não faço isso, deixo que a vírgula seja a respiração de quem está lendo ou falando. 'Eu pessoalmente não gosto disso'. Para que a vírgula? Preocupo-me muito com o ritmo. Em certos trechos, há mesmo certa musicalidade. Tenho muito que ver com a

música, som, som das palavras. O som delas chacoalhando na frase.

Fonte: Azougue (S.Paulo), jul. 2000 – Sergio Cohn, Ruy Proença e Fábio Weintraub

José Jacintho Pereira Veiga

Nasceu em 1915, em Goiás. Trabalhou como jornalista na BBC de Londres. Entrou para a literatura em idade mais ou menos madura (aos 45 anos). Estilista refinado, sua obra tem sido chamada de "literatura fantástica". Veiga não gostava desse enquadramento, e com toda razão, pois ele surgiu na literatura antes dessa "moda". É considerado um dos grandes contistas brasileiros, além de exímio tradutor do inglês. Seu primeiro livro, *Os cavaleiros de platiplano* (1959), teve a publicação como fruto de uma premiação. O livro chamou a atenção da crítica pelo estilo lúdico, que veio permear alguns dos livros seguintes. Nesse sentido, o autor é um enigma para os bibliotecários e editores que já o classificaram como autor de literatura infanto-juvenil. Está visto agora que tal classificação só é possível numa análise muito apressada. A consagração e o reconhecimento público vieram com *A hora dos ruminantes* (1966) e *Sombras de reis barbudos* (1972), duas alegorias que enfocam o tema da repressão político-social, lançadas na época da ditadura. Trata-se de um escritor sério, que não publicou muito, avesso às badalações literárias e de pouca fala. "Sou a favor da economia, falar pouco para dizer mais", sentenciava. Amigo íntimo de Guimarães Rosa, imaginou que ele gostaria de prefaciar um de seus livros. Mas era radicalmente contra

prefácios em romances e, não sabendo como negar, caso o amigo quisesse prefaciá-lo, arranjou um artifício engenhoso: pegou um livro qualquer e comentou com Rosa: "Gostei desse livro, só não é melhor porque tem prefácio". Rosa emendou: "Mas você não gosta de prefácio?". "Não, eu detesto prefácio", respondeu. Rosa arrematou: "Então, você não quer que eu prefacie seu livro?". "Não", concluiu. Diante disto, Rosa abriu um sorriso e falou: "E eu estava com o maior receio que você me pedisse para fazer uma coisa que eu não gosto, e não saberia como lhe negar: prefácio". Os livros de Veiga, lançados muito esporadicamente, eram sempre aguardados pelo público, que não é numeroso, mas seletivo e cativo. Outros livros além dos citados: *A estranha máquina extraviada* (1968), *Os pecados da tribo* (1976), *De jogos e festas* (1980), *Aquele mundo de vasabarro* (1982), *A casca da serpente* (1989), *Torvelinho dia e noite* (1990), *O risonho cavalo do príncipe* (1992) e *Objetos turbulentos* (1997). Em 1998, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra. Faleceu em 1999.

José

Miguel

Wisnick

"Desde criança piano eu tinha interesse pela literatura. Sempre essas duas coisas me atraíram muito e eu queria, de algum modo, ligá-las na minha vida, no meu trabalho. Acabei me voltando para a pesquisa dessa relação. Minha tese de mestrado é sobre a música na Semana de Arte Moderna. Depois fiz um trabalho sobre Mário de Andrade, que é um escritor em que essa relação é fundamental. Me

interessei também pela canção, que no Brasil é um gênero privilegiado de poesia cantada. Acabei fazendo canções e, portanto, trabalhando com isso, enquanto objeto de reflexão e ao mesmo tempo instrumento de expressão... Acho que a música e a poesia são duas linguagens diferentes e, num certo sentido, até opostos, porque as palavras definem as coisas, enquanto que a música é pura conotação, ela diz através de um movimento global do sentido que não se divide em palavras e não tem uma referência às coisas do mundo. Mas, justamente por essa diferença, a música e a palavra se atraem, por alguma coisa que também é comum a elas. As palavras têm ritmo, têm timbre. E a poesia é justamente uma forma de colocar a linguagem em estado de música. Chamar a música da linguagem à tona.”

Fonte: Correio Braziliense, 24/09/1994 – Anamaria Rossi

José Miguel Soares Wisnik

Nasceu em São Vicente, SP, em 27/10/1948. Músico, compositor, ensaísta e professor de literatura. Estudou piano clássico durante muitos anos, mas optou pelo estudo sistemático das letras, com os olhos sempre voltados para a música, uniu em seu mestrado e doutorado literatura e música, assim como fez com sua vida. Apresentou-se pela primeira vez como solista da Orquestra Municipal de São Paulo aos 17 anos, interpretando o *Concerto nº 2*, de Camille Saint-Saëns. Em 1968 participou do Festival Universitário da extinta TV Tupi, com a canção *Outra viagem*, cantada por Alaíde Costa. Em 2000 gravou o disco independente *José Miguel Wisnik*. Em 2002 lançou o CD *São Paulo Rio*, que teve participação da cantora Elza Soares, com quem realizou alguns shows em 2002, além de participar da direção

artística de seu disco *Do cóccix até o pescoço*. Em 2003 lançou o CD *Pérolas aos Poucos*. Apresenta-se regularmente em shows no Brasil e no exterior. Desde 2005 tem realizado várias séries de "aulas-shows" com o violonista e compositor Arthur Nastrovski. Escreve regularmente ensaios sobre música e literatura. Publicou *O coro dos contrários - a música em torno da Semana de 22* (Duas Cidades, 1977), *O nacional e o popular na cultura brasileira* (Brasiliense, 1982) e *O som e o sentido* (Companhia das Letras, 1989), *Sem receita - ensaios e canções* (Publifolha, 2004), *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (Companhia das Letras, 2008) e "Machado maxixe: o caso Pestana" (Publifolha, 2008), além de participar dos livros coletivos *Os sentidos da paixão, O olhar e ética* (Companhia das Letras, 1987, 1988 e 1992) e do *Livro de partituras* (Gryphus, 2004). Além dos discos, livros, ensaios e aulas, faz também música para cinema (*Terra estrangeira*, de Walter Salles e Daniela Thomas), teatro (*As boas, Hamlet e Mistérios gozozos* para o Teatro Oficina, e *Pentesiléias*, de Daniela Thomas, dirigida por Bete Coelho) e dança. Fez três trilhas sonoras para o grupo Corpo, uma delas, *Parabelo*, em parceria com Tom Zé, outra com Caetano Veloso.

José

Paulo

Paes

"Discuti essa questão num dos ensaios de meu livro *Gregos & baianos*. Acho que poema é uma coisa, letra de música outra. O poema existe por si; a letra de música fica capenga, não se agüenta de pé se dissociada da melodia para a qual foi escrita. Será que alguém se compraz em ler libretos de ópera? Versos desses libretos só sobrevivem em algumas árias mais célebres por causa da música a que serviram. Esta, no entanto, tem existência própria, tanto assim que há,

dela, versões puramente instrumentais. Já quando o compositor musica um poema preexistente, a caixa muda de figura”.

Fonte: O Globo, 12/06/1997 – Luciano Trigo

José

Paulo

Paes

Nasceu em 1926, em Taquaritinga, São Paulo. Poeta, ensaísta, crítico literário e tradutor. Iniciou sua atividade literária na década de 1950, colaborando na revista “Joaquim”, dirigida por Dalton Trevisan. Desde de 1948 escreve com regularidade para jornais e periódicos literários. Toda sua obra poética foi reunida, em 1986, sob o título *Um por todos*. Segundo Carlos Machado, “desenvolveu sua poesia de modo marcadamente pessoal. Considerava um mestre o modernista Oswald de Andrade — mas não foi apenas um oswaldista; aproximou-se das vanguardas — mas também não se pode enquadrá-lo nas hostes da poesia concreta, da poesia práxis ou qualquer outro movimento do gênero. Um dos marcos de sua poesia é o olhar irônico e desmistificador. Formalmente, destaca-se nos poemas de Paes a busca da concisão. Poeta magro, como diria Manuel Bandeira, seus poemas quase sempre se resolvem em poucas e curtas linhas, em tom de epigrama. *Os outros*, ele não hesita em chamá-los de `prosas`”. No terreno da tradução verteu do inglês, do francês, do italiano, do espanhol, do alemão e do grego moderno mais de uma centena de livros. É um dos poucos poetas que se dispôs a escrever para um público infantil e infanto-juvenil: *Poemas para brincar* (Ática, 2000); *Vejam como eu sei* (Ática, 2001);

Rimas no país das maravilhas (Ática, 2002); *O menino do olho d`água* (Ática, 2003) entre outros. Na obra ensaística, destacam-se: *Transleituras* (Ática, 1995); *A Aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções* (Cia. das Letras, 2000) e *O lugar do outro* (Topbooks, 1999). Destaques da obra poética: *Os melhores poemas de José Paulo Paes* (Global, 2003); *Prosas seguidas de odes mínimas* (Cia. das Letras, 2000) e *Socráticas* (Cia. das Letras, 2001). Faleceu em 09/10/1998.

José

Saramago

“Não sei se (meu texto) tem diretamente a ver com a melodia, mas tem a ver com aquilo a que, em termos musicais, chama-se o andamento ou o compasso. Menos o ritmo do que o compasso e o andamento. Tem a ver com o modo como se constrói a própria frase. Quando estou a escrever, não estou a pensar obsessivamente nisso. Simplesmente acontece. É eu sentir, por exemplo, que uma determinada frase em que já disse tudo quanto tinha para dizer, do tal ponto de vista musical, no sentido do compasso que tem que se desenvolver, tem de terminar. Um, dois, três, quatro: quer dizer, tem de acontecer isso. Também tem de acontecer isso na própria frase que está a ser escrita. E pode acontecer que do ponto de vista do sentido já esteja tudo completo, mas que a frase necessita de três ou quatro palavras mais que não acrescentam nada, que não vai acrescentar rigorosamente nada, mas que são necessárias para que o último tempo do compasso caia e repouse. Enfim, isso tem a ver também – mas aí já de uma maneira involuntária e quase instintiva – com o fato de que os

narradores de contos, digamos, dos contos orais, têm uma espécie de saber infuso, que não aprenderam. Ou melhor, aprenderam com o que ouviram, os contos contados por outros antes deles”.

Fonte: Bravo! (S.Paulo), jun. 1999 – Jefferson Del Rios, Beatriz Albuquerque e Michel Laub

José de Sousa Saramago

Nasceu em 16/11/1922, em Azinhaga, Portugal. O primeiro escritor que pode dizer “obrigado” ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1998. Um escritor que, não obstante sua condição de ateu confesso, fez o mundo ver, através de uma história romanceada, um Jesus Cristo mais humano do que Ernest Renan em seu famoso estudo histórico *Vida de Jesus*. Está certo que Saramago ficou conhecido com o livros *Jangada de pedra* (1988) e *Memorial do convento* (1983), porém foi com *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) que ele obteve consagração mundial. Além de romancista, é dramaturgo e poeta barroco no seu modo peculiar de escrever. Seu modo de escrever, como se fala, de uma maneira rebuscada, nasceu de um ímpeto: “Essa idéia não surgiu, simplesmente nasceu. Foi quando estava no princípio de *Levantando do chão* (1980) que, subitamente, sem qualquer reflexão prévia, o relato se soltou, como se, em vez de escrever, eu estivesse a falar”. São fenômenos difíceis de explicar, a não ser como mistérios da criação literária. Mistérios, aliás, que acompanham o escritor desde quando estava em Sevilha, prestes a atravessar uma rua, e viu numa banca de jornal na calçada uma publicação com o

título *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Na pressa, atravessou a rua com o título na mente: como pode isto? Já do outro lado da rua, a dúvida se agiganta e o faz retornar à banca para verificar do que se tratava. Eis o mistério: não havia publicação alguma com aquele título. Foi uma visão que ficou gravada de modo tão insistente, que obrigou-o a fazer uma pesquisa de fôlego para escrever um livro com aquele título. Seu primeiro livro escrito aos 25 anos, em 1947, foi *Terra do pecado*. O segundo – outro mistério – viria somente 33 anos depois para consagrá-lo como vencedor do Prêmio Cidade de Lisboa: *Levantando do chão*. Nesse período, escreveu poemas, contos e peças teatrais, juntamente com a profissão de jornalista, na qual chegou a ser diretor-adjunto do Diário de Notícias. Outros títulos de sua obra: *O ano da morte de Ricardo Reis* (1988), *História do cerco de Lisboa* (1989), *Viagem a Portugal* (1990), *In nomine dei* (1993), *Objecto quase* (1994), *Ensaio sobre a cegueira* (1995), *A bagagem do viajante* (1996), *Todos os nomes* (1997), *Cadernos de Lanzarote* (1997), *O conto da ilha desconhecida* (1998), *A caverna* (2000), *O homem duplicado* (2002), *Ensaio sobre a lucidez* (2004), *As intermitências da morte* (2005). Em 2005 publicou a peça *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido*, na qual o sedutor se transforma num homem permanentemente seduzido. Suas duas últimas publicações foram *A viagem do elefante* (2008) e *Caim* (2009). Faleceu em 18/06/2010.

Julio

Cortázar

"Para mim, a escrita é uma operação musical. Já disse isso

várias vezes: é a noção do ritmo, da eufonia. Não da eufonia no sentido das palavras bonitas, claro que não, mas da eufonia que sai de um desenho sintático (agora estamos falando do idioma) e que, ao ter eliminado tudo que era desnecessário, supérfluo, mostra a pura melodia".

Fonte: PREGO, Omar. O fascínio das palavras: entrevistas com Julio Cortazar. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

Julio Florencio Cortázar

Nasceu em 1914, acidentalmente, em Bruxelas, Bélgica, e aos quatro anos retornou com seus pais a Buenos Aires, Argentina. A partir de 1951 passou a viver em Paris, fugindo do peronismo. Logo, o escritor tido como portenho e parisiense não é uma coisa nem outra. Sua nacionalidade é misteriosa como sua literatura. Numa classificação superficial, tem sido arrolado entre os papas do realismo fantástico. Porém, tal rótulo não esgota a complexidade de sua literatura. Escreveu desde criança, mas só publicou seu primeiro trabalho – *Presença*, uma coletânea de sonetos – aos 25 anos com o pseudônimo Julio Denis, com tiragem de 250 exemplares. Um lançamento cuidadoso, de quem se preparava para vôos maiores. Antes disso, chegou a queimar dois ou três romances, um deles com 600 páginas. Como leitor aplicado de filosofia, foi influenciado no primeiro livro publicado com seu nome em 1949: *Os reis*, uma série de diálogos sobre o tema de *Teseu e o Minotauro*. Em 1951 publicou *Bestiário*, o primeiro livro de contos sem muita repercussão. Começou a ser conhecido com *Final de jogo*, lançado no México em 1956. Sua consagração, porém, se deu com *O jogo da amarelinha* (1963), romance que

inaugurou um novo modo de fazer literatura, do qual ele mesmo recomenda a leitura dos capítulos seguindo séries numéricas, saltando trechos, lendo de trás para frente etc. Devido a sua condição de escritor engajado por excelência, esse livro embalou os sonhos de uma geração de jovens em busca de justiça social em toda a América Latina. Politicamente, o autor também foi um mistério, devido à fragilidade dos rótulos da época, pois, para a CIA, tratava-se de um perigoso esquerdista a soldo da KGB, enquanto esta considerava-o um notório agente do imperialismo a soldo da CIA e perigoso agitador anti-soviético, já que denunciava as prisões em Moscou dos chamados dissidentes. Para muitos críticos, sua maior obra é *O livro de Manuel* (1973), o mergulho mais fundo na alma do escritor e em suas convicções literárias. Tem diversos livros editados no Brasil, além dos citados: *Os prêmios* (1970), *Todos os fogos o fogo* (1972), *Histórias de cronópios e de famas* (1973), *Prosa do observatório* (1974), *Octaedro* (1975), *Orientação aos gatos* (1981), *Fora de hora* (1985), *Nicarágua tão violentamente doce* (1987) e *As autonautas da cosmopista* (1991). Em 1999 foi lançada uma coletânea de sua produção na área da crítica literária: *Julio Cortázar – Obra Crítica*. No ano seguinte foi lançada uma biografia escrita pelo seu conterrâneo e colega Mario Goloboff, que resgata a trajetória do escritor numa obra que encara o fantástico e o real em sua vida: *Julio Cortázar - la biografía*, Editora Six Barral, 2000. Seu lançamento mais recente é o livro póstumo *Papeles inesperados* (Alfaragua, 2009). Faleceu em 12 de fevereiro de 1984.

Lamartine

“A música é a literatura do coração. Ela começa onde termina o discurso”.

Fonte: <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&langpair=en%7Cpt&u=http://www.quotegarden.com/musical.html>

Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine
Nasceu na França, em 21/10/1790. Escritor, político e poeta destacado do Romantismo, celebrado já nos primeiros livros: *Primeiras meditações poéticas* (1820) e *Novas meditações poéticas* (1823). Filho de um conceituado capitão de cavalaria, foi estudar em Lyon, mostrando interesse pela poesia desde a adolescência. Aclamado pela crítica, ingressou na carreira diplomática, o que lhe proporcionou viagens para Nápoles, Florença e Londres. Frustrado, com a ascensão de Luís Filipe ao trono da França, em sua intenção de ingressar na carreira diplomática, retornou à poesia com *Harmonias poéticas e religiosas* (1830), *Jocelyn* (1836) e *A queda de um anjo* (1838). Foi membro do governo provisório e ministro do Exterior em 1848. Depois de sua malsucedida candidatura às eleições presidenciais, escreveu apenas narrativas autobiográficas, terminando a vida em difícil situação financeira. No fim da vida, o governo o socorre com uma renda vitalícia de 21 mil francos, a título de recompensa nacional. Seus poemas são caracterizados por profunda melancolia, cujos temas freqüentes são religião e amor. Sua influência no Brasil pode ser encontrada em poetas como Castro Alves e Álvares de Azevedo. Além das obras citadas, destacam-se: *Viagem ao Oriente* (1835), *Os retiros* (1839), *História dos Girondinos* (1847), *Novas confidências* (1851), *Curso familiar de literatura* (1855) em 28 volumes, *A Vinha e a Mansão* (1857) etc. Faleceu em 28/02/1869.

Louis-Ferdinand

Céline

"Eu enfiei a palavra falada na escrita. De uma só vez... Chamo isso de 'pequena música' porque sou modesto, mas é uma transformação muito difícil de realizar. É trabalho. Do jeito que é não parece ser nada, mas tem qualidade. Para fazer um romance como um dos meus você tem que escrever oitenta mil páginas para conseguir oitocentas. Algumas pessoas dizem, quando falam de mim: 'Há eloquência natural... Ele escreve como fala... Aquelas são palavras do dia-a-dia... São praticamente idênticas... Pode-se reconhecê-las'. Bem, aí, isso é 'transformação'. Simplesmente não é a palavra que você está esperando nem a situação que você está esperando. Uma palavra utilizada desse jeito se torna ao mesmo tempo mais íntima e mais exata do que o que você normalmente encontra nesse lugar. Você inventa o seu estilo. Ajuda a por para fora o que está querendo mostrar de você mesmo".

Fonte: *Os escritores: as históricas entrevistas da Paris Review*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Louis-Ferdinand Destouches,

Nasceu em 27/05/1894, em Coubervoie, França. Escritor e médico. Participou ativamente da I Guerra Mundial, onde foi ferido e recebeu a Medalha militar e a Cruz de guerra. Posteriormente passa a estudar Medicina, tendo se formado em 1922. Em 1925 abandona a família e, com o patrocínio da Liga das Nações, viaja pelo mundo exercendo a profissão

de médico. De volta à Paris, em 1928, instala um consultório de obstetrícia e passa a dedicar-se, também, à literatura. Em 1932 conclui o romance *Voyage au bout de la nuit* (Viagem ao fundo da noite) e por pouco não recebeu o prêmio Goncourt tendo contudo recebido posteriormente o Prêmio Renaudot. Trata-se de sua obra mais aclamada, onde estabelece uma ruptura com a literatura da época pela utilização do calão e linguagem vulgar de um modo mais consistente do que outros escritores haviam tentado. Em 1936 escreveu *Morte a crédito*, apresentando uma visão inovadora, caótica e anti-heróica do sofrimento humano. Ao contrário de seus romances, os três panfletos, *Bagatelles pour un massacre* (1938), *a Escola dos cadáveres* (1938) e os *Bonitos panos* (1941), revelam um Céline abertamente anti-semita, fato que lhe terá valido a famosa acusação da parte de Sartre de ter colaborado com os Nazistas, o que não corresponde à verdade. Após a queda do regime nazista, foge para a Dinamarca, tendo sido julgado à revelia em Paris, e condenado a um ano de prisão e considerado uma "vergonha pública". Anistiado, retorna a França em 1951. Recupera notoriedade em 1957 com trilogia relativa à sua estadia na Alemanha, onde relata o seu exílio com um estilo cada vez mais inovador ainda que autobiográfica: *Um castelo a outro*, *Norte* e *Rigodon*. Nessa altura torna-se um ídolo da chamada "beat generation". Céline revolucionou o romance tradicional, brincando com os ritmos e sons, no que se chamou de "pequena música". Com o seu vocabulário ao mesmo tempo vulgar e científico, é também dotado de uma terrível lucidez, oscilante entre desespero e humor, violência e ternura, revolução estilística e real revolta. Tornou-se um escritor maldito que, a despeito do enorme valor de suas obras, não figura entre os escritores mais conceituados da França. Outras obras: *L'Église* (1933), *Mort à crédit* (1936), *Bagatelles pour un massacre* (1937), *Les beaux draps* (1941), *Guignot's band* (1944), *Féerie pour une autre fois* (1952), *Entretiens avec le professeur Y* (1955), *D'un chateau l'autre* (1957), *Nord* (1960). Faleceu em 01/07/1961.

Lúcia Miguel-Pereira

"Num ensaio, por exemplo, os leitores, ou melhor, certa classe de leitores, se preocupava mais com a música da frase que com as idéias do autor. Acho isso uma coisa absurda. Num escritor devemos, de preferência, buscar pensamentos, conceitos, orientações, e não frases sonoras. O que, entretanto, não quer dizer que eu seja partidária do "escrever mal". Em absoluto. Penso que o intelectual tem obrigação de escrever limpa e corretamente. Há uma grande distância, porém, entre o bom estilo e o estilo enfeitado. Nada de atavios e berloques. Prefiro a linguagem simples, direta, aquela em que forma e fundo constituem um todo harmonioso.

Fonte: SENNA, Homero. *República das letras*, 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996,

Lúcia Miguel-Pereira

Nasceu em 12/12/1901, em Barbacena, MG. Crítica literária, biógrafa, ensaísta e tradutora destacada na literatura brasileira da primeira metade do século 20. Biógrafa de Machado de Assis e referência do ensaísmo feminino nas décadas de 1920 e 1930, recomendou à família que em caso

de sua morte todos os seus escritos inéditos só poderiam ser publicados com autorização do marido, o advogado Octavio Tarquino de Sousa, e, na falta deste, teriam de ser incinerados. Como ambos morreram juntos, num desastre de avião, a família seguiu à risca as instruções e queimou todos os textos inéditos e cartas pessoais encontradas. Seus textos de crítica literária - reveladores de sua erudição e da aguda capacidade de percepção da arte e da vida - que circularam em jornais e publicações avulsas, foram reunidos na década de 1990 em dois volumes: *A Leitora e seus Personagens* e *Escritos da Maturidade*, que resgatam suas colaborações, entre 1931 e 1959, para o *Boletim de Ariel*, *Revista do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, o *Correio da Manhã* e *O Estado de São Paulo*, entre outros periódicos. Principais obras. Maria Luisa (1933), *Machado de Assis (Estudo Crítico-biográfico)*. (1936). *Amanhecer* (1938), *O livro do centenário de Eça de Queiroz* (org). (1945), *História da literatura brasileira - prosa de ficção - de 1870 a 1920* (1950), *A vida de Gonçalves Dias*. (1952), *Cinquenta anos de literatura*. (1952), *Cabra cega*. (1954) "A valorização da mulher na sociologia histórica de Gilberto Freyre". In: *Gilberto Freyre: Sua Ciência, sua Filosofia, sua Arte* (1962), *A leitora e seus personagens*. (1992). *Escritos da maturidade*. Faleceu em 22/12/1959

Luis

Fernando

Veríssimo

"Tanto na música quanto na literatura, o melhor momento é o do sentimento de que se está fazendo uma coisa boa. Como escritor esta sensação é mais rara, pois é uma atividade solitária e quando a gente não consegue se agradar, não tem a quem recorrer, ou como se convencer do contrário. Sua autocrítica ou aprova ou desaprova, e a opinião dos outros não conta. Já com a banda, mesmo que

você não esteja num bom dia, tem o prazer de ouvir os outros, que são todos excelentes músicos, e saber que está participando de uma coisa coletiva de qualidade, independentemente da sua contribuição. Enfim, é sempre bom tocar, nem sempre é bom escrever... Como eu disse, não posso dizer que seja um músico. Uma rotina séria de música envolveria ensaios constantes da banda e treinos diários no instrumento, que depende muito da boa forma do bico. E para isso eu não tenho tempo. A agenda da banda varia bastante, às vezes há apresentações seguidas, outras vezes ficamos semanas sem tocar juntos. Quando há compromissos, eu tento dar uma treinada, mas normalmente o sax fica empacotado. Se eu pudesse escolher, escolheria ser músico, que me dá mais prazer, mas não sei se escolheria uma rotina rigorosa de dedicação ao instrumento e à música. E, com esta idade, a possibilidade desta escolha não existe mais. A música continuará sendo um passatempo, enquanto houver fôlego... Já tentei desenvolver um paralelo entre uma crônica e uma apresentação de jazz: exposição do tema, variações sobre o tema, volta ao tema inicial, coisas assim. Mas ficou um pouco forçado. Acho que você pode estruturar um solo como uma narrativa, mas a analogia termina aí. São raciocínios e emoções diferentes. E, claro, mesmo se a analogia fosse possível, eu estaria falando em tese, falando de outros e não de mim. Não tenho um domínio do saxofone como tenho do teclado do computador, mesmo digitando apenas com dois dedos."

Fonte:

www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=literatura/docs/luis_sax (4/11/2010)

Luis**Fernando****Veríssimo**

Nasceu em 26/09/1936, em Porto Alegre, RS. Jornalista, escritor, cartunista, músico, viajante e filho de Érico Veríssimo. Iniciou a carreira no jornal Zero Hora, em fins de 1966, como copydesk e terminou em diversas seções ("editor de frescuras", redator, editor nacional e internacional). Em 1970 mudou-se para o jornal Folha da Manhã, mas voltou ao antigo emprego em 1975, e passou a ser publicado no Rio de Janeiro também. O sucesso de sua coluna garantiu o lançamento do livro *A grande mulher* nua (José Olympio, 1975). Grande parte de seus livros são coletâneas de suas crônicas, publicadas em diversos jornais (11 no todo) e revistas. Ficou conhecido principalmente pelo humor sagaz e linguagem simples ao colocar no papel trivialidades do dia-a-dia. Participou também da televisão, criando quadros para o programa *Planeta dos Homens*, na Rede Globo e para a série *Comédias da Vida Privada*, baseada em livro homônimo. Além de textos, produz tiras "cartum", escreve roteiros para TV e cinema e participa de uma banda de jazz, a Jazz6, tocando saxofone. Escritor prolífico, se aventurou pelo mundo do romance com *O Jardim do diabo* (1988); *Gula - o clube dos anjos* (Objetiva, 1999) e *Borges e os orangotangos eternos* (Cia. da Letras, 2000). Seus romances são um pouco mais refinados que suas crônicas, mas o tom coloquial bem humorado está sempre presente. Passou a ser conhecido popularmente com *O analista de Bagé* (1981), coletânea de crônicas, incluídas aí diversas sobre esse personagem. Vendeu mais de 130 mil exemplares, em oito meses, Conta com mais de 5 milhões de livros vendidos no país, sendo que seu best-seller, *As*

Mentiras que os homens contam, já vendeu quase 350.000 exemplares. No total, desde sua primeira publicação em 1973, Verissimo já lançou mais de 60 livros. Finíssimo estilista da língua, dono de um texto marcado pela mistura de precisão e beleza, ele é capaz de afirmar com orgulho que escreve "por ofício", que é "um escritor comercial, sem grande valor literário, cujo ramo é o do entretenimento". Na opinião de Jaguar "Verissimo é uma fábrica de fazer humor. Muito e bom. Meu consolo — comparando meu artesanato de chistes e cartuns com sua fábrica — era que, enquanto eu rodo pelaí com minha grande capacidade ociosa pelos bares da vida, na busca insaciável do prazer (B.I.P.), o campeão do humor trabalha como um mouro". Outros livros: *Amor brasileiro* (José Olympio, 1977); *O gigolô das palavras* (LP&M, 1982); *Sexo na cabeça* (L&PM, 1980); *A velhinha de Taubaté* (LP&M, 1983); *A mulher do Silva* (LP&M, 1984); *Comédias da vida privada* (L&PM, 1994); *Banquete com os deuses* (Objetiva, 2002) etc. e diversos volumes sobre *Ed Morte*, seu personagem satirizando a literatura policial. Além disso, tem textos de ficção e crônicas publicadas nas revistas Playboy, Cláudia, Domingo (do Jornal do Brasil), Veja, e nos jornais Zero Hora, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil e O Globo. Extremamente tímido, foi homenageado por uma escola de samba de Porto Alegre no carnaval de 2000. Seu lançamento mais recente é o romance *Os Espiões* (Objetiva, 2009).

Luiz Antonio de Assis Brasil

"Jamais abandonei a música. Posso não praticar meu instrumento, mas hoje sou mais músico do que antes: não tenho mais, sobre mim, a tirania das notas musicais.

Fonte: <http://www.laab.com.br/bio.html> (22/09/2010)

Luiz Antonio de Assis Brasil

Nasceu em 1945, em Porto Alegre, RS. Advogado, romancista, doutor em Letras, músico e professor de criação literária. Animador cultural dos mais destacados em seu estado, dirigiu o Instituto Estadual do Livro em meados da década de 1980, imprimindo-lhe uma nova forma de atuação. Estréia como romancista ao lançar *Um quarto de léguas em quadro* (Movimento, 1976), pelo qual recebe o Prêmio Ilha de Laytano. Em seguida lança *A prole do corvo* (Movimento, 1978) e vai se afirmando como romancista promissor. A promessa se estabelece com *Bacia das almas* (Mercado Aberto, 1981) e *Manhã transfigurada* (LP&M, 1982). Em 1985 lança aquele que, segundo o autor, é seu livro com maior carga emocional: *As virtudes da casa* (Mercado Aberto) e começa coordenar a Oficina de Criação Literária do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC/RS, onde se mantém até hoje. Trata-se da mais antiga e mais premiada oficina literária do Brasil. Seus livros tem sido traduzido em diversos idiomas e conquistado distintas premiações: Prêmio Instituto Nacional do Livro, 1988; Prêmio Machado de Assis, 2001; Prêmio Jabuti, 2004; Prêmio Portugal Telecom, 2004, entre outros. Destaques de sua obra: *Cães da província* (Mercado Aberto, 1987); *Perversas famílias* (1992); *Pedra da memória* (Mercado Aberto, 1993); *Senhores do século* (Mercado Aberto, 1994);

O pintor de retratos (Ambar, 2001); *A margem imóvel do rio* (LP&M, 2003) Seu lançamento mais recente é *Música perdida* (LP&M, 2006), um romance em que a música é protagonista e, junto a ela, os destinos de mulheres e homens que, humanizados, fazem da música o sentido de suas vidas. Uma possível recordação de seus tempos de violoncelista da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre durante 15 anos. Em 2010 foi convidado pelo seu amigo, o governador Tarso Genro, para assumir a Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

Luiz

Vilela

"A técnica do escritor seria harmonizar todos os elementos da obra e fazer com que esta se transforme em pura música".

Fonte: STEEN, Edla van. *Viver & escrever 2*. Porto Alegre: LP&M, 2008.

Luiz

Vilela

Nasceu em Ituiutaba, MG, em 1942). Filósofo, romancista e contista. Estreou na literatura aos 24 anos, com o livro de contos *Tremor de terra*, pelo qual recebeu o Prêmio Nacional de Ficção em Brasília. Participou de vários projetos literários como "A Revista" e a "Página dos Novos", editada pelo jornal Estado de Minas. Foi, também, premiado no I e II Concurso Nacional de Contos, do Paraná. Seus contos, romances e novelas já foram traduzidos em vários países, como Estados Unidos, Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Suécia, Polônia,

República Tcheca, Argentina, Paraguai, Chile, Venezuela, Cuba e México. Alguns de seus livros: *Tremor de terra* (1967), *O fim de tudo* (1973), livro de contos com o qual ganhou o Prêmio Jabuti, *Lindas pernas* (1979), *Entre amigos* (1983), *Os melhores contos de Luiz Vilela* (1988), *Te amo sobre todas as coisas* (1994), *Boa de garfo e outros contos* (2000), *Histórias de família* (2001), *A cabeça* (2002), *Bóris e Dóris* (2006), *Amor e outros contos* (2009) e *Perdição* (2010). É considerado um dos melhores contistas da atualidade, e depois de alguns períodos morando em São Paulo, nos EUA e na Espanha, vive atualmente em sua cidade natal.

Manuel

Bandeira

“Não sou entendido, mas já li um livro inteiro para ficar conhecendo a estrutura da forma sonata, Houve tempo em que andei arranhando o violão, no qual cheguei a tocar, ainda que mal, o Rondó, de Aguado e - não se ria... - uma bourrée de Bach. Há uns quarenta anos, com grande dificuldade tirei por música ao piano e decorei meia dúzia de peças, algumas ainda hoje toco - os Prelúdios 4 e 20 de Chopin, o Aveu do carnaval de Schumann e uma pecinha de Mac-Dowell... O violão aliás, tem-me sido útil, pois nele é que tiro a melodia das músicas para as quais me pedem versos. Foi assim, por exemplo, que escrevi as palavras do Azulão de Jaime Ovalle... A música não é para mim um simples passatempo; é uma necessidade. Privado dela me sinto infeliz de todo... Na verdade, faço versos porque não sei fazer música”.

Fonte: SENNA, Homero. *República das letras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho

Nasceu em 19 de abril de 1886 em Recife, Pernambuco, o poeta clássico do modernismo. Aos 27 anos, viajou à Suíça para tratar uma tuberculose e, levado pela perspectiva da morte, passou a fazer poesia “para de certo modo iludir o sentimento de vazia inutilidade”, como dizia. Seu primeiro livro, *A cinza das horas*, surgiu em 1917 e foi bem recebido pela crítica. Em seguida, lançou *Carnaval* (1919), cujo primeiro verso dizia: “Quero beber, cantar asneiras”. Um crítico da época escreveu: “o sr. Manuel Bandeira conseguiu plenamente o que queria”. O comentário arrancou gargalhadas do poeta. *Ritmo absoluto* (1924) é a obra que marca sua transição da poesia tradicional para a modernista. Mas foi em *Libertinagem* (1930) que o poeta se apresentou em sua feição definitiva. Entrou para a Academia Brasileira de Letras em 1940. É vasta sua obra, tanto em poesia: *Estrela da manhã* (1936), *Poesias completas* (1948), *Mafuá do malungo* (1948), *Estrela da tarde* (1958) etc., quanto em prosa: *Crônicas da província do Brasil* (1936), *A autoria das cartas chilenas* (1940), *Noções de histórias das literaturas* (1944), *Literatura hispano-americana* (1949), *Itinerário de Pasárgada* (1954), *Flauta de papel* (1956) etc. Em 1958, sua obra completa (poesia e prosa) foi lançada pela Editora Aguilar. Em 1981, Ivan Junqueira publicou uma crítica literária e antologia definitiva de Manuel Bandeira, reeditada em 2003: *Testamento de Pasárgada*. Quando Bandeira completou 80 anos, em 1966, a Editora José Olympio lançou

sua obra poética reunida: *Estrela da vida inteira*. Faleceu em 13 de outubro de 1968

Marcelo Moraes Caetano

"A relação entre música e literatura se dá, como a que há entre diversas outras artes umas com as outras, de formas múltiplas, muitas vezes complementares, outras vezes apenas paralelas. É fácil e oportuno, por exemplo, à guisa de preâmbulo, traçarem-se correlatos semânticos entre a literatura e a pintura, a literatura e o teatro, a literatura e o cinema e assim por diante. Falar da comparação entre música e literatura, entretanto, parece tarefa um tanto ou quanto mais árdua, ou menos precisa. Isso porque o significativo da música e o da literatura diferem, já na gênese, diametralmente. A literatura dispõe da evocação sígnica da palavra, que grafa no cérebro humano um sem-número de significados provenientes dessa sua propriedade imanente – o som, a escrita, seja lá o que for que provenha da palavra. A música, por seu turno, é expressão muda no que tange aos significados lexicais. A frase musical é a plasticidade sensorial no tempo – no que se torna análoga (não semelhante, mas análoga) à música –, plasticidade esta, porém, que, a priori, não quer e não necessita a ...

Fonte: CAETANO, Marcelo Moraes. *Música (alma) e literatura*. www.tirodeletra.com.br (19/04/2009)

Marcelo Moraes Caetano
Nasceu em 17/08/1976, no Rio de Janeiro. Escritor, poeta, músico, professor de português, literatura, redação, inglês,

francês e alemão. Além desses idiomas, fala italiano, latim, grego, espanhol, galego e mandarim. É pianista clássico, tendo sido aluno de Maria da Penha, Linda Bustani e Myrian Dauelsberg. No piano, foi vencedor de concursos no Brasil e no exterior, destacando-se o primeiro lugar no concurso Sul-Americano Guiomar Novaes (São Paulo); primeiro lugar no Concurso Nacional Clóvis Salgado, Fundação Mineira de Artes Aleijadinho (UFMG); segundo lugar no Concurso Internacional ArtLivre (São Paulo), além de ter sido um dos vencedores do Concurso Internacional Ciudad de Cordoba, então aos 15 anos de idade. Gravou um CD em que toca obras de Liszt e Schumann. Escritor, publicou *Wittgenstein und Gebrauch* (UERJ-CIFEFIL, 2000); *A clara de ovo* (7 Letras, 2003); *A humanidade na arca de Noé: tempos paralelos que se encontram na paz* (Ed. Vivali, 2005); *Romances de entressafra: um estudo de anatomia do amor platônico* (Ed. Vivali, 2005); *Tópicos de gramática normativa da língua portuguesa* (Lágrimas de Portugal, 2007); *Português para concursos: matéria completa* (Lágrimas de Portugal, 2007); *Cemitério de centauros* (Lágrimas de Portugal, 2007). Esta obra foi uma das duas premiadas como melhores livros de poesia pela Fundação Gutenberg-Firjan, sendo a premiação feita em setembro, na Bienal Internacional de Literatura do Rio de Janeiro, no Riocentro (2007). Além dessas obras publicadas, é também co-autor de dois livros realizados por concurso nacional pelo jornal de educação Folha Dirigida, pela Academia Brasileira de Letras e pela UNESCO-ONU: *Solidariedade* (Folha Dirigida-ONU-ABL, 2005) e *Educação* (Folha Dirigida-ONU-ABL, 2006). Os concursos tiveram, ao todo, mais de 70 mil participantes. Os dois livros tiveram publicação especial trilingüe (inglês,

francês e alemão), além de lançamentos no Rio, na ABL, e em Paris, na sede mundial da UNESCO, na Organização das Nações Unidas, com solenidades de premiação aos autores nas duas cidades, e foram distribuídos em bibliotecas de escolas e universidades em 190 países. Em 2009 venceu o Concurso Nacional para Professores Universitários, como co-autor do livro *Com a palavra os professores do Brasil* (Prêmio Litteris 2009), distribuído em bibliotecas de escolas e universidades do Brasil, Portugal e África. Ainda neste ano publicou *Gramática e análise textual* (Editora Maria Anézia-Elite, 2009); *Literatura: crítica e estilos de época* (Editora Maria Anézia-Elite, 2009) e *Gramática reflexiva da língua portuguesa* (Editora Ferreira, 2009).

Marcos Rey

"Nos momentos em que sinto vazio ouço música. Aí sacode tudo lá dentro... sinto que a inspiração vem mais fácil, mais impetuosa, mais definitiva. Ela cria o clima na cabeça. Se prestar muita atenção, me aproximo e sinto o que o autor da música quer dizer, e, às vezes, coincide com o texto. Penso: 'é isso, é isso que quero fazer'".

Fonte: Correio Braziliense, 11/01/1998 - Nahima Maciel

Marcos Rey

Edmundo Donato

Nasceu em 17 de fevereiro de 1925, em São Paulo. Reconhecido como o maior autor de livros infanto-juvenis, com mais de 5 milhões de exemplares vendidos. Filho de encadernador, teve acesso a muitos livros, já com sua

predileção por Mark Twain. Seu primeiro conto – *Ninguém entende Wiu-Li* – foi publicado aos 16 anos já com o pseudônimo na Folha da Manhã, com ilustração de Belmonte. O primeiro romance – *Um gato no triângulo* – saiu em 1953, época em que trabalhava como roteirista de rádio. *Café na cama* (1960), *O enterro da cafetina* (1967) e *Memórias de um gigolô* (1968) viraram filme e projetaram o escritor no cenário nacional. A fase infanto-juvenil teve início em 1980, com *Não era uma vez*, e continuou com um lançamento anual até 1997 (*Gincana da morte*). Em 1986 entrou para a Academia Paulista de Letras. Em 1994 ganhou o Prêmio Jabuti pelo conto *O último mamífero do Martinelli* e, em 1996, recebeu o Troféu Juca Pato pelo romance *Os crimes do olho-de-boi*. Faleceu em 1º de abril de 1999.

Margaret

Atwood

"Terminei apaixonada pela ópera, o que me incentivou também a ler muito a respeito. Acredito que a maioria dos enredos são bobos, recheados de histórias muito românticas com um certo suspense. Mas a estrutura de uma ópera, com cantores, cenários e vestuários, acabou por originar o cinema. Creio que a ópera é o avô dos filmes, que se parecem mais com essa forma cultural que com os romances. Ou você não diria que *Guerra nas estrelas* não é ópera pura? Ou o *Parque dos dinossauros*? Ou mesmo *O tigre e o dragão*, que é inteiramente operístico, comprovando um interesse da cultura oriental por histórias cantadas? Não, eles não se inspiram em romances."

Fonte: O Estado de São Paulo, 18/11/2001 - Ubiratan Brasil

Margaret**Atwood**

Nasceu em 18/11/1939, em Ottawa, Canadá. Professora, poeta, ensaísta, crítica literária e romancista das mais destacadas na literatura canadense. Começou a escrever aos 16 anos e a escrita nasceu como "extensão natural" do seu amor pelos livros. Passou a infância rodeada deles, já que o pai, entomologista, transportava a família de floresta em floresta, pelo país fora. As letras faziam assim as vezes dos brinquedos. Os estudos foram feitos na Universidade de Toronto. Cursou artes, inglês, filosofia e francês. A par com a carreira universitária e com a docência, teve desde sempre uma prolífica atividade literária. Desde a poesia, com *The circle game* (1964), que lhe rendeu o prêmio Governor General's à ficção científica, passando pelos contos, pela literatura infanto-juvenil e, claro, pelo romance, onde é mais reconhecida. O ativismo ecológico e feminista, a colaboração ativa com a Anistia Internacional e com os movimentos sociais é uma marca de sua personalidade. *Olho de gato* (1988), foi o romance que lhe trouxe aclamação mundial. O tema da silenciosa crueldade que as crianças praticam entre si, era quase inédito na literatura. Com este livro chegou a ser incluída na lista dos possíveis vencedores do Booker Prize, mas teve de esperar até 2000 para conseguir o galardão, com *O assassino cego*. As premiações em sua carreira têm sido uma constante e a cada ano que passa seu nome é lembrado para receber o Nobel da Literatura. Em 2002 escreveu *Negociando com os mortos*, uma coletânea de conferências, onde dissecou o ato de escrever, apresentando seu estilo e técnicas literárias. Tem mais de 25 livros publicados, alguns traduzidos em mais de 30 países. Principais obras: *A mulher comestível* (1969); *O conto da aia*

(1985), *Alias Grace* (1996), *Oryx e Crake* (2003), *The penelopiad* (2005), entre outros. Seus lançamentos mais recentes é uma coletânea de ensaios: *Buscas curiosas* (Rocco, 2009) e o romance *The year of the flood* (2009).

Mario

Benedetti

O que acontece através da canção é apenas uma primeira conexão com os públicos, e isto não deve causar desgosto. As vezes o público entra numa obra literária e na poesia através da porta da canção. E se lhe desperta a letra das canções, em seguida lhe interessa ver o que se passa com esse mesmo autor na zona da literatura. Mas o primeiro escalão é a poesia”.

Fonte: La Jornada, 11/05/1997 – Angélica Abelleyra

“Os leitores de poesia, como os autores, também se sentem tocados em suas vidas. E se a linguagem é fácil e clara, mais ainda. As letras de canções são outra coisa, com outras leis e rigores”.

Fonte: Folha de São Paulo, 19/07/2003

Mario Orlando Hamlet Hardy Benedetti Farugia

Nasceu em 1920, no Uruguai. Jornalista, romancista e poeta, autor de quase 80 livros traduzidos em 23 países. Um escritor engajado, como se dizia. Foi exilado político durante 12 anos e até hoje é proibido de entrar nos EUA. Já foi chamado de “Kafka latino-americano” e, de certa forma, ele

concorda. Já estudou alemão quando jovem, escreveu os primeiros poemas nesse idioma e admira a estrutura da língua. Seu primeiro livro, *La víspera indeleble*, marcou a Geração Uruguaia de 45 e consagrou-o como um de seus ilustres representantes. Seus livros costumam freqüentar a lista dos mais vendidos e lá permanecem mais que o habitual: *La tregua* (1960), *Daniel Viglietti* (1974), *Casa y el ladrillo* (1977), *Pedro y el capitán* (1984), *Preguntas al azar* (1986), *Gracias por el fuego* (1992), *La realidad e la palabra* (1991), *Inventario* (1990), *Inventario 2* (1993), *Andamios* (1996), *La vida ese paréntesis* (1998) e *El amor, las mujeres y la vida* (1999). Sua prosa biográfica, *A borra do café* (1993), foi traduzida para português em 1998. Aos 83 anos sente uma fome descomunal de publicar e lança mais quatro livros em menos de um ano: o terceiro volume de suas poesias completas, *Inventario 3: 1995-2002*; um novo livro de poemas, *Insomnios e duermevelas, Existir todavía e El porvenir de mi pasado*, em que conta histórias, fala de personagens e resgata alguns contos. "Algunas cosas del pasado desaparecieron pero otras abren una brecha al futuro y son estas que quiero rescatar", declarou. Faleceu em 17/05/2009.

Mario de Andrade

"No momento larguei de toda e qualquer ficção, para terminar meu livro *Na pancada do ganzá*, que é um estudo sobre a música do Nordeste. Espero acabar esse livro até fins do ano que vem. Então irei de novo ao Nordeste para encher algumas lacunas que ficaram no livro e submetê-lo

ao controle de intelectuais de lá. Só então principiarei escrevendo outras obras, entre as quais dedico especial amor ao Dicionário musical brasileiro. Na ficção, só então escreverei dois ou três romances que tenho na cabeça."

Fonte: ANCONA LOPEZ, Telê Porto. *Mario de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

Mário Raul de Morais Andrade

Nasceu em São Paulo, em 9 de outubro de 1893. Poeta, romancista, crítico literário e musicólogo. Protagonista da Semana de Arte Moderna de 1922, foi quem primeiro usou a língua nacional num ímpeto de libertar as formas literárias brasileiras das regras gramaticais da língua de Portugal. A obra que anuncia a revolução é *Paulicéia desvairada* (1922). Teve papel destacado na construção da cultura nacional: fundador e dirigente do Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo (atual Secretaria Municipal de Cultura); criador do anteprojeto do que viria a ser o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e líder de mais de uma geração cultural. Publicou tudo que se refere à literatura e arte. O horror da I Guerra Mundial inspirou-o a redigir uma série de poemas de fundo pacifista, publicados sob o título *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917). Dentre as obras mais conhecidas estão: *Amar, verbo intransitivo* (1927), *Macunaíma* (1928), *Remate de males* (1930), *Belasarte* (1930), *Poesias* (1941), *O baile das quatro artes* (1943) etc. Faleceu em 25 de fevereiro de 1945.

Miquel-Lluís Muntané

"Eu estimo profundamente a música. Tive a sorte de estudá-la e, de alguma maneira, sempre tem me acompanhado. Em meus poemas aparecem, de vez em quando, conceitos ou metáforas claramente derivadas da música. Também acho que tem me servido para interiorizar um sentido do ritmo, das cadências sutis da linguagem, que resulta útil no momento de escrever".

Miquel-Lluís Muntané

Nasceu em Barcelona, Espanha, em 1956. Escritor, jornalista, tradutor e professor. Realizou cursos de Filologia, Sociologia e publicidade e divide seu tempo de escritor com a docência e a gestão cultural. Tem traduzido várias obras do francês para o catalão, incluindo a tradução da revista "O Correio da UNESCO". É colaborador permanente de alguns veículos de comunicação sobre temas culturais e tem participado, como diretor, patrono ou assessor de várias instituições, entre as quais o Conselho de Cultura de Barcelona. Como escritor cultiva a maior parte dos gêneros literários: narrativa, poesia, ensaio e teatro. Publica, também contos infantis na revista "Tretzevents". Utiliza o idioma catalão em suas obras.

Fonte: www.conoceralautor.com/autores (27/01/2011)

Milan

Kundera

"O romance pode incorporar elementos externos de duas maneiras. Durante suas viagens, dom Quixote encontra diversas personagens que lhe contam suas histórias. Dessa

forma, narrativas independentes são inseridas no todo, encaixadas no arcabouço do romance. Esse tipo de composição se encontra frequentemente nos romances dos séculos XVII e XVIII. Broch, no entanto, em vez de encaixar a narrativa de Hanna Wendling na narrativa principal de Esch e Huguenau, deixa ambas se desenrolarem 'simultaneamente'. Sartre (em Sursis) e Dos Passos antes dele, também empregaram essa técnica de simultaneidade. O objetivo deles, no entanto, era reunir diferentes narrativas novelísticas, ou seja, elementos homogêneos mais do que heterogêneos, como no caso de Broch. Além do mais, o modo como empregaram essa técnica me parece demasiado mecânico e destituído de poesia. Não consigo encontrar melhores termos do que 'polifonia' ou 'contraponto' para descrever essa forma de composição, e, além disso, a analogia musical é muito útil. Por exemplo, a primeira coisa que me incomoda na terceira parte de Os sonâmbulos é que os cinco elementos não são iguais. Ao passo que no contraponto musical a igualdade de todas as vozes é uma regra básica fundamental, condição sine qua non, Na obra de Broch, o primeiro elemento (a narrativa novelística de Esch e Huguenau) ocupa muito mais espaço físico do que os outros elementos e, mais importante ainda, é privilegiado na medida em que está ligado às duas partes anteriores do romance e assume portanto o papel de unificá-lo. Assim, atrai mais a atenção e ameaça transformar os outros elementos em mero acompanhamento. A segunda coisa que me incomoda é que, embora uma fuga de Bach não possa prescindir de nenhuma de suas vozes, a narrativa de Hanna Wendling ou o ensaio sobre o declínio dos valores poderiam muito bem se sustentar sozinhos como obras independentes.

Tomados separadamente, não perderiam nada de seu significado ou de sua qualidade. No meu modo de ver, os requisitos básicos do contraponto novelístico são: 1) a igualdade dos vários elementos; 2) a indivisibilidade do todo. Lembro-me de que no dia em que terminei *Os anjos*, terceira parte do *Livro do riso e do esquecimento*, fiquei terrivelmente orgulhoso de mim mesmo. Tinha certeza de que havia descoberto a chave para compor uma narrativa de uma nova maneira. O texto era constituído dos seguintes elementos: 1) uma anedota sobre duas estudantes e sua levitação; 2) uma narrativa autobiográfica; 3) um ensaio crítico sobre um livro feminista; 4) uma fábula sobre um anjo e o demônio; 5) uma narrativa-sonho de Paul Éluard sobrevoando Praga. Nenhum desses elementos poderia existir sem os outros, cada um ilumina e explica os outros, já que todos eles exploram um único tema e postulam uma única pergunta: 'O que é um anjo?' A parte 6, também intitulada *Os anjos*, é constituída de: 1) uma narrativa-sonho da morte de Tamina; 2) uma narrativa autobiográfica da morte de meu pai; 3) reflexões musicológicas; 4) reflexões sobre a epidemia de esquecimento que está devastando Praga. Qual é a ligação entre meu pai e a tortura da Tamina pelas crianças? É o 'encontro de uma máquina de costura e um guarda-chuva' sobre a mesa de dissecação de um único tema, para citar a famosa imagem de Lautrémont. A polifonia novelística é muito mais poesia do que técnica. Não consigo encontrar nenhum exemplo dessa poesia polifônica em qualquer outro lugar da literatura, mas os últimos filmes de Alain Resnais me surpreenderam muito. O seu uso da arte do contraponto é admirável... Também os capítulos têm que criar seu pequeno mundo próprio; têm que ser

relativamente independentes. É por isso que estou continuamente aborrecendo os meus editores para ter certeza que os números estejam claramente visíveis e os capítulos bem separados. Os capítulos são como os compassos de uma partitura musical! Há partes em que os compassos (capítulos) são longos, outras em que são breves, outras ainda em que têm uma duração irregular. Cada parte poderia ter uma indicação de tempo musical: 'moderato', 'presto', 'andante', etc. A parte 6 de *A vida* é um outro lugar é 'andante'; de modo calmo e melancólico, ela discorre sobre o breve encontro entre um homem de meia-idade e uma jovem que acabou de sair da prisão. A última parte é 'prestissimo'; é escrita em capítulos muito breves e pula do moribundo Jaromil para Rimbaud, Lermontov e Puchkin. Primeiramente pensei em *A insustentável leveza do ser* de uma maneira musical. Sabia que a última parte teria que ser 'pianissimo' e 'lento': focaliza um período bastante breve monótono, num único local, e o tom é calmo. Também sabia que essa parte teria que ser precedida por um 'prestissimo': que é a parte intitulada *A grande marcha*".

Fonte: *Os escritores: as hoistóricas entrevistas da Paris Review*. São Paulo: Companhia da Letras, 1988.

Milan Kundera

Nasceu em 01/04/1929, em Brno, República Tcheca. Ensaísta e escritor, ficou conhecido já no primeiro romance *A Brincadeira* (1967), que lhe rendeu a proibição de publicar em seu país e a perda da nacionalidade. Na juventude, aprendeu a tocar piano com seu pai (Leos Janáček, importante musicólogo e pianista). Posteriormente, ele

também estudou musicologia. Influências e referências musicológicas podem ser encontradas através de sua obra, a ponto de poder-se encontrar notas em pauta durante o texto. Seus romances geralmente tratam de escolhas e decepções. Em seus livros é recorrente a crítica ao regime comunista e à ocupação russa de seu país em 1968. Em 1970 publicou o romance *Risíveis Amores*, e em 1975 refugiou-se em Paris, onde lecionou a disciplina "Arte do romance" na École des Hautes Études en Sciences Sociales. A partir de 1980, quando se naturalizou francês, passou a se dedicar à tradução para o francês de seus textos anteriores, escritos originalmente em tcheco. Com *A insustentável leveza do ser* (1983), adaptado para o cinema em 1987, tornou-se conhecido mundialmente, e em 1987, recebeu o Prêmio Nacional das Letras da Áustria. Principais obras: *O livro do riso e do esquecimento* (1978), *A valsa dos adeuses* (1976), *A arte do romance* (1986), *A imortalidade* (1990), *A lentidão* (1998), *A ignorância* (2000), *A vida não é aqui e A cortina* (2005), *Um encontro* (2009)..

Moacyr

Felix

"Mas, sobretudo, a criação me vem quando estou só, à noite, e quando ouço a música que mais gosto: Mozart, Beethoven, Chopin... Na medida em que a música vai tocando, eu vou-me movimentando mentalmente, emocionalmente e vou escrevendo os meus versos, sempre à mão - acho que não se pode escrever poesia à máquina... se pudesse escreveria com um dedo, porque a poesia nasce do corpo da gente, com as mãos da gente, purificada".

fonte: RICCIARDI, Giovanni. *Escrever 2*. Bari: Ecumenica Editrici, 1994.

Moacyr Félix de Oliveira

Nasceu em 11 de março de 1926, no Rio de Janeiro. Escritor, editor e poeta expressivo da "Geração de 45". Ativista literário, foi um dos idealizadores da editora Paz e Terra e trabalhou por muitos anos como secretário de redação da Revista Civilização Brasileira, que tinha como objetivo ser o centro de autores e idéias favoráveis aos valores do humanismo, divulgando o pensamento de vários intelectuais brasileiros durante a ditadura militar (1964-1985). Muitos de seus poemas foram traduzidos em diversas antologias da poesia brasileira no exterior, ou em jornais e revistas. Compõem sua obra os seguintes livros de poesia: *Cubo de trevas* (1948); *Lenda e areia* (1950); *Itinerário de uma tarde* (1953); *O pão e o vinho* (1959); *Canto para as transformações do homem* (1964); *Um poeta na cidade e no tempo* (1966); *Canção do exílio aqui* (1977); *Neste lençol* (1977); *Invenção de crença e descrença* (1978); *Em nome da vida* (1981); *Antologia poética* (1993). Em 1999, lançou o livro *Introdução a escombros*, que lhe rendeu, em 2000, o prêmio do Pen Club do Brasil e o Prêmio Jabuti. Ainda em 2000, recebeu o Prêmio de Poesia do Ano 2000, da Academia Brasileira de Letras, por *Singular Plural* (1998), antologia que reúne um conjunto representativo de poemas que constituem sua obra. Faleceu em 26/10/1985.

Monteverdi

"O texto deve ser o senhor e não o servo da música".

Fonte: <http://www.meloteca.com/citacoes-musicos.htm>
(25/11/2009)

Cláudio Monteverdi

Nasceu em 1567, em Cremona, Itália. Nesta época, Cremona, que se encontrava no coração político da Europa, onde tinham lugar as batalhas dinásticas, viu surgir e crescer algumas comunidades protestantes que provocariam um rápido despertar de um espírito contrareformista, influenciando, certamente, o jovem músico. Em 1582, publicou suas primeiras obras, *Sacrae Canticulae*, com 23 motetos a 3 vozes, sobre textos latinos, extraídos da *Vulgata*. Um ano depois, publicou *os Madrigais Espirituais* a 4 vozes, onde adotou um gênero misto, entre sacro e profano, já cultivado por Palestrina, Lasso e G. Gabrieli. Em 1607, mudaria para sempre o curso da música com a obra "L'Orfeo, pois, embora seja correto dizer que devemos buscar as origens da ópera nas contribuições de compositores como Peri ou Cavallieri, esta é a primeira obra realmente consolidada neste gênero. Nos 3 anos seguintes, dedicou-se a explorar o novo gênero, Alcançando assim uma nova etapa de maturidade, com a qual regressou ao seio da música religiosa. Desta forma, nasceu a mais veemente e espetacular criação musical dedicada, não por casualidade, a um dos dogmas excluídos do culto luterano, a Virgem Maria: *Vespro della Beata Vergine*, de 1610. Passou a última etapa de sua vida em Veneza, como maestro da capela de São Marcos e, por isso mesmo, foi obrigado a enfatizar o cunho

religioso de suas obras. Como resultado destes 30 anos na capela de São Marcos, temos a *Selva Morale et Spirituale*, de 1641, obra formada por peças litúrgicas (salmos, salves, magnificats e uma missa) e que alterna a escritura mais típica do século XVI com as grandes transformações já consolidadas. Foi chamado de "o oráculo da música" e de "o novo Orfeu" por seus contemporâneos. Faleceu em 1643.

Mozart

"Não consigo escrever poesia: não sou poeta. Não consigo dispor as palavras com tal arte que elas reflitam as sombras e a luz: não sou pintor... Mas consigo fazer tudo isso com a música..."

Fonte: <http://www.meloteca.com/citacoes-musicos.htm>
(25/11/2009)

Wolfgang Amadeus Mozart

Nasceu em Salzburgo, Áustria, em 27/01/1756. Um dos compositores do período clássico mais famosos do mundo. Mostrou uma habilidade musical prodigiosa desde sua infância. Já competente nos instrumentos de teclado e no violino, começou a compor aos cinco anos de idade, e passou a se apresentar para a realeza da Europa, maravilhando a todos com seu talento precoce. Chegando à adolescência foi contratado como músico da corte em

Salzburgo, porém as limitações da vida musical na cidade o impeliram a buscar um novo cargo em outras cortes, mas sem sucesso. Ao visitar Viena em 1781 com seu patrão, desentendeu-se com ele e solicitou demissão, optando por ficar na capital, onde, ao longo do resto de sua vida, conquistou fama, porém pouca estabilidade financeira. Seus últimos anos viram surgir algumas de suas sinfonias, concertos e óperas mais conhecidos, além de seu *Requiem*. As circunstâncias de sua morte prematura deram origem a diversas lendas. Foi autor de mais de seiscentas obras, muitas delas referenciais na música sinfônica, concertante, operística, coral, pianística e de câmara. Sua produção foi louvada por todos os críticos de sua época, embora muitos a considerassem excessivamente complexa e difícil, e estendeu sua influência sobre vários outros compositores ao longo de todo o século XIX e início do século XX. Hoje Mozart é visto pela crítica especializada como um dos maiores compositores do ocidente, conseguiu conquistar grande prestígio mesmo entre os leigos, e sua imagem se tornou um ícone popular. Entre suas composições mais importantes estão as óperas, das quais destacamos: *La finita semplice* (1769), *La betulia liberata* (1770), *Ascanio in Alba* (1771), *Il sogno di Scipione* (1772), *La finita giardiniera* (1775), *Zaide* (1780), *O rapto do serralho* (1782), *As bodas de Figaro* (1786), *Don Giovanni* (1787), *A flauta mágica* (1791) entre outras. Faleceu em 05/12/1791

Murilo

Mendes

"Mas não estaríamos sendo exato se neste capítulo falasse apenas de pessoas e livros, quando houve muitos outros fatores que tiveram sobre minha formação uma influência poderosíssima e decisiva. Estão neste caso a música, para a qual desde criança me senti extraordinariamente atraído (...) e a pintura, que também sempre se seduziu. Infelizmente não temos ainda instrumentos críticos poderosos para precisar até que ponto as outras artes exercem influência sobre a formação de um poeta. Mas a verdade é que me sinto em grande escala devedor da música, do cinema e da pintura. Dos músicos. devo destacar Mozart, de quem descubro sinais até mesmo no aperfeiçoamento do meu caráter, e que poliu certas arestas do meu temperamento."

Fonte: SENNA, Homero. *República das letras*. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Murilo Monteiro Mendes

Nasceu em 13/05/1901, em Juiz de Fora, MG. Médico, notário e principalmente poeta, segundo ele mesmo, agraciado com duas verdadeiras revelações poéticas: a passagem do cometa Halley, em 1910 e sua fuga do interno em Niterói para ver, no Rio de Janeiro, as apresentações do dançarino russo Nijinski, em 1917. Integrante da Segunda Geração Modernista, seus primeiros poemas apareceram nos anos 1924-29 nas revistas modernistas, "Antropofagia" e "Verde". Seu primeiro livro, Poemas, foi publicado em 1930,

com o qual ganhou o prêmio Graça Aranha. No mesmo ano já saiu Bumba-meu-Poeta e, em 1933, História do Brasil. Por esta época, conheceu o artista plástico Ismael Nery, que muito o influenciou, levando-o, inclusive, a converter-se ao catolicismo. Nery morreu em 1934, deixando Mendes confuso e deprimido. Contudo, já em 1935, publicou com Jorge Lima, *Tempo e Eternidade*, poemas de inspiração católica. Até 1935, trabalhou como telegrafista e guarda-livros. Em 36 passou a exercer a função de Inspetor do Ensino Secundário do Distrito Federal e, dez anos mais tarde, assumiu o cargo de escrivão da 4ª Vara de Família do Rio de Janeiro. A partir daí escreve com regularidade: *A Poesia em Pânico* (1937); *O Visionário* (1941); *As metamorfoses* (1944); *Mundo enigma* e *O discípulo de Emaús* (1945); *Poesia liberdade* (1947); *Janela do caos* (1949), na França, numa edição especial com litografias de Francis Picabia; *Contemplanção de Ouro Preto* (1954); e, no mesmo ano, também na França, saiu *Office Humain*, antologia de poemas traduzidos para o francês. Passou a residir na Bélgica e na Holanda, entre 1953-56. Mudou-se para a Itália, em 1957, onde se tornou professor de Cultura Brasileira na Universidade de Roma e, depois, na Universidade de Pisa. A partir dessa época, sua poesia começou a ser traduzida e publicada na Itália, Espanha e Portugal. Em 1968, saiu: *A Idade do serrote*, poemas memorialistas. Dois anos mais tarde, publicou *Convergência*. Em 1972, recebeu o prêmio internacional de poesia Etna-Taormina e publicou *Poliedro*. No mesmo ano, veio ao Brasil pela última vez. Em 1973, saiu *Retratos-relâmpago*. O autor é dono de uma obra abundante sem perder a qualidade. Com imensa liberdade criadora e lírica, arrisca-se até no

surrealismo. Sua obra foi considerada hermética por boa parte da crítica. Começou pelo humor da poesia modernista, passando pelo catolicismo, o misticismo, o onírico e mesmo o insólito, sempre mantendo a plasticidade imagética. Até atingir uma objetividade que beira os fatos históricos, visto que apresenta paisagens carregadas de estilhaços e fragmentos da história. Sendo surrealista, precisa ser recomposto pelo leitor, para enfim, ser compreendido e querido. Faleceu em 13/08/1975, em Lisboa, deixando várias obras inéditas. Em 2001, para marcar o centenário de seu nascimento, o Centro de Estudos Murilo Mendes da UFJF realizou uma exposição de parte do acervo de artes plásticas e da biblioteca do poeta; foi criado o 1º Prêmio de Literatura Murilo Mendes e a editora Record reeditou cinco de suas obras: *Poesia liberdade*, *Tempo espanhol*, *Poemas*, *As metamorfoses* e *A idade do serrote*.

Octavio

Paz

“Penso que a canção sempre foi o sucedâneo, não da poesia, mas da poesia popular. Os poemas da Idade Média e da Renascença eram cantados por todo mundo. Foi no século XVIII que ocorreu o divórcio entre o falado e o escrito. Nesse sentido, a televisão, a cultura falada, em geral, a tradição falada – que pode prejudicar o romance, em uma certa medida, porque é uma arte da escritura – não prejudica a poesia, que é por natureza falada também. Um dos fenômenos positivos da situação social da poesia no fim deste século é a importância, na América sobretudo – e na Rússia igualmente – de recitais de poesia. Não é uma

herança do passado, mas algo de novo que se manifestou com a beat generation – Allen Guinsberg sobretudo. Qual é a grande tarefa da poesia moderna? Reconquistar o terreno perdido que abandonou à prosa. E para isso – reencontrar o ritmo e talvez também a linguagem popular – será preciso pelo menos uma geração. Baudelaire introduziu, foi o primeiro, a linguagem crítica – digamos a linguagem da cidade – no poema... Mas o romancista representa a aliança de duas faculdades bem distintas: de um lado a análise, a possibilidade de estudar ou de penetrar, de refletir sobre a interioridade do personagem. E de outro a síntese. Reunião difícil... O poeta é sobretudo sintético. No passado, aconteceu-lhe de escrever longos poemas que eram romances. Tasso e Ariosto escreveram romances em versos, Cervantes refez Ariosto em prosa, o que deu origem ao Dom Quixote. Para voltar à linguagem falada e não desesperar de seu casamento com a poesia, não percamos de vista os antecedentes – Na Espanha, com Lorca. Na França, o caso Prévert é interessante. Henri Michaux apreciava-o bastante”.

Fonte: Jornal do Fundo (de Cultura Econômica) (S.Paulo), n.1, ago. 1992

Octavio Paz Lozano

Nasceu em 31 de março de 1914, no México. Lutou ao lado dos republicanos na guerra civil espanhola. Considerava-se um liberal e costumava ironizar seus críticos chamando-os de “apologistas do totalitarismo”. Sua frase – “Cuba deixou de ser um bordel norte-americano para se transformar num quartel soviético” – ficou famosa no meio político. Além de

poeta, foi crítico literário e ensaísta. Seu livro *O labirinto da solidão* (1949) tem sua importância no México semelhante a que tem entre nós *Raízes do Brasil* ou *Casa grande e senzala*. Diversas vezes premiado, até receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1991, publicou obras destacadas na literatura latino-americana: *O arco e a lira*, *Signos em rotação*, *Pedra de sol*, *Convergências* etc. No seu último livro, *A dupla chama: o amor e o erotismo* (1994), aos 80 anos, fez uma análise poética da noção de amor. Seu interesse em aprofundar o erotismo na poesia não parou aí. Guardou consigo um livro para ser publicado postumamente: *Um mais além erótico: Sade* (1999). Faleceu em abril de 1998.

Otto

Maria

Carpeaux

"Nasci e vivi com música. Mas considero-me diletante, embora tenha adquirido, de entendido, o hábito de apreciar, na música, menos o efeito sentimental do que a estrutura temática e harmônica. Preferências: música eclesiástica dos séculos XVII e XVIII; as sonatas e as músicas de câmara de Beethoven; as óperas de Mozart; os lieder de Schubert; enfim, de Bach tudo"

Fonte: SENNA, Homero. *Republica das letras*. 3ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Otto Karpfren

Nasceu em Viena, Áustria, em 09/03/1900. Ensaísta, crítico literário e jornalista naturalizado brasileiro, doutourou-se em

filosofia e estudou matemática (em Liepzig); sociologia (em Paris); literatura (em Nápoles) e política (em Berlim); além de dedicar-se à música. Antes do nazismo, foi o homem de confiança de dois primeiros-ministros em Berlim, mas com a chegada de Hitler foi obrigado a tomar o caminho do exílio. Primeiro para Antuérpia, onde trabalha como jornalista na Gaset Van Antwerpen, o maior jornal belga de língua holandesa. Com a expansão do nazismo, sente-se inseguro na Europa e embarca para o Brasil em 1939 e muda seu sobrenome germânico Karpfen para o francês Carpeaux. Chegou aqui de "mala e cuia", com a mulher, sem conhecer nada do idioma e sem conhecidos, mas com uma enorme bagagem cultural. Falava e escrevia em mais de 10 idiomas e após um ano trabalhando como imigrante em fazendas do Paraná, aprende o português e rumo para São Paulo. Vivendo com dificuldades, vai sobrevivendo com a venda de alguns pertences, incluindo seus livros de arte. Em 1941 escreve uma carta ao crítico literário Álvaro Lins sobre um artigo de Eça de Queiroz e recebe como resposta um convite para trabalhar no Correio da Manhã (RJ). Inicia aí sua promissora carreira de crítico e ensaísta dos mais conceituados na literatura brasileira. Em 1942 naturalizou-se brasileiro e publica seu primeiro livro de ensaios: *Cinzas do purgatório*, revelando uma inteligência e uma erudição incomum na intelectualidade local. Logo foi trabalhar num lugar privilegiado para um autodidata interessado em conhecer melhor a cultura que abraçou: a Biblioteca da Faculdade Nacional de Filosofia (1942-1944). Em seguida foi dirigir a Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas (1944-1949), onde encontra tempo para publicar sua monumental *História da Literatura Ocidental* (1947), em oito volumes.. Com isso,

torna-se um dos pesos pesados da intelectualidade brasileira, assumindo o cargo de redator-editor do Correio da Manhã, em 1950. No ano seguinte publica a *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*, reunindo em ordem cronológica mais de 170 autores nacionais. A partir daí sua produção literária é intensa e variada, publicando regularmente ensaios, artigos político, crítica literária, etc. Seu trabalho na imprensa e a obra que deixou publicada constitui-se numa expressiva contribuição às nossas letras, dando um novo rumo à história da literatura brasileira. Principais livros: *Retratos e leituras* (1953); *Presenças* (1958); *Uma nova história da música* (1958); *Livros na mesa* (1960); *O Brasil no espelho do mundo* (1965); *As revoltas modernistas na literatura* (1968); *25 anos de literatura* (1968). Em 2005 foram publicados postumamente seus *Ensaio reunidos*, pela editora Top Books, em dois volumes. Faleceu em 03/02/1978.

Patativa do Assaré

“Tudo é muito bom o verso e a viola. Mas o verso é mais importante. Você já leu meu livro *Cante lá que eu canto cá?* Ninguém faz aquilo só com a viola”.

Fonte: O Globo, 15/07/2000 – Letícia Lins

Paulo

César

Pinheiro

"Há quem defenda que letra de música não é poesia. Mas isso é uma coisa discutível. Se a letra que o Chico Buarque faz não é poesia, aí eu paro de escrever. No meu livro inédito Poesia de Música eu tento mostrar que não existe diferença. Os versos podem ser lidos ou musicados. A poesia começou com os trovadores. Não começou escrita, mas cantada. Poesia e letra são irmãs, sempre andaram juntas. Existem letras que só funcionam dentro da melodia. E poemas que não soam bem quando musicados. Mas tudo é poesia... Eu comecei fazendo letras para músicas prontas. Como faço também melodias, meus versos são muito musicais. Então, muitas poesias que eu faço acabam sendo musicadas pelos meus parceiros. Mas eu gosto mais quando coloco letra na música que me mandam. Acho mais estimulante e trabalho mais desse jeito... O João Felício dos Santos foi um dos grandes mestres da literatura brasileira, autor de Ganga Zumba. O Câmara Cascudo também foi muito importante. Conheço muito a obra dos dois e muita coisa que tem no meu novo livro (Atabaques, Violas e Bambus) aprendi com eles. A parte dos negros com o João e a parte dos índios, com o Cascudo."

Fonte: Estado de Minas, 21/01/2001 - Jorge Fernando dos Santos

Paulo César Pinheiro

Nasceu no Rio de Janeiro, em 28/04/1949. Compositor e poeta, já no final da década de 1960, começou a destacar-se como letrista estabelecendo parcerias com Baden Powell, principalmente na voz de Elis Regina. Morava em Angra dos Reis RJ quando fez seus primeiros versos, e foi nessa cidade que conheceu João de Aquino, seu parceiro nas primeiras músicas. Com ele, compôs *Viagem*, em 1964. Um ano depois, Baden Powell, primo de João de Aquino, convidou-o para escrever letras para suas músicas. Uma delas, o samba *Lapinha* (1968), venceu a I Bienal do Samba, da TV Record, de São Paulo SP, e foi gravada por Elis Regina. Ainda em 1968, fez, com Francis Hime, *A grande ausente*, defendida por Taiguara no III FMPB, da TV Record, e classificada em sexto lugar, e participou do III FIC, da TV Globo, do Rio de Janeiro, com duas músicas – *Sagarana* (com João de Aquino), apresentada por Maria Odete, e *Anunciação* (com Francis Hime), interpretada pelo MPB-4. Concorreu ao IV FIC, em 1969, com *Sermão* (com Baden Powell) e, no ano seguinte, fez uma temporada de 15 dias em Paris, ao lado de Baden Powell. Em 1970 destacou-se com vários sucessos: Elis Regina gravou três músicas suas e de Baden Powell – *Samba do perdão*, *Quaquaraquaquá* e *Aviso aos navegantes*; e Elizeth Cardoso gravou *Refém da solidão* (com Baden Powell). Ainda em 1970, compôs 12 músicas para a trilha sonora da novela *O semideus*, da TV Globo, fez a trilha sonora para o filme *A vingança dos doze*, de Marcos Farias, e foi o responsável por roteiros de *shows* de Baden Powell. Em 1971, *E lá se vão meus anéis* (com Eduardo Gudin), defendida por Os Originais do Samba, venceu o IV Festival Universitário da Música Popular, da TV Tupi, do Rio de Janeiro. Participou, em 1972, do VII FIC, com *Diálogo* (com Baden Powell), música que ganhou festival na Espanha. Compôs músicas com Dori Caymmi para diversos filmes, entre eles *Tati, a garota*, de Bruno Barreto, em 1973. Compôs a música da peça *A teoria na prática é outra*, de Antônio Pedro, apresentada no Teatro Princesa Isabel, no Rio de Janeiro, em 1973. Em 1974, o MPB-4 gravou *Agora é Portela 74* (com Maurício Tapajós). Fez ainda, nesse ano, a

versão do musical *Pippin*, montado no Teatro Manchete, no Rio de Janeiro, e gravou seu primeiro LP, pela Odeon, apresentando-se como cantor. Em 1975-1976 participou com Márcia e Eduardo Gudin do show *O importante e que nossa emoção sobreviva*, levado no Teatro Oficina, que resultou num LP gravado ao vivo. Casou com a cantora mineira Clara Nunes em 1975. Compôs para a trilha sonora do filme *A Batalha dos Guararapes*, de Paulo Thiago (1978). Com Dori Caymmi, compôs *Pedrinho* e *Jabuticaba*, para a trilha do programa *Sítio do Pica-pau Amarelo*, da TV Globo. Fez a trilha sonora do programa *Ra-tim-bum*, da TV Cultura, compondo cinco músicas em parceria com Edu Lobo. Tem três livros de poemas editados: *Canto brasileiro* (1976), *Viola morena* (1982) e *Atabaques, violas e bambus* (2000). Alguns dos últimos CDs que foram lançados com letras do compositor são: *Parceria*, 1994, *Velas*, gravado ao vivo do show com João Nogueira, com 12 das parcerias dos dois; *Aboio*, 1995, *Saci*, CD do violonista e compositor Sérgio Santos, com 13 toadas, choros e sambas em parceria com este; *Tudo o que mais nos uniu*, 1996. *O som sagrado de Wilson das Neves*, 1997. Tem mais de 1000 músicas gravadas num universo de mais de 2000 composições. Em 2002, foi premiado, juntamente com Dori Caymmi, com um Grammy Latino na categoria de "Melhor Canção Brasileira". No ano seguinte ganhou o Prêmio Shell pelo CD *O Lamento do Samba*. Em 2008 decidiu escrever um romance e no ano seguinte surge *Pontal do Pilar*, acrescentando ritmo à arte de contar histórias. Seu lançamento mais recente é o livro *História das minhas canções* (2010), onde numa linguagem informal, como se batesse um papo com o leitor numa mesa de bar, desfiando deliciosas histórias que envolvem algumas de suas músicas mais conhecidas.

Pepetela

"É verdade (só escrevo ouvindo música). Ouço principalmente o violão de Baden Powell. Escrevo num computador e sinto muita falta do ruído da máquina de escrever. Sou datilógrafo mesmo, uso os dez dedos, e o ruído contínuo e sincopado da máquina de escrever era um suporte para meu trabalho. O silêncio do computador, no começo, atordoava-me. Descobri que a música instrumental ajudava a romper esse silêncio e, quase em seguida, descobri que Baden Powell me dá o ritmo sincopado, mágico e exato que preciso para escrever".

Fonte: O Estado de São Paulo, 02/11/1997 – Eric Nepomuceno

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos

Nasceu em Benguela, Angola, em 29/10/1941. Sociólogo e romancista dos mais prestigiados na literatura angolana. Integrante do MPLA-Movimento Popular para a Libertação de Angola desde 1963, é exilado na França e Argélia. Em 1975, logo após a independência, é nomeado Vice-Ministro da Educação no governo de Agostinho Neto. Grande parte da sua produção foi publicada após a independência, como de resto se passa com uma boa parte dos ficcionistas angolanos. Publicou *Muana puó* (1978), *As aventuras de Ngunga* (1979), *Mayombe* (1980), *O Cão e os calús* (1985), *Yaka* (1985), *Lueji, o nascimento dum império* (1990), *A geração da utopia* (1992), *O Desejo de Kianda* (1995), *Parábola do cágado velho* (1996), *A gloriosa família* (1997). A tematização da história imediata, social ou política, e antiga constitui a trama de quase todos os seus romances.

Em 1997 recebe o Prêmio Camões pelo conjunto de sua obra. Com efeito, digno de destaque para aquilo que deve ser o cânone literário são *Mayombe*, *A geração da utopia* e *Parábola do cágado velho*. Aqui Pepetela revela-se um importante arquiteto para o imaginário angolano. Licenciado em Sociologia, exerce a docência na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Luanda. Numa das suas entrevistas publicadas em livro, Pepetela revela as suas grandes preocupações com a formação da nação. E atribuía tal propensão e a recorrência do tema na sua obra ao fato de ter estudado Sociologia. Outros livros: *A montanha da água lilás* (2000), *Jaime Bunda, agente secreto* (2001), *Jaime Bunda e a morte do americano* (2003), *Predadores* (2005).

Raimundo

Carrero

“A música foi fundamental na minha formação cultural. Minha primeira manifestação no mundo foi tocando requinta. Em uma banda na cidade sertaneja de Salgueiro, com apenas oito anos. Acho que essa experiência seria fundamental na formação de qualquer pessoa, e principalmente de um artista. Mas o que não entendo até hoje é que aos 20 houve uma ruptura muito forte. Literalmente esqueci a música, coloquei-a no meu inconsciente. Comprei até um saxofone, tentei tocar depois, mas não acertei mais... Quando escrevo romance, o faço de acordo com os ritmos. É como se eu estivesse escrevendo uma partitura, uma melodia. A composição literária atende a uma necessidade do ouvido e da pulsação. Mas também me preocupa a visão de divindade”.

Fonte: O Globo, 27/11/1999 – Letícia Lins

Raimundo

Carrero

Nasceu em Salgueiro, PE, em 20/12/1947. Jornalista, crítico literário, e escritor. Como jornalista, trabalhou no rádio, televisão e jornal Diário de Pernambuco durante 25 anos, tendo exercido vários cargos, como os de crítico literário e editor nacional. Foi assessor de imprensa da Fundação Joaquim Nabuco e da Universidade Federal de Pernambuco. Integrou o Conselho Municipal (Recife) de Cultura durante oito anos e o Movimento de Cultura Popular. Foi aí que conheceu e conviveu com Ariano Suassuna, de quem recebeu influências literárias. Até 1998, foi presidente da Fundação de Patrimônio Artístico e Histórico de Pernambuco (Fundarpe). Em 2004, foi eleito para a Academia Pernambucana de Letras, tomando posse em 20 de janeiro de 2005. Em 1975 publicou seu primeiro livro: *A história de Bernarda Soledade: a tigre do sertão*, que teve ótima repercussão mesmo fora de Pernambuco. Nunca quis trocar Recife por Rio ou São Paulo, o que fez sua literatura não ficar tão conhecida quanto mereceria – e o obrigou a combater por muito tempo o rótulo de regionalista que todos os escritores nordestinos costumam ganhar, embora sua obra não tenha nenhum traço do gênero. Em compensação, tornou-se muito popular em seu estado, promovendo concorridíssimas oficinas literárias. Seu livro *Somos pedras que se consomem* (1995) ganhou os prêmios Machado de Assis e APCA e foi incluído entre os dez melhores livros de 1995, escolhidos pelo jornal O Globo, e entre as dez melhores obras de ficção de 1995, selecionadas pelo Jornal

do Brasil. Em 1999 lançou *As sombrias ruínas da alma*, sendo agraciado pelo Premio Jabuti. Em 2005 lançou *Os segredos da ficção: um guia na arte de escrever narrativas*, uma espécie de manual de orientação adotado pela sua Oficina Literária, no Recife. Atualmente está publicando um romance - *Uma menina morte, e estava nua* - em capítulos no seu site www.raimundocarrero.com.br

Robert

Creeley

“Poesia é uma linguagem complexa limitada ao alto pela música e abaixo pela fala.... O *complexa* significa abrangente. A poesia vai desde a fala até a música. As palavras são públicas. Mas o poeta as usa de forma diferente. É como um prédio de apartamentos. Tem vários andares. A poesia tem vários níveis. A língua como significado, expressões idiomática, tudo combinado produz música. No final, o ideal é que todos se lembrem do poema, não do poeta... Poesia é construção de palavras que produz música... A música influencia minha obra – particularmente o estresse e a improvisação do jazz. A poesia concreta não é minha forma de expressão. Não me entusiasma”.

Fonte: Correio Braziliense, 14/05/1996 – Dad Squarisi

Robert Creeley

Nasceu em 21/05/1926, em Arlington, EUA.05) Poeta e professor universitário, considerado por muitos como

um dos maiores poetas da atualidade norte-americana. Um dos membros da geração conhecida como "poetas da Black Mountain" que floresceu nos anos 50 e 60, também foi fortemente relacionado aos poetas da Geração Beat. Desde a publicação da sua antologia *For Love: Poems 1950-1960*, em 1962, teve mais influência que qualquer poeta seu contemporâneo sobre as gerações seguintes, tendo inspirado o movimento da poesia L=A=N=G=U=A=G=E nos Estados Unidos. Foi um dos fundadores da teoria do chamado "verso projetivo", onde privilegia em sua poesia a percepção das coisas e dos ritmos da fala, reinventando o cotidiano. Autor de uma poesia minimalista e lacônica, direta e espontânea, usa, além dos ritmos naturais da fala, linhas determinadas para pausas na respiração. O poeta explica o laconismo de sua poesia pelo longo tempo em que exerceu atividades rurais. Segundo o poeta e editor Douglas Messerli "...o que interessa em Creeley é sua linguagem e o modo como lê (palavra falada) seus poemas, mais do que seus temas, que, geralmente, tem a ver com a história e com a sexualidade. É bastante evidente o impacto de sua poesia sobre os poetas mais novos." Em 1996 esteve no Brasil, e proferiu uma palestra na Casa Thomas Jefferson, em Brasília. Obras: *Words* (1967), *Thirty things* (1974), *Later* (1979), *Echoes* (1982), *Mirrors* (1983), *Memories* (1984), *Windows* (1990). Faleceu em 30/03/2005.

Salman

Rushdie

"As pessoas esquecem que minha vida, na realidade, não teve quase nada a ver com as forças do islamismo internacional, sabe o que quero dizer? Na realidade, já conheci muitos músicos. Essa foi uma das coisas que me fez sentir que eu podia escrever esse livro (*O chão que ela pisa*) sem tropeçar e levar um tombo. Já conheci Lou Reed, já estive com Paul Simon, já passei um fim-de-semana com os Everly Brothers que vai ficar na história. Bem, na realidade foi com Dom Everly. Você tem que escolher com qual dos irmãos Everly vai ficar - eles não se falam."

Fonte: Folha de São Paulo, 15/05/1999 - Cassiano Elek Machado

Salman

Rushdie

Nasceu em 19/06/1947, em Bombaim, Índia. Ensaísta, ex-publicitário e romancista, tornou-se famoso e conhecido em todo o mundo após a publicação, em 1989, do livro *Versos Satânicos* (Cia. das Letras). O livro causou controvérsia no mundo islâmico, em razão de sua descrição considerada ofensiva ao profeta Maomé. O Aiatolá Khomeini considerou o livro uma blasfêmia contra o Islão e decretou uma "fatwa" ordenando a sua execução por qualquer "muçulmano zeloso" em qualquer parte do mundo. A partir daí, o autor passou dez anos foragido, escondendo-se em alguns países da Europa e só voltou a ter vida pública em 1999. No entanto, ele já era um conhecido e premiado antes dessa sentença de morte. Em 1981 recebeu o Booker Prize e em 1993 o Booker

of Booker Prize com o romance *Os filhos da meia-noite* (Cia. das Letras, 2006). O seu estilo narrativo, mesclando o mito e a fantasia com a vida real, tem sido considerado como uma variante do "realismo mágico". Com o seu primeiro romance pós-fatwa intitulado *O último suspiro do mouro* (Cia. das Letras, 1996) foi vencedor do Prêmio Whitebread. A fim de explicar ao seu filho porque foi condenado e perdeu a liberdade de expressão, escreveu em 1990 o livro infanto-juvenil *Haroun e o mar de estórias* (Cia. das Letras, 1998). Recentemente foi condecorado como Cavaleiro do Império Britânico, recebendo da Rainha da Inglaterra o título de "Sir", o que acirrou mais ainda o ódio dos muçulmanos. Exceto *O mágico de Oz* (Rocco, 1990), seus livros são traduzidos e lançados no Brasil pela Companhia das Letras: *Cruze esta linha: ensaios e artigos 1992-2002*. *A feiticeira de Florença* (2008), *Vergonha* (2010), *Luka e o fogo da vida* (2010).

Schiller

"A ópera, graças ao poder da música, afina o sentimento e torna-o apto a bem receber impressões de beleza; aqui o próprio patético se sente à vontade para se exprimir, porque a música o ajuda e o maravilhoso, tão difícil de traduzir no palco, encontra finalmente a forma teatral que lhe convém".

Fonte: <http://www.meloteca.com/citacoes-literatura.htm>
(25/11/2009)

Johann Christoph Friedrich von Schiller

Nasceu em 10/11/1759, em Marbach am die Neckar, Alemanha. Poeta, dramaturgo e filósofo. Na juventude viveu sob uma ditadura do regime militar e foi influenciado pelas leituras de Russeau e dos poetas do movimento "Sturm und Drang", fatos que deixou extravasar em sua primeira obra, a peça *Os assaltantes* (1778), considerada um dos mais importantes dramas do teatro alemão no século XVIII. Em 1785 concluiu o poema histórico *Don Carlos, Infant von Spanien*, onde revela o conflito entre o Rei Felipe II e seu filho (Dom Carlos), que ama sua madrastra, a segunda mulher de seu pai. Em 1789 publicou um longo poema - *Die kustler (O artista)* - sobre o papel das artes como grande força civilizadora. Nessas obras o leitor ou espectador é constantemente confrontado por um lado com a imagem de uma sociedade que sufoca toda iniciativa individual, e por outro com as dificuldades que enfrenta o indivíduo para manter a pureza de seus motivos e de seus objetivos. Mais tarde torna-se amigo de Goethe, que fora atraído pelos seus poemas e torna-se colaborador de seu jornal "Die Horen". A pesquisa histórica que fez na preparação do *Dom Carlos* levou-o a interessar-se pela História e publicar, em 1788, o primeiro volume de *Geschichte des Abfalls des vereinigten Niederlande von der spanischen Regierung*, o que lhe valeu o lugar de professor na Universidade de Jena, obtido em 1789 por influência de Goethe. Escreveu em seguida *Geschichte des dreisssgjahrigen Krieges (História da Guerra dos Trintra Anos)*. Em 1792 adoeceu e recebeu de dois beneméritos nobres holandeses recursos para se tratar e se manter, e enquanto tentava recuperar a saúde entregou-se a leituras de filosofia, como *Kritik der Urteilskraft (Crítica do Juízo)*, de Kant, que acabava de ser publicado. De 1793 a 1801 escreveu vários ensaios tentando definir a atividade estética,

sua função social e suas relações com a moral. Com fundamento no pensamento de Kant, desenvolveu uma teoria da "educação estética", a ser possível por efeito de um equilíbrio entre a dominação da inteligência e a dominação dos sentidos. De acordo com ele, a tragédia materializa a vitória moral do homem sobre seus instintos e seu egoísmo. Essas idéias aparecem não apenas nos ensaios que escreveu, mas também em seus poemas, como o *Das Ideal und das Leben (O ideal e a vida)*, de 1795, e em certa medida também nos dramas: *Wallenstein*, de 1798-1801, *Maria Stuart*, de 1800; *Die Jungfrau von Orleans (A jovem de Orleans)*, de 1801, e *Wilhelm Tell (Guilherme Tel)*", de 1804, seu último drama no qual exalta a luta do povo suíço para livrar-se da tirania. Faleceu em 09/05/1805.

Silviano

Santiago

"Esse é um tema que sempre me interessou. Minha tese de doutorado, que defendi há exatamente 30 anos na Sorbonne, em Paris, é sobre André Gide, em particular sobre os Moedeiros falsos. Neste livro Gide trabalha sobre a idéia do ponto e do contraponto, que é um conceito basicamente musical . Escrevi também um ensaio sobre o Contraponto, de Aldous Huxle, que é um livro inspirado na música de Bach. Os moedeiros falsos e Contraponto foram publicados praticamente na mesma época, em 1925 e 1926 e ambos tomam de empréstimo as teorias da arte da fuga desenvolvida por Bach. Tenho, por fim um estudo sobre o romance Caminhos cruzados, de Érico Veríssimo, publicado em 1936 e escrito dentro de técnica semelhante".

Fonte: O Estado de São Paulo, 14/12/1996 - José Castello

Silviano

Santiago

Nasceu em Formiga, M.G., em 29/09/1936. Escritor, poeta, professor, tradutor, ensaísta e crítico literário dos mais destacados na literatura brasileira. Começou a escrever na "Revista de Cinema", com um artigo sobre os musicais norte-americanos. Em 1955 ajudou a publicar a revista "Complemento", onde apareceu seu primeiro conto: Os velhos. Em 1959, formou-se em Letras Neolatinas. Sua estréia literária em livro se dá com *4 poetas* (1960). Já no Rio de Janeiro, começa a se especializar em literatura francesa, o que o levará ao doutorado na Universidade de Paris, Sorbonne, onde defende tese sobre André Gide. A partir daí vira professor profissional e passa a dar aulas nas universidades de New Mexico, Rutgers, Toronto, New York at Bufafalo e Indiana. No Brasil, lecionou na PUC do Rio de Janeiro na Universidade Federal Fluminense, até se aposentar. Em 1985 publica suas traduções para os poemas de Jacques Prévert e dez anos depois, traduz *Por que amo Barthes*, de Alain Robbe-Grillet. Ao completar 61 anos, sua importância na vida intelectual do país foi reconhecida numa homenagem publicada em conjunto por três editoras universitárias: *Navegar é preciso, viver... Escritos para Silviano Santiago*. Uma coletânea de textos escritos pelos amigos e colegas. Pessoas como Autran Dourado, Antonio Torres, Marisa Lajolo e Francisco Iglésias deixaram registrados lá seus depoimentos. Principais obras nos gêneros romance e contos: *O banquete* (1970); *O olhar* (1974); *Em liberdade* (1981); *Stella Manhattan* (1985); *Uma história de família* (1992); *Viagem ao México* (1995). No

gênero poesia, temos: *Salto* (1970); *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (1978) e *Cheiro forte* (1993). No gênero ensaio e memórias, destacam-se: *Viagem ao México* (1997); *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural* (2004); *O falso mentiroso: memórias* (2004); *As raízes e o labirinto da América Latina* (2006); *A vida como literatura: o amanuense belmiro* (2006) Seu livro mais recente é o romance *Heranças* (2008), com o qual ganhou o Prêmio de Ficção da Academia Brasileira de Letras em 2009.

Toni

Belloto

"O ritmo é fundamental para tudo, né? Para respirar, para transar... Sem ritmo não se vai a lugar algum. Mas isso você tem ou não tem. É como jogar futebol ou dançar samba. Se você não tem aquela coisa no sangue, danou-se. Agora, é preciso vivência. Escrever é um ato racional, solitário e que exige muita disciplina e concentração. Diferente da música nesse sentido. Mais do que a música, é a minha experiência de vida como um todo (na qual a minha música está englobada) que determina os ritmos e as pulsações da minha literatura".

Fonte: Domingo (revista do Jornal do Brasil), 01/03/1998 – Patrícia Melo

"A paixão pela música e pela literatura caminharam juntas. Mas a profissão de guitarrista surgiu antes do escritor. Na

juventude, eu não conseguia ter disciplina para levar a escrita a sério. Eu até tinha vontade de escrever, mas não tinha concentração. Quando comecei a escrever, eu já era um guitarrista experiente, com mais de 30 anos... Quando escrevi meu primeiro livro, mandei o manuscrito para o editor como um livro do guitarrista dos Titãs. Se eu tivesse mandado como um autor desconhecido, talvez ele nem tivesse lido. Isso é o que muitas vezes acontece, já que as editoras recebem pilhas de originais. Mas existem aqueles críticos acadêmicos que não vêem o meu trabalho com bons olhos justamente porque sou músico. Existe nisso um cerco preconceito."

Fonte: Estado de Minas, 15/04/2001 - Jorge Fernando dos Santos

Antonio Carlos Liberalli Belotto

Nasceu em 30/06/1960, em São Paulo (SP). Músico e escritor, guitarrista e compositor da banda Titãs. Depois de ler uma reportagem sobre Jimi Hendrix, em 1970, decidiu o que seria quando crescesse: guitarrista de rock. Em seguida passou a dividir a paixão pelo rock com a literatura. A paixão por livros que carregava desde a infância aflorou para valer nas primeiras férias longas dos Titãs, em 1994. Admirador de romances policiais, Belotto lançou em 1995, pela Editora Cia. das Letras, seu primeiro livro, *Bellini e a Esfinge*, a história de um detetive que vive no submundo de São Paulo. Dois anos depois, o personagem reapareceu numa segunda trama, *Bellini e o Demônio*. Na televisão, começou a apresentar em 1999, na TV Futura, o programa "*fiando a Língua*", uma informal aula eletrônica de português. Em 2001, o guitarrista-escritor deu duas tacadas literárias de

uma só vez: lançou o romance policial *BR 163 – Duas Histórias na Estrada* e, para o público infanto-juvenil, *O livro do guitarrista*, com dicas, discografia e curiosidades sobre a história do rock. Em 2001, a primeira aventura de Bellini foi adaptada para o cinema e ganhou prêmio do público. Em 2010, o diretor Marcelo Galvão adaptou o segundo livro, *Bellini e o demônio*, para o cinema.

Victor Hugo

“A música é o verbo do futuro”

“A música está em tudo. Do mundo sai um hino”

“A música é o barulho que pensa”

Fonte:

<http://www.imotion.com.br/frases/?tag=m%C3%BAfica&page=2>

Victor Hugo

Nasceu em 26/02/1802, em Besançon, França. Escritor, dramaturgo e poeta com destacada atuação política. Em 1819 fundou, com os seus irmãos, uma revista - "Conservateur Littéraire" - e no mesmo ano ganhou o concurso da Académie des Jeux Floraux, instituição literária francesa fundada no século 14. Aos 20 anos publicou uma reunião de poemas, *Odes e Poesias Diversas*, mas foi o prefácio de sua peça teatral *Cromwell* (1827) que o projetou como líder do movimento romântico na França. O período 1829-1843 foi o mais produtivo da carreira do escritor. Seu grande romance histórico *O Corcunda de Notre*

Dame (1831), o conduziu à Academia Francesa, em 1841. Criado no espírito da monarquia, o escritor acabou se tornado favorável a uma democracia liberal e humanitária. Eleito deputado da Segunda República, em 1848, apoiou a candidatura do príncipe Luís Napoleão, mas se exilou após o golpe de Estado que este deu em dezembro de 1851, tornando-se imperador. Hugo condenou-o vigorosamente por razões morais em *Histoire d'un Crime*. Durante o Segundo Império, em oposição a Napoleão 3º, viveu em exílio em Jersey, Guernsey e Bruxelas. Foi um dos poucos a recusar a anistia decidida algum tempo depois. A morte da sua filha, Leopoldina, afogada por acidente no Sena, junto com o marido, fez com que o escritor se deixasse levar por experiências espíritas relatadas na obra *Les Tables Tournantes de Jersey*. A partir de 1849, Passou a se dedicar mais à política, à religião e à filosofia humana e social. Reformista, desejava mudar a sociedade, mas não mudar de sociedade. Em 1870 Hugo retornou a França e reatou sua carreira política. Foi eleito primeiro para a Assembléia Nacional, e mais tarde para o Senado. Não aderiu à Comuna de Paris, mas defendeu a anistia aos seus integrantes. Suas obras principais, além de *O corcunda de Notre Dame* e *Os miseráveis* (1862), foram: *Os trabalhadores do mar* (1866), *O homem que ri* (1869), *Noventa e três* (1874), *Actes ert paroles* (1875), *Histoire d'un crime* (1878), *Torquemada* (1882), *L'Archipel de la Manche* (1883) além de diversas obras póstumas. De acordo com seu último desejo, foi enterrado em um caixão humilde no Panthéon, após ter ficado vários dias exposto sob o Arco do Triunfo. Quando morreu, em 22/05/1885, as prostitutas de Paris ficaram de luto

Marcus Vinicius da Cruz de Melo Moraes

Nasceu em 19/10/1913, na cidade do Rio de Janeiro. Poeta, compositor, intérprete e diplomata, é um dos poetas mais conhecidos do Brasil. Escreveu seu primeiro poema aos sete anos. Fez curso de Direito no Rio e de Literatura Inglesa em Oxford. Ingressou na carreira diplomática, por concurso, em 1943, tendo servido como vice-cônsul em Los Angeles (1947-50), o que abriu sua temática, posteriormente enriquecida pelo seu interesse em teatro e cinema. Serviu também em Paris (duas vezes) e Montevidéu. Interessado em cinema desde estudante, foi crítico e censor cinematográfico. Como delegado brasileiro, participou de vários festivais internacionais de cinema (Cannes, Berlim, Locarno, Veneza e Punta del Leste) e, em 1966, foi membro do Júri Internacional de Cannes). Aos 19 anos publica seu primeiro livro de versos, *Caminho para a Distância*, e aos 22, *Forma e Exegese* (ganhador do Prêmio Felipe d'Oliveira de 1935). Em 1936 sai *Ariana, a Mulher*, que é o apogeu de sua primeira fase, impregnada de sentido místico. Começou então a usar uma sintaxe mais popular, e sua lírica se carrega de sensualismo a partir de *Cinco Elegias* (1938) e *Poemas, Sonetos e Baladas* (1948), enriquecendo-se depois com temas de sentido social. Publica também *Livro de Sonetos, Procura-se uma Rosa e Para Viver um Grande Amor*. O lirismo (muitas vezes sensual) é a sua marca registrada. Seu drama *Orfeu da Conceição* (1953), montado para o teatro em 1956 e transposto para o cinema por Marcel Camus em 1959 (como *Orfeu Negro*), ganhou neste ano a Palma de Ouro do Festival de Cannes e o Oscar de Hollywood como o melhor filme estrangeiro. Na década de 60 junta-se

a jovens músicos no movimento conhecido como Bossa Nova, mesclando elementos de samba e jazz. Compôs, junto com Tom Jobim, a música *Garota de Ipanema*, símbolo de uma época. Uma grande quantidade de poemas seus foi posteriormente musicada. Em 1968 abandona a diplomacia e passa a se dedicar mais à música, formando parcerias com Baden Powell, Carlos Lyra e Francis Hime. Em seguida toma o cantor Toquinho como parceiro, chegando a formar uma dupla, que permaneceu até seu falecimento em 09/07/1980.

Voltaire

"A poesia é a música da alma, e, sobretudo, de almas grandes e sentimentais".

"É tão impossível traduzir a poesia como é traduzir a música".

Fonte:

<http://www.imotion.com.br/frases/?tag=m%C3%BAsica&page=5>

François-Marie

Arouet

Nasceu em 21/11/1694, em Paris, França. Escritor, dramaturgo e filósofo conhecido pela sua perspicácia e espirituosidade na defesa das liberdades civis. É uma dentre muitas figuras do Iluminismo cujas obras e idéias influenciaram pensadores importantes tanto da Revolução Francesa quanto da Americana. Nascido em uma abastada família burguesa, fez seus estudos com os jesuítas, no Colégio Louis-le-Grand, em Paris. Em 1718, alcançou grande sucesso com a tragédia *Édipo*. Contudo, por ter insultado um

nobre, o duque de Rohan-Chabot, foi encarcerado na Bastilha, em 1726, e mais tarde libertado, mas sob a condição de que partisse para o exílio. Assim, passa três anos na Inglaterra, quando, além de frequentar a aristocracia e a intelectualidade inglesas, se familiariza com as ideias do Iluminismo. Retorna a Paris em 1729, mas sua obra *Cartas filosóficas* (ou *Cartas sobre os ingleses*), em que faz elogios à tolerância religiosa e à liberdade cultural e política na Inglaterra, é condenada pelas autoridades, o que o obriga a se refugir no castelo de Cirey, onde passa dez anos escrevendo e estudando (inclusive a física de Newton), ao lado da marquesa du Châtelet, sua amante, mulher espirituosa e erudita. De volta à Paris em 1744, é eleito para a Academia Francesa em 1746, quando é introduzido na corte por Madame de Pompadour, amante do rei. Muda-se, em 1750, para Potsdam, depois de aceitar o convite de Frederico 2º, da Prússia. Três anos mais tarde, no entanto, após um conflito com o rei, retira-se para uma casa perto de Genebra. Hábil homem de negócios, com a fortuna adquirida inclusive por meio de especulações na Bolsa compra o castelo e a fazenda Ferney, nas proximidades de Genebra, onde instala fábricas de tecidos de seda e de relógios. Torna-se milionário. E graças à independência financeira, passa a intervir em casos de intolerância religiosa. Não seria exagero dizer que foi o homem mais influente do século 18. Seus livros eram lidos por toda a Europa e vários monarcas pediram seus conselhos. Deixou uma obra que reúne cerca de 70 volumes. *O século de Luís 14* (1751), por exemplo, é a primeira obra de historiografia que inclui a história da cultura, das letras e das artes. E o *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações* (1756), obra de erudição incrível, é a primeira tentativa de uma história universal do ponto de vista do liberalismo religioso e político. Nenhum de seus livros, contudo, supera, em espiritualidade, o *Cartas filosóficas*, em que a vivacidade das comparações entre a liberdade inglesa e o atraso da França é irresistível. Propagandeou os ideais iluministas em todos os seus livros, mas principalmente nos romances como *Zadig ou o destino*

(1748), *Micrômegas* (1752) e, sua obra-prima, *Cândido, ou o otimismo* (1759), e no seu radical *Dicionário filosófico* (1764). Defensor da burguesia, foi um dos principais inspiradores da Revolução Francesa, movimento que realizou suas idéias anticlericais e de igualdade perante a lei. Em fevereiro de 1778, Voltaire finalmente retornou a Paris, onde foi amplamente festejado, morrendo logo depois em 30/05/1778.

William Borroughs

"A música se presta mais ao "cutup" (1) do que qualquer outro veículo. Uma mistura de harmonias é, num certo sentido, um "cutup", um recorte, e asta um pulo para se chegar lá. É claro que John Cage, Earle Brown e muitos compositores vêm utilizando esta técnica, muito antes de Brion enunciá-la como ponte da pintura para a literatura".

Fonte: O Nacional (R.Janeiro), 5-11/01/1988 - Robert Palmer

(1) Seu processo de escrita, conhecido como "Cutup" era parecido com a técnica utilizada em montagens cinematográficas, e consistia na justaposição de materiais diversos numa nova estrutura que altera o significado de cada um deles, em função do novo contexto.

William

Seward

Borroughs

Nasceu em Saint Louis, EUA, em 05/02/1914. Escritor, pintor e crítico social, viajou extensamente pela Europa e

retomando depois aos Estados Unidos, trabalhou em várias ocupações - entre elas, as de detetive, exterminador de ratos e barman. Posteriormente diplomou-se em literatura inglesa pela Harvard, mas não alimentava simpatia alguma com o ambiente acadêmico. Viveu no México, em Tânger (Marrocos), em Londres e Paris. Seu primeiro livro (publicado com o pseudônimo de Will Lee) foi *Junkie (Junkie: confessions of an unredeemed drug addict, 1953)*. Apesar de fazer parte da geração beat, seus livros têm pouco em comum com restante desses autores. Sua linguagem diferenciada provém de fluxos de consciência durante o uso de alucinógenos. Foi um dos pioneiros da literatura experimental, tanto no universo léxico escatológico, urbano, comum e absurdo como no consumo de drogas para produção subjetiva de textos. Seu processo de escrita, conhecido como "Cutup" era parecido com a técnica utilizada em montagens cinematográficas, e consistia na justaposição de materiais diversos numa nova estrutura que altera o significado de cada um deles, em função do novo contexto. Sua obra mais conhecida é *Almoço nu (Naked Lunch, 1959)*, que Robert Lowell chamou de "um inteiramente sério e poderoso, tão bom quanto qualquer outro escrito por um escritor beat em prosa ou poesia, e um dos livros mais vivos escrito por qualquer americano nos últimos anos". Mary McCarthy o descreveu como "o escritor do século que mais profundamente abalou os cognoscenti da literatura". Norman Mailt considera "o único romancista americano vivo atualmente que se pode imaginar possuído de gênio". Outras obras de William Burroughs incluem *The Exterminator* (em parceria, com Byron Gysin, 1960), *The soft machine* (1961), *The ticket that expio* (1962), *Cartas do Yagé (The Yage*

Letters) 1963, em parceria com Allen Ginsberg, expando suas experiências alucinógenas com a *Ahyuasca* e *Nova express* (1964). Muita atenção tem sido dispensada aos esforços de Burroughs em aplicar à literatura as técnicas mais avançadas da pintura, da música e do cinema. Marshall McLuhan o considera único no sentido de que "ele está tentando reproduzir em prosa aquilo que aceitamos todos os dias como sendo um lugar-comum da vida na era da eletricidade". Faleceu em 02/08/1997.

William

Faulkner

"Eu diria que a música é o meio mais fácil para se expressar alguma coisa, já que surgiu antes, na história e na experiência do homem, Mas como as palavras são o meu dom, tenho que tentar expressar canhestramente em palavras o que a pura música faria melhor. Isto é a música expressaria de modo melhor e mais simples, mas eu prefiro usar palavras, assim como prefiro ler a ouvir. Prefiro o silêncio ao som, e a imagem produzida por palavras transcorre em silêncio. Isto é, o estrondo e a música da prosa se processam em silêncio."

Fonte: *Os escritores: as históricas entrevistas da Paris Review*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988

William Harrison Falkner

Nasceu em 25 de setembro de 1897, em New Albany, no Mississippi, EUA. Oriundo de famílias poderosas do sul do país, arruinadas pela Guerra Civil. Seu bisavô, o coronel

William Faulkner, foi construtor de estradas de ferro. Sua obra reflete exatamente isso, a melancólica decadência do sul. Seu contato inicial com as letras se deu como jornalista da revista experimental "The Double-Dealer", na qual publicava artigos e poemas ao mesmo tempo que se exercitava como escritor. Seu primeiro romance – *Soldier's pay* – é de 1926. Em 1929 se estabeleceu como escritor refinado com dois romances: *Sartoris*, que iniciou o ciclo de *Yoknapatawpha*, e *O som e a fúria*, sua obra-prima, em que combina técnicas experimentais de narração e violência psicológica. Mas ainda não ganhava dinheiro com literatura, e como precisava se sustentar, resolveu escrever *Sanctuary* (1931). Em seguida, tornou-se roteirista dos estúdios de Hollywood e lá teve algumas de suas obras adaptadas para o cinema. Em 1949 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Ganhou também por duas vezes o National Book Award com *A fable* (1951) e suas *Collected stories* (1955). A partir daí, seguiram-se vários romances: *Luz de agosto* (1932), *Absalão, Absalão!* (1936), *The unvanquished* (1938), *Palmeiras selvagens* (1939) e *The Hamlet* (1940). Conta-se que certa vez perguntaram-lhe se seus romances não tinham começo meio e fim. "Têm, sim, mas não necessariamente nessa ordem", foi a resposta. Em agosto de 1954, esteve em São Paulo a serviço do governo norte-americano. Num encontro com intelectuais paulistas, foi apresentado à Lygia Fagundes Telles, uma jovem contista. Faulkner fitou-a olhos nos olhos e, entusiasmado, disparou: "Se seus contos forem tão bonitos quanto seus olhos, a senhora certamente é uma grande escritora". Faleceu em 6 de julho de 1962.

W.H.

Auden

"Pode-se falar em 'música' verbal, contanto que se lembre que o som das palavras é inseparável de seu significado. As notas na música não denotam nada... Ao escrever letras de música, é preciso lembrar que, provavelmente, apenas uma palavra em cada três será ouvida. Então, deve-se evitar imagens complicadas. São adequados verbos de movimento, interjeições, listagens e substantivos como lua, mar amor, morte... O problema de escrever o tema das Nações Unidas, no qual não se pode ofender nenhuma concepção do homem, de natureza, do mundo, foi evitar os clichês mais batidos. Decidi que a única coisa a fazer era tornar todas as imagens musicais, pois a música, co contrário da língua, é internacional. Casals e eu trocamos cartas, e ele foi extremamente liberal quanto a alterar sua música se, como ocorreu uma ou duas vezes, se sentisse que ele havia acentuado sílabas de maneira incorreta".

Fonte: *Os escritores 2: as históricas entrevistas da Paris Review*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Wystan Hugh Auden

Nasceu em 21 de fevereiro de 1907, em York, Inglaterra. Poeta e professor de literatura. Seus primeiros livros foram *Poems* (1930), *The Orators* (1932), *Look, Strager!* (1936) e *On this land* (1937). Em 1938, passou a viver nos EUA, onde lecionou em muitas universidades, editou a antologia *The Oxford book of the light verse* (1938) e continuou a publicar poesia: *Another time* (1940), *New year letter* (1941), *The*

sea and the Mirror (1944) e *The age of the anxiety* (1947), pelo qual recebeu o Prêmio Pulitzer. Em 1955, recebeu o National Book Award, com o livro *The shield of Achilles*. No Brasil, teve publicada uma coletânea de seus poemas, em 1987, pela Companhia das Letras. Em toda sua obra, encontram-se uns poucos trabalhos em prosa: *The enchafed flood* (1950), *Making, knowing and judging* (1956) e *The dyer`s hand* (1962). Chegou a escrever libretos para óperas de Stravinsky, Hans Werner Henze e outros, em parceria com Chester Kallman, e é o autor do Hino das Nações Unidas. Sua poesia foi premiada diversas vezes: Prêmio Bolligen (1954), Prêmio Feltrinelli (1957), Guinness Poetry (1959) e National Medal for Literature (1967). Faleceu em Viena, em 28/09/1973.

AS LETRAS NA PAUTA

Jorge Fernando dos Santos

Música e literatura sempre andaram juntas, desde a antiguidade. O ritmo é parte integrante da escrita, mesmo quando não se trata de texto poético. Enquanto isso, ao longo da história, a poesia se fez presente na ópera, nos jogaais e na canção popular, cobrindo de redondilhas os acordes musicais.

Isso talvez explique o envolvimento de escritores com a música e de músicos com a literatura. Poetas clássicos tiveram versos musicados por compositores eruditos. Basta

lembrar a Ode à Alegria, de Schiller, pioneiramente incluída por Beethoven no quarto movimento de sua 9ª Sinfonia.

No século XX, o dramaturgo e poeta andaluz Federico García Lorca também se dedicou ao violão flamenco na mesma proporção em que o lusitano Fernando Pessoa teve poemas musicados por compositores de variados estilos. Grandes ficcionistas como os norte-americanos Paul Bowles e Ralph Ellison foram ligados ao mundo do jazz, enquanto o canadense Leonardo Cohen consagrou-se como poeta e compositor.

O fenômeno é universal, mas é no Brasil que ele toma dimensões qualitativa e quantitativamente admiráveis. Basta lembrar os poetas populares do Nordeste, dedicados à tradição do cordel e do coco de embolada. Patativa do Assaré, por exemplo, fez poemas e canções, tendo seus versos também musicados e interpretados por outros artistas.

Um dos primeiros a investigar a cultura musical brasileira foi o modernista Mário de Andrade. Influenciado por esse trabalho, ele compôs o clássico caipira Viola Quebrada, em parceria com Ary Kerney. Manuel Bandeira teve versos musicados por Villa-Lobos e, mais tarde, por Tom Jobim. Ferreira Gullar fez parcerias com Fagner, Milton Nascimento e Paulinho da Viola, além de incluir no Poema Sujo uma letra para O Trenzinho do Caipira, de Villa-Lobos. Drummond e Henriqueta Lisboa também tiveram poemas musicados por diversos compositores. Fernando Sabino era baterista nas horas vagas.

Contudo, o autor brasileiro que fez a grande travessia da poesia canônica para a canção popular foi Vinicius de Moraes. Pode-se dizer que sua contribuição ao cancioneiro

nacional foi mais determinante do que ao universo poético propriamente dito. Ao convidar Tom Jobim para compor a trilha do musical Orfeu da Conceição, o “poetinha” acabou se tornando um dos pais da Bossa Nova. O movimento mudaria para sempre os rumos da canção popular, influenciando músicos em vários países.

Herdeiros da arte de Vinicius, compositores como Aldir Blanc, Caetano Veloso, Chico Buarque, Fernando Brant, José Miguel Wisnik e Paulo César Pinheiro – também sob a influência de Guimarães Rosa – se renderam ao fascínio das letras, passando a escrever crônicas, ensaios, ficção e poesia, confirmando a vocação múltipla dos autores nacionais.

Neste livro, organizado pelo bibliotecário e bibliófilo José Domingos de Brito, o tema é fartamente abordado por dezenas de escritores de vários países. A publicação, que se acrescenta à coleção Mistérios da Criação Literária, é mais uma importante contribuição do site Tiro de Letra ao estudo da literatura e de sua relação com as outras artes em todo o mundo.

Jorge Fernando dos Santos

Compositor, escritor e jornalista atuante em Belo Horizonte.

VI. Menção Final

Parte II

BIBLIOGRAFIA

Antigamente, o termo “bibliografia” designava – e sua etimologia confirma – a feitura de um volume. Assim, “bibliógrafos” eram os copistas medievais que, através de cópias de ditado, compunham manualmente um livro. Logo vê-se que o termo surge numa época anterior ao surgimento do livro impresso. O emprego da palavra como conhecemos hoje, foi utilizado pela primeira vez por Luis Jacob em 1643. Antes disso, havia outros termos para designar uma lista de publicações: *catalogus*, *bibliotheca*, *index* ou *repertorium*.

Atualmente, a palavra “Bibliografia” tem um significado diferente e mais complexo, podendo ser enquadrado nas seguintes acepções: (1) como uma disciplina da biblioteconomia, dedicada ao registro e descrição de publicações; neste sentido é similar – não idêntica – a catalogação bibliográfica; (2) como erudição, significando o conhecimento dos livros, de seu valor intrínseco, do mérito de suas diversas edições; (3) como documentação, consistindo na relação de livros e publicações referentes a determinado assunto. É neste último sentido que o termo é mais conhecido popularmente.

Assim, o termo tem uma história, diversos significados e algumas conceituações, dentre as quais escolhemos uma que está mais de acordo com o trabalho ora realizado. Trata-se do conceito elaborado pela bibliotecária Louise-Noelle Malclés, da Universidade Sorbonne: "Bibliografia é o conhecimento de todos os textos publicados ou multigrafados. Fundamenta-se na pesquisa, identificação, descrição e classificação destes documentos com a finalidade de organizar serviços ou construir instrumentos destinados a facilitar o trabalho intelectual". Este conceito, formulado na década de 1960, ainda mantém sua validade.

Tais explicações são necessárias por duas razões: (1) resgatar o conceito de bibliografia, diante da atual vulgarização do termo, devido à "explosão da informação" ocorrida na década de 1979, e conseqüente facilidade de acesso aos acervos bibliográficos das principais instituições do mundo. Tal facilidade foi ampliada ao extremo com a Internet, permitindo a todos o acesso a uma infinidade de documentos. O fenômeno contribuiu para vulgarizar o termo, fazendo com que uma simples lista de livros sobre qualquer assunto venha a ser chamada de bibliografia; (2) diferenciar e caracterizar melhor esta que se inicia. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica exaustiva, que, no jargão biblioteconômico, significa buscar tudo o que existe sobre o assunto. Levamos aqui o "exaustivo" mais fundo ao levantarmos os depoimentos de quem faz, os textos de quem pensa e os estudos realizados na academia (teses e dissertações).

Vale também esclarecer que o resumo acrescido aos itens pesquisados é apenas uma descrição do conteúdo dos documentos, não entrando na análise qualitativa dos mesmos. Não se trata de um texto elaborado por especialistas na matéria e sim de uma orientação sobre o que pode ser encontrado, bem como sobre os métodos adotados na execução do estudo. Alguns destes textos foram colhidos a partir das "orelhas", contracapa e apresentação dos documentos. Por último cabe assinalar que a pesquisa apenas se inicia e deverá ser ampliada com alguns textos já localizados, mas ainda não obtidos, bem como das colaborações que esperamos dos leitores. Para isso, a pesquisa está sendo veiculada pela Internet, juntamente com o pedido de envio de textos (ou a referência bibliográfica) pertinentes relacionados direta ou indiretamente ao tema pesquisado. Assim, a pesquisa continua, feita coletivamente através da Internet pelos interessados em compartilhar a busca dos mistérios da criação literária.

1977

WISNIK, José Miguel. **O Coro dos Contrários: a música em torno da Semana de 22**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

(Incluir resumo)

1985

DAGHIAN, Carlos (org.). **Poesia e música**. São Paulo. Perspectiva, 1985.

Coletânea de oito ensaios sobre ritmo, poética e poesia de diversos autores que, direta e indiretamente, se valeram da música ou de teorias musicais para a expressão de seu pensamento crítico e para a sua criação artística: Mario de Andrade, Caetano Veloso, Jorge de Sena, Camilo Pessanha, Emily Dickinson, John Lennon e Paul McCartney. Sonetos, letras de canções e de balada, poemas, depoimentos e textos de reflexão estética são submetidos a exame cuidadoso para mostrar as relações entre som e sentido, ritmo e construção, fontes e influências de uma arte sobre a outra, bem como suas múltiplas implicações e sua presença dinâmica em vários movimentos e diferentes literaturas através de seus criadores. Conteúdo: 1-Antonio Manoel: A música na primeira poética de Mário de Andrade; 2-Hygia Therezinha Calmon Ferreira: E assim começou a viagem do argonauta Caetano Veloso; 3-Romildo Sant'Anna: Caetano: viagens e trilhos urbanos; 4-Romildo Sant'Anna: Sampa, uma parada; 5-Carmen Lúcia Zambon Firmino: A organização do ritmo nos sonetos de Camilo Pessanha; 6-Ana Maria Gottardi Leal: O ritmo fônico nos sonetos de Jorge de Sena; 7-Carlos Daghian: Musicalidade na poesia de Emily Dickinson: influências e repercussão; 8-Elzo A. Velani: "Eleanor Rigby": Leitura de uma balada popular moderna.

1989

WISNIK, José Miguel. **O Som e o Sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

(Incluir resumo)

SOPEÑA, Federico. **Música e literatura**. São Paulo: Editora Nerman, 1989.

Qualquer trabalho discreto sobre a ampla matéria que o título deste livro abrange será útil, em função da indigência do tema no panorama bibliográfico espanhol. Traduzir um livro "clássico" como o de Coeroy pode ter sido um primeiro passo. Desde a "Sociologia da Arte" se diz, e dizemos e defendemos, que esses temas necessitam surgir do exercício de uma "vocação compartilhada". Explico-me: não se trata de que um musicólogo acuda "instrumentalmente"   Literatura, amontoe fichas e nos d e uma "antologia de pensamentos sobre a música", ou vice-versa. Com essa t nica, e com a utiliza o do fácil aparato técnico, o livro surge com facilidade, porém não se trata de um livro de "cria o" que queira apresentar algumas anota es cuidadosamente feitas. Em compensa o, quando se parte para a comunidade de ambos os mundos de uma preocupa o central, de longo tempo de leitura "gratuita", de algo inseparável da própria vida do escritor, que não se exprime apenas escrevendo sobre música, o tom   diferente e essa sociologia nos dirá que diante da "introdu o escolar" surge outra, muito pessoal, porém de maior alcance. Isto   o que eu modestamente tento ao reunir meus trabalhos que, desde o primeiro, tinham a ilusão e o propósito de se encarnarem em livros. Não como hobby, mas como leitura "trabalhada", tenho estudado desde a minha mocidade esse gênero singular de "Memórias" e "Diários". Todos fomos e somos leitores e trabalhadores sobre o romance e, no meu caso, aí está o muito que escrevi sobre o nosso Gald s, porém acredito que todos necessitamos, como dialética interior, do ingresso nesse outro mundo que, ante a "cria o de mundos", apresenta, quer expressar, a "intimidade objetivada". Existe um ponto de partida human ssimo:   raro

o adolescente sem "diário" mais ou menos oculto, enquanto que o romance não se escreve, ele reside em sonhar desperto. Duplo ponto de partida porque a grande música romântica e, retroativamente, quase tudo por essa combinação constante de música e amor, música e melancolia, tem sua força nesse "acúmulo de idades" que é a nossa vida - sonho de amadurecer, nostalgia de infância perdida, volta a paixões de adolescência, cansaço de viver ou esforço com relação à "morte pessoal"; a música nos dá, uma e outra vez, o sonho da juventude. O anterior explica uma metade da razão deste trabalho: na expressão da intimidade dos "diários" e "memórias íntimas", a música nos escritores que realmente a vivem, é parte "constituente", não acrescentada, e de tal forma, que este livro não teria sido escrito sem a firme convicção de que a Musicologia se enriquece muito positivamente com algumas contribuições que nem o tratado, nem a crítica nem o estudo histórico podem proporcionar. Basta pensar, por exemplo, nesta paixão por Mozart de toda a linha existencialista detalhadamente estudada por mim em função de Kiekegaard. Já dentro da técnica de expressão, existe uma diferença abismal entre a resposta ba intimidade a uma música "vívuda" e a má técnica dos "argumentos" para explicar a música. Explicação da segunda metade: quase tudo o que foi recopilado aqui está escrito também tornando a citação parte do diário pessoal. Quase, sem quase, este livro poderia ter um subtítulo que fosse o irmão caçula dos subtítulos escolhidos por Julien Green para as diversas entregas do seu "Diário": "Escrito sempre à noite". É verdade: à noite e em sua maior parte longe, em viagem, colocado entre parênteses o duplo afã do gosto e do

desgosto da vida cotidiana, tanto no sacerdotal quanto na tarefa de músico. Na viagem para ouvir música, o concerto é "outra coisa": não se vai a ele com o tempo contado, com o corpo cansado, com os nervos tensos, mas sim vagarosamente, no gratíssimo anonimato, depois de museu ou de paisagem, sabendo, além do mais, que o esperado, chamando-se de ópera de Viena ou balé de Béjart ou concerto de Klemperer, tem garantia de grandeza. E depois, à noite, um livro, um só livro, e como eu os quero para recordação de viagem: usados e "abusados", com programas no meio, com anotações em chave ou sem ela para que, no dia seguinte, seja trabalho e descanso escrever no caderno de bolso. Escrito quase sempre à noite e com índole de "diário-diálogo". Explico-me também: em Viena, em Edimburgo, em Moscou, quantas vezes falei sozinho, pensando, para escrever depois, tendo diante de mim aqueles que mais mereciam ouvir essa música, esses pequenos grupos de universitários que juntam disco, livro e ilusão de partitura decifrada com titubeio comovedor. Nos festivais é muito frequente convidar os críticos com suas mulheres e o "pós-concerto" costuma ser um jantar em algum lugar divertido ou uma escapada a algum cassino (para o sociólogo: quase não há festival sem propaganda disso). Então o padre fica sozinho, e como a carta teria de ser circular e longa, resume o que prefere para aqueles de quem gosta mais. Sei por experiência própria que, graças à música, maníacos pelo disco, porém empedernidos engenheiros espanhóis, como Dámaso Alonso, entraram na Teologia de Barth ou no esoterismo de Kafka. A eles, em plural e em singular, porque são "grupo", dedico este livro. Finalmente, há uma certa intenção que poderia chamar de

"pedagógica": a preguiça ou, em outras palavras, a herdada incapacidade do espanhol para a expressão da intimidade. E por isso o espanhol figura neste livro como "quase apêndice". Apenas para a expressão? O falar tão alto, o prazer com o ruído, o desinteresse pela música, a rudeza epistolar, a moda de certo tipo de novela, a ausência de "diários" importantes, o fato das "Memórias" terem brotado quase que unicamente como consequência da recordação da guerra civil, a chuva sobre tudo isso do crescimento econômico desordenado, são um sinal claro não de falta de "técnica expressiva", mas sim de pobreza de intimidade, de uma permanente seca interior. É experiência de músico e de sacerdote, inseparavelmente. Reúno estes trabalhos, acrescento alguns inéditos e escrevo este prólogo no vigésimo quanto aniversário da minha primeira missa, e devo recordar que, durante anos e anos de trabalho na Igreja da Cidade Universitária, acreditei, preguei e tenho o seguinte certificado de fruto: juntar música, leitura, diálogo e "diário", enriquecer a intimidade, é tornar o espanhol "mais amoroso". Não existe outra defesa contra a sociedade de consumo porque é ao mesmo tempo fuga e regresso ao mundo: a riqueza de intimidade é sonho que exige encarnação. Porque até o tom da voz é diferente. (Prólogo).

1991

SENNA, Homero. **Os escritores e a música**. O Estado de São Paulo, 24/08/1991

Reportagem sobre o gosto musical de alguns escritores: André Gide, era pianista e deixou um livro sobre Chopin;

Romain Rolland escreveu um romance - Jean Christophe - narrando a vida de um compositor e tornou-se biógrafo de Beethoven; Érico Veríssimo tinha preferência por música de câmara, "especialmente o quarteto, que me dá a impressão de uma conversa inteligente entre quatro pessoas civilizadas"; Bernard Shaw achava que "there's nothing better in art than Mozart's best"; Aldous Huxley usou até um termo musical - Contraponto - como título de um de seus romances, que se desenrola entre considerações e comentários sobre duas peças musicais; Miguel Torga regista no vol. I do seu Diário: "Beethoven, um deus que viveu na terra por engano. Há exageros, como Gustavo Corção ao opinar sobre o Concerto para clarineta e orquestra em lá maior , K 622, de Mozart: "é certamente uma das coisas mais luminosas, mais belas, mais sobre-humanas deixadas pousadas, esquecidas poralgum anjo neste vale de lágrimas". O filósofo Ortega y Gasset vai mais longe. Numa reflexão sobre a capacidade de nossa alma voltar-se a si mesma, declara: "quando ouvimos a Romanza em fá, de Beethoven, ou outra música tipicamente romântica, gozamos dela concentrados 'hacia adentro'. Voltados, por assim dizer, de costas ao que acontece lá no violino, atentamos para o fluxo de emoções que suscita em nós. Não nos interessa a música por si mesma, e sim a repercussão mecânica em nós, e eriçada poeira sentimental que o som passageiro levanta em nosso interior. De certo modo, pois, gozamos não da música, e sim de nós mesmos. Em tal situação, a música vem a ser um mero pretexto, mola, comoção que põe em emanação os fluidos quentes de nossas emoções". Mas, também há os contras. Por incrível que pareça há quem não goste de música. Théophile Gautier, à quem Baudelaire

dedicou *Les fleurs du mal*, achava a música, um "ruído dispendioso"; e entre nós, João Cabral de Melo Neto considerava-a "o único barulho suportável".

1996

FONSECA, Aleilton. **Enredo romântico, música ao fundo. Manifestações lúdico-musicais no romance urbano do Romantismo**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

NESTROVSKI, Arthur. **Ironias da modernidade: ensaios sobre Literatura e Música**. São Paulo: Ética, 1996.

Escritores que não acreditam nas palavras; compositores que tentam bloquear o fluxo da música; críticos que, mais do que interpretar, dissolvem os textos; estéticas e cânones literários que incluem seu próprio questionamento. Esse universo borgiano não tem nada de surreal: é nele que a arte moderna vive desde seu início. É nele que, paradoxalmente, os textos reunidos neste livro encontram seu centro e sua coerência. Desde o ensaio Debussy e Poe, de 1986, seguido pelo estudo sobre a música em Joyce, na antologi riverrun - Ensaios sobre James Joyce (1992), Netrovski trabalha no cruzamento entre linguagem musical e literária. A superposição das duas perspectivas tem seu peso até quando o autor aborda separadamente temas relativos a uma ou a outra área, como na maioria dos ensaios deste livro. É uma posição, de fato, privilegiada: a partir do Romantismo, a linguagem começa a refletir sobre si mesma e, ao mesmo tempo, busca continuamente ir além de

si mesma, se confundir com as coisas. Daí sua ironia, no sentido forte do termo. Nenhuma palavra tem mais um significado óbvio, e nenhum som é desprovido de significado. Toda poesia é, no limite, poesia. O modernismo desdobrará os mesmos conceitos - não há ruptura radical, segundo o autor, entre românticos e modernos. Surge daí um outro problema: é possível, a partir de uma estética da ironia, constituir um cânone, ou seja, uma lista de autores e obras que consideramos fundamentais para a formação de nossa civilização? Em outras palavras: é possível estabelecer valores absolutos na época da desconfiança e da dissolução da linguagem? Apesar de tudo, existem autores dos quais nossa civilização não pode fugir. Paradoxalmente, são justamente eles os nossos maiores mestres na arte da ironia, do distanciamento, da instabilidade dos significados. Newstroski indica dois deles, cada um dominando uma das duas seções do livro: Shakespeare e Beethoven. Pertecemos à civilização de Shakespeare; vivemos na época de Beethoven. O Beethoven das últimas obras, sobretudo, que suspende e quase destrói a articulação do discurso musical, para mostrar que há algo atrás da música. E o Shakespeare barroco, mais relido pelos românticos e os modernos, que multiplica os planos da representação e deixa transparecer uma interioridade pelo esvaziamento dos discursos. Um Shakespeare, que como lembra Nestrovski - mais uma vez, é claro, ironicamente - "dá provas cabais de ter lido Lacan e Derrida". (Lorenzo Mammi)

1997

RUCKERT, Ernesto von. **Música e literatura**. Revista Gláuks, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa, ano I, nº 2, jan-fev/1997, pp. 125-138.

Discute-se a relação da Música com a Literatura, abordando a evolução histórica desta relação. Expõe-se as grandes formas musicais intimamente ligadas à literatura: a música litúrgica, a ópera, o "lied" e o poema sinfônico. Destacam-se as maiores obras produzidas nessas formas.

2000

RAMALHO, Elba Braga. **Cantoria nordestina: música e palavra**. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

Este livro resulta de uma dissertação de Mestrado em Sociologia, apresentada na Universidade Estadual do Ceará em 1992. A autora, experiente profissional na área de música, optou por uma visão sociológica sobre a cantoria nordestina. O enfoque principal da pesquisa baseia-se nos "aspectos da Cantoria como "sistema" e como "campo de comunicação intersubjetiva", tendo como fundamento os pressupostos da Teoria da Comunicação e da Ação Social de Jurgen Habermas. A análise sucinta de suas dimensões musicológicas e poéticas prendeu-se à ótica convencional das teorias que tratam o assunto do ponto de vista do mundo da escrita". O livro contribui substancialmente para preencher uma lacuna existente no mercado editorial. São pouquíssimas as publicações referentes a Cantoria, na dimensão "música/palavra". Ostentando uma vasta bibliografia com mais de 250 itens, o estudo apresenta as

seguintes conclusões: 1) "A Cantoria é uma forma de objetivação do 'povo através da qual se manifestam traços de sua cultura que são universais"; 2) "Do ponto de vista da Estética, é a expressão materializada da subjetividade cultural de um coletivo, para quem se faz necessária"; 3) "A Cantoria não se artificializou como arte esotérica. A conservação de seu caráter natural – o canto recitado que a linguagem técnica retirou do cotidiano – resgata aquele elemento de entendimento originário entre os homens em que a comunicação se faz através da linguagem cantada"; 4) A Cantoria se explicita, por si, de vários modos em decorrência das diferenciações sociais. Como elemento central a nossa cultura, ela sobrevive e se adapta. Ela conserva certos traços da tradição, que lhe permitem atingir um público socialmente heterogêneo; 5) Ela sobrevive como manifestação tradicional nas feiras livres e em locais informais (reuniões, casas de família, sítios etc); 6) Ela se urbaniza e se adapta à modernidade, e no entanto continua mantendo seus elementos originários, quais sejam, o tradicionalismo das Toadas, a permanência da viola acústica, o modo de vestir conservador dos cantadores. Por fim resta uma pergunta: a Cantoria sobreviverá a "folclorização" da Sociedade? Parece que sim, devido ao seu funcionamento interno como sistema que se articula de modo independente das interações externas e na sua dimensão histórica que se revela no evento social.

2002

OLIVEIRA, Solange Ribeiro. **Literatura e música**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Concebido como uma introdução atualizada à melopoética, este livro analisa as relações mútuas entre literatura e música, retomando alguns estudos seminais e buscando a mútua iluminação entre estas áreas. Partindo da música para a literatura, examina homologias entre o discurso literário e o musical, incluindo não apenas aproximações rítmico-acústicas, mas formas canônicas de estruturação, como sonata, fuga, contraponto, tema e variação. Na vertente contrária, investiga as contribuições, para a análise musical, de abordagens originalmente dominadas ao texto literário: a crítica estruturalista, pós-estruturalista e feminista, a estética da recepção e a crítica cultural. Avançando por terrenos inexplorados, aborda a função da metáfora musical em produções culturais marcadas pela experiência da colonização. A leitura da ficção contemporânea à luz de referências a formas musicais híbridas como o choro, o lundu e o calipso revela confluências múltiplas, estratégias literárias para a denúncia da exclusão, a pretexto de raça, gênero ou grupo social. No mesmo sentido, a análise melopoética investiga a forma como o antigo tema da origem da Música ou dos instrumentos pode conduzir à discussão ficcionalizada da nostalgia por uma identidade latino-americana mítica; ou como a reescrita de composições musicais eruditas pode visar à construção de um sujeito pós-colonial. É, pois, com os estudos culturais, resumidos na metáfora da música atonal, que a melopoética celebra seu encontro decisivo nesta instigante pesquisa e reflexão crítica.

2003

SOARES, Rapahel Jonatham de Oliveira. **Inter-relações entre música e literatura: a música mimética através do tempo**. Trabalho apresentado no II Literarte. UEPA-Universidade do Estado do Pará. Belém, PA. 17-18 jun. 2010.

Uma obra de arte, mesmo possuindo características próprias, não está completamente isolada das demais, pois, entre as artes, existem características em comum. Entre a literatura e a música não seria diferente, principalmente se considerarmos ambas como artes vizinhas, pois, em ambas, seu objeto se desenvolve no tempo, diferente das artes plásticas ou arquitetônicas que se desenvolvem no espaço. Não podemos negar também a musicalidade latente que há nas palavras, mesmo escritas, pois a escrita é uma representação dos sons, assim como a notação musical. Também não podemos deixar de considerar a coesão e a coerência presentes em uma composição musical, assim como aceitar a multiplicidade de interpretações que acontecem tanto na música quanto na literatura. Este trabalho propõe-se a discutir as relações entre a música e a literatura, principalmente no romance e na poesia, abordando a evolução histórica dessa relação; o estudo foca-se na música mimética, nas suas principais formas de manifestação, como a música litúrgica, a ópera, a opereta e o poema sinfônico, bem como observar o quão semelhantes essas obras musicais são com as obras literárias correspondentes. Conceitos que aparecem em ambas as manifestações artísticas (como frase, ideia, motivo, períodos, sentido e etc.) serão analisados, para podermos perceber como se comportam.

2004

GARCIA, Lauro Lisboa. **A arte de divulgar poesia usando música**. O Estado de São Paulo, 12/07/2004.

Reportagem sobre lançamentos de CD's utilizando adaptações musicais de poemas de Pablo Neruda, Fernando Pessoa, Drummond, João Cabral de Melo Neto, Maiakovski, Vinícius de Moraes. Os cuidados e procedimentos adotados pelos compositores.

2007

ASSIS, Jamilie de. **Literatura e música: diálogos da crítica**. Salvador, BA: III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 23-25, maio de 2007.

O trabalho tem como objetivo estudar a interface Literatura e Música, tomando como base o levantamento das dissertações e teses produzidas nos cursos de Pós-Graduação em Letras do País. Através dela, busca-se compreender a forma como a crítica literária incorpora os estudos sobre a MPB, assim como a contribuição desse espaço de trânsito entre sistemas semióticos distintos para a consolidação dos Estudos.

2008

MARQUES, Pedro. **Manuel Bandeira e a música: com três poemas visitados**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

Dividido em duas partes, este livro busca cercar as conexões entre Manuel Bandeira e a Música. Em seus versos metrificados ou livres, o que pode ser considerado música em Bandeira. Discutindo concepções tradicionais ou relevantes à lírica moderna (de Mallarmé, T. S. Eliot e Mário de Andrade), Pedro Marques ajusta um método possível para sondar a musicalidade na produção do poeta. Na segunda parte, oferece três estudos de caso. Miram-se os três volumes do autor poeticamente mais plurais e arrojados. Mesmo os juízos críticos fixados sobre Bandeira se estabelecem, em geral, a partir do *Ritmo Dissoluto* (1924), *Libertinagem* (1930) e *Estrela da Manhã* (1936). Assim, a noção de musicalidade poética propõe um quadro diferenciado da obra de Manuel Bandeira. Tanto melhor que seja examinada neste contexto, em que se fundam constantes poéticas e críticas.

TATIT, Luiz; LOPES, Ivã Carlos. **Elos de melodia & letra: análise semiótica de seis canções**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

Expõe, analisa e descreve com exemplos práticos os principais recursos utilizados pelos cancionistas quando unem melodia e letra. A partir de seis estudos enfocando conhecidas composições brasileiras (Terra e Fora de ordem, de Caetano Veloso; Olé, olá e As vitrines, de Chico Buarque e Eu sei ue vou te amar e A felicidade, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes), os autores expõem alguns princípios de análise cancional, focalizando os diferentes modos como uma

letra e uma melodia contrarem suas íntimas relações, or mais conflitantes, ora mais convergentes. Trata-se de uma pesquisa de método e uma exploração prática da construção dos variados sentidos da canção, que podem apresentar desafios e surpresas. Embora haja boas doses musicais e literárias na omposição de canções, nunca são elas que definem os contornos apropriados para se dizer (ou cantar) certas frases nem as palavras adequadas para se articular determinadas melodias. Na verdade, o cancionista é um artesão que desenvolve técnicas particulares dificilmente captada pelas abordagens tradicionais aprendidas nas escolas de música ou literatura. O que se faz neste volume é justamente localizar essas soluções cancionais nas seis obras acima citadas, plenamente consagradas pelos ouvintes. O enfoque semiótico adotado nas descrições garante a unidade dos seis capítulos e permite ao leitor uma assimilação mais nítida do que há de constante no modo de compor dos artistas. Mas, por outro lado, cada canção traz também seus traços e tratamentos específicos que eexigem dos autores outras habilidades descritivas nem sempre previstas pelo modelo teórico. E aí que surgem, neste trabalho, os primeiros esforços para se depreender o "pulo do gato", o momento em que, além de estabelecer seus elos de melodias e letras, os compositores conseguem produzir um sentido especial, intransferível, que faz de cada canção obra única.

2009

CAETANO, Marcelo Moraes. **Música (alma) e literatura.**
www.tirodeletra.com.br (19/04/2009).

(Incluir resumo)

WERNEY, Alfredo. **A relação texto e música: algumas considerações.** março de 2009.
<http://alfredowerney.blogspot.com/2009/03/relacao-texto-e-musica-algumas.html> (21/01/2011)

As relações entre texto e música têm gerado discussões férteis, sobretudo após o surgimento de correntes literárias como o Simbolismo e o Romantismo - estilos de época que, ao que nos parece, estão pautados pela superioridade do aspecto musical em relação à lógica da sintaxe lingüística. Contudo, ainda existem poucos estudos abrangentes sobre essa ligação complexa entre melos e logos. Este trabalho busca compreender, resumidamente, como as propriedades do som e os elementos da música são utilizados na construção do fenômeno literário. Primeiramente, explicaremos, de maneira didática, os elementos e as propriedades que estruturam a música. Posteriormente, discorreremos sobre o "contraponto" e a "textura", conceitos que possuem para nós um interesse particular, já que se trata de componentes que podem ser observados, com constância, nos textos literários. Para finalizar, analisaremos trechos de poemas e comentaremos sobre os aspectos da participação dos componentes da música na estruturação destes textos. Há ainda algo a ser ressaltado: muitos são os termos que foram transplantados da música para a literatura e vice-versa. Nossa intenção aqui não é a de discutir a origem deles, mas como eles funcionam na música e no texto literário.

DISSERTAÇÕES E TESES

1993

GARCIA, Denise Hortencia Lopes. **A casa do poeta**. São Paulo: Unicamp - Instituto de Artes. Dissertação orientada por José Antonio R. de Almeida Prado. 1993

A Casa do Poeta é um trabalho artístico, na área de composição musical. Ele foi desenvolvido a partir da obra literária *Poema Sujo* do poeta brasileiro Ferreira Gullar. O caminho de aproximação e leitura do texto se deu através dos signos sonoros nele citados, com trabalhos práticos de gravação de sonoridades ambientais em São Luís do Maranhão e outras locações. Uma análise interpretativa desses signos no poema, em base às obras de teoria poética do filósofo francês Gaston Bachelard, deu origem à concepção do trabalho. Os estudos, a edição e a montagem dos sons gravados foram realizados em equipamento tecnológico, com softwares e microcomputador Macintosh. Desta forma, o nosso trabalho é composto de quatro partes, que chamamos de espaços sonoros, sendo três deles (*Vozes da Cidade*, *Um Dia feito d'Água* e *Trem-pássaro*) construções com sonoridades ambientais gravadas, dentro dos pressupostos da chamada arte acústica ou audio arte. Uma quarta parte (*Bizuza*) foi composta para quatro vozes femininas. No corpo desta dissertação, apresentamos o processo completo de como se desenvolveu o trabalho

1996

HASSAN, Monica Farid. **A relação texto-musica nas canções religiosas de Almeida Prado.** São Paulo: Unicamp - Instituto de Artes. Dissertação orientada por Adriana Giarola Kayama. 1996

Este trabalho tem como objetivo o estudo das relações entre texto e música, com especial atenção à parte pianística, nas canções religiosas de Almeida Prado - especificamente as canções sobre textos bíblicos, orações da Igreja Católica Romana e textos e orações escritos por santos. Para isto foi necessária uma análise de diversos aspectos musicais (ritmo, altura, cor, textura e forma), a qual, além de possibilitar uma definição clara das relações entre texto e música, evidencia a importância expressiva do piano nessas canções e contribui para o aprimoramento da interpretação das mesmas e para a divulgação desta parcela da produção artística de Almeida Prado. Contém ainda uma biografia do compositor e um catálogo de suas obras, bem como xerocópias das partituras das canções analisadas, as quais encontram-se em anexo no segundo volume

1997

CASTRO, Antônio José Jardim e. **Música: vigência do pensar poético.** Tese de Doutorado em Ciência da Literatura - Poética. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1997.

(Incluir resumo)

1998

PORTELA, Girlene Lima. **O fenômeno da intertextualidade na produção ceataneana: o intertexto como veiculador de sentidos.** São Paulo: Unicamp - Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação orientada por Ingedore Grunfeld . Koch. 1998.

Alvo de muitas discussões e trabalhos acadêmicos, a produção artística de Caetano Veloso parece ser uma fonte inesgotável de análises. Por isso, mesmo ela constitui também o corpus desta dissertação composto por canções por ele produzidas em dois momentos de suma importância para a sua obra: as décadas de 60 e 70. Destas, terá destaque a década de 70, dada a contribuição das canções dessa época para o cenário artístico e até histórico da caução brasileira. Tal contribuição caracteriza-se por uma maior liberdade de criação e pela valorização da oral idade em suas letras. A genialidade de Veloso revela-se, entre os muitos outros recursos por ele utilizados, no uso que faz da intertextualidade, com o fim de produzir novos sentidos, o que torna sua obra ainda mais universal. Esta dissertação tem por objetivo estudar a forma como a intertextualidade opera na obra de Caetano, na construção dos textos de suas canções, conjugando outros textos, contextos e pretextos, bem como analisar os aspectos dialógicos, inter e intratextuais e/ou polifônicos de suas produções. Uma vez escolhidos, como objeto de análise, os textos produzidos para serem cantados, , tornou-se necessário proceder, a par da análise lingüística, a alguns comentários sobre retomadas de arranjos, ritmos, e readymades para dar um tratamento global e evidenciar sua força comunicativa que só pode ser aprendida como um todo se considerarmos a canção inteira,

observando a combinação de letras arranjos e melodias, que resultam de uma ambivalência que torna sua obra sempre instigante e atual.

2000

MONTANHA, Eleonora V.S. **No compasso das horas: Música e morte na obra de Autran.** Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Dissertação sob orientação de Marco A. Castelli. 2000

Esta dissertação discorre sobre a temática da morte e a linguagem musical na obra de Autran Dourado, centralizando o foco de análise em Ópera dos Mortos. Para decifrar a partitura de Autran optou-se por um recorte sócio-antropológico, conjugado ao embasamento teórico fornecido pelo conceito de alegoria de Walter Benjamin e pelos pressupostos de Lévi-strauss sobre a estrutura do mito. Sob esta ótica, a morte aparece como a grande protagonista da ópera de Autran, seja ele considerada em seus aspectos físicos ou metafísicos, em sua dimensão individual ou social. Ressalta-se ainda a correlação entre estrutura formal e conteúdo: para retratar um universo cindido e plural, no qual cada voz introduz um gragmento distinto da (H)história, o tom musical assume a forma de uma fuga. Da bissetriz impossível destas vozes deriva a figura suprema da alegoria autraniana: a desintegração da experiência individual e coletiva. O compasso inexorável das horas soando nas ruínas do sobrado convida ora ao esquecimento, ora ao influxo do rememorar.

2002

PAZ, Ravel Giordano. **Estações e encruzilhadas: o inferno e o sonho, a música e o mundo nos romances de Chico Buarque**. São Paulo: UNICAMP - Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação sob a orientação de Suzi Franki Sperber. 2002.

Este trabalho propõe uma leitura dos romances Estorvo e Benjamim, de Chico Buarque de Holanda, a partir de determinados eixos teóricos e temáticos. O delineamento desses eixos conduz inicialmente a uma tentativa de compreensão dos problemas relativos à gênese e às relações da forma romanescacom o mundo, numa perspectiva que passa pela investigação da dialética entre arte e sociedade mas também de dimensões mais profundas - por assim dizer, "arquetípicas" e "ritualísticas", ou aquelas a que chamamos "dimensões musicais" - da representação literária. Nesse sentido, discutimos o papel que as imagens do inferno e do sonho assumemna constituição do romance moderno, para, em seguida, recolocar essas questões no contexto do "desenvolvimento periférico" brasileiro, onde o problema da representação e do sentimento da natureza se torna um dos temas centrais. Finalmente, detemo-nos sobre as obras de Chico Buarque, onde, além do feixe de questões armadas ao longo desse percurso, ganha ênfase a discussão sobre os horizontes da práxis artística no contexto do dito "mundo pós-moderno".

2003

MARQUES, Pedro. **Musicalidades na poesia de Manuel Bandeira**. São Paulo: UNICAMP - Instituto de Estudos da Linguagem. Dissertação orientada por Orna Messer Lewin. 2003.

Perceber em que sentido a noção de música ou de musicalidade, já há algum tempo entrevista pela crítica e pelo próprio poeta, permeia a obra de Manuel Bandeira. Se não é possível chegar a um conceito fixo de musicalidade em sua poesia, parte das várias idéias que o termo sugere, incluindo algumas bastante correntes na tradição poética, podem configurar um caminho de leitura que explicita principalmente os aspectos musicais de alguns poemas do autor.

2004

AGUIAR, Werner. **Música: poética do sentido. Uma onto-
logo-fania do real**. Tese de Doutorado em Ciência da Literatura – Poética. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004.

(Incluir resumo)

CAVALCANTE, Rita de Cássia. **Porto Alegre em canto e verso: vinte e poucos anos de canção popular urbana**. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação orientada por Luis Augusto Fischer. 2004.

Para a realização desta pesquisa foram considerados primordialmente os pressupostos desenvolvidos por Luiz Tatit, em sua obra *O cancionista*, no que se refere aos

aspectos musicais, e por Antonio Candido, em Formação da literatura brasileira, para os aspectos literários. O presente trabalho procurou verificar, através das análises dos elementos literários e musicais, de que maneira se configura o cancionero popular urbano como sistema, tendo sido eleitas para o corpus, canções que lancem um olhar diferenciado sobre Porto Alegre e/ou seus símbolos, que atendam à proposta de sistema literário (autor-obra-público) de Antonio Candido, que sejam representativas neste sistema e que atendam ao gosto pessoal da autora.

2005

BEZERRA, Karelayne de A. Coelho. **Um anjo dissoluto, a poética de Cazuzo do prazer à lucidez**. Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Dissertação sob orientação de Marco A.M. Castelli. 2005.

Este trabalho traz a proposta de lançar para o estudo acadêmico a poética de Cazuzo, compositor e intérprete da Música Popular Brasileira, cuja obra ficou registrada na década de 80, em gravações de LPs, ainda com a banda da qual fazia parte, Barão Vermelho, e depois, em carreira solo. Perseguindo seu desenvolvimento estético, procurou-se estabelecer a sintonia entre música popular e literatura contemporânea, traçando também características históricas acerca de alguns gêneros musicais, como é o caso do rock'n'roll, do Blues, do samba e da própria Bossa Nova, os quais pertenciam ao universo musical desse artista. Para comprovar a força literária das composições, fez-se necessário também analisar o espaço poético no qual esteve

incrustado Cazusa, para escrever seus versos. Assim, percebeu-se que, num primeiro momento de sua obra, há um maior interesse pelo corpo, que se desdobra em sensualidade latente e vida boêmia, configurando o Eu poético como transgressor dos costumes da sociedade na qual esteve inserido. Num momento mais maduro de sua obra, já na carreira solo, este mesmo Eu poético busca desvendar o inexorável da alma humana, então, o apego ao divino ou a elementos transcendentais torna-se uma constante. Finalmente, ainda deu-se atenção a alguns elementos que influenciaram sua produção artística, como autores consagrados da Literatura e outros compositores da música popular.

2006

BYLAARDT, Cid Ottoni. **Lobo Antunes e Blanchot: o diálogo da impossibilidade (figurações da escrita na ficção de Antonio Lobo Antunes)**. Belo Horizonte: UFMG - Faculdade de Letras. Tese orientada por Silvana Maria P. de Oliveira. 2006.

O objetivo desta tese é empreender uma leitura cuidadosa de sete romances do escritor português António Lobo Antunes, sob a luz das concepções de literatura de Maurice Blanchot. Numa perspectiva comparativista, relaciona-se esse universo ficcional às formulações do filósofo francês, o que produz um diálogo bastante fecundo, e às vezes surpreendente. Para Maurice Blanchot, a literatura só é possível no domínio da impossibilidade, na busca não-explicitada da escrita, sem plano nem objetivo, que

independe da pessoa do escritor. Sustentamos que a fabulação romanesca antuniana sucumbe a esse domínio órfico irrecusável, propiciando o levantamento de questões como a dispensa do autor do texto, a literatura como impossibilidade, a tormenta da escrita literária, o silêncio na literatura, o "désœuvrement", a escrita do neutro, a concepção blanchotiana de imagem e símbolo, a origem noturna do texto literário.

CUNHA, Auristela Crisanto da. **Machado de Assis em contos: uma constelação de partituras**. Natal: UFRN. Tese orientada por Ilza Matias de Souza. 2006.

Este trabalho busca o empreendimento de uma (re)leitura dos contos "Um homem célebre", "Cantiga de sponsais", "Terpsicore", Trio em lá menor", "O machete", e "Marcha fúnebre" de Machado de Assis, procurando neles observar as manifestações de musicalidade, entendendo-se musicalidade sob o ponto de vista das teorias musicais contemporâneas, ou seja, como indicações de dinamicidade decorrentes do estímulo melopáico à apreensão das palavras e/ou imagens que se inscrevem no corpo estático da escrita a partir de procedimentos literários que transportam para o texto características próprias de outras artes como música, poesia, dança e teatro performáticos. Tais procedimentos, que se refletem na escritura como produto de repertório íntimo machadiano, acabam muitas vezes por favorecer, através da ficção, o delineamento do contexto musical do Rio de Janeiro do século XIX, bem como das implicações sociais que

as transformações do cenário musical impunham à constituição da subjetividade.

2007

BARBEITAS, Flavio Terrigno. **A música habita a linguagem: teoria da música e noção de musicalidade na poesia.** Belo Horizonte: UFMG- Faculdade de Letras. Tese orientada por Maria Antonieta Pereira. 2007.

A tese propõe uma discussão da relação entre música e linguagem, colocando em perspectiva crítica a tendência contemporânea de classificação apriorística da música, no quadro epistemológico, como um sistema semiótico. De um lado, acentuado o fato de a linguagem verbal e a música compartilharem a sonoridade, o trabalho busca evidenciar elementos que podem ser qualificados como musicais e que atuam na linguagem ainda antes de se integrarem na engrenagem de significação e codificação, como é o caso da voz. De outro, explorando a noção de musicalidade que permeia a teoria da poesia, a tese indica que o valor musical de um poema costuma justamente estar ligado à capacidade de a linguagem poética escapar à lógica férrea da representação e da significação unívoca, em proveito da exploração da ambiguidade e do potencial de movimento da palavra, com suas múltiplas direções e sentidos. Por essa dupla via, questiona-se exatamente o primado da representação e da significação (logocentrismo) - pelo qual a música foi progressivamente relegada a um plano secundário na classificação ocidental do conhecimento - discutem-se as

bases em que historicamente se estabeleceu a chamada teoria da música.

SANTOS, Juliana. **Vinícius de Moraes e a poesia metafísica**. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação orientada por Ana Maria Lisboa de Mello. 2007.

Freqüentemente, os críticos dividem a produção poética de Vinicius de Moraes em duas fases, intitulando-as fase mística e social. Fazem parte da chamada primeira fase as seguintes obras: O caminho para a distância (1933), Forma e exegese (1935), Ariana, a mulher (1936), Novos poemas (1938) e Cinco elegias (1943). A segunda fase é composta principalmente pelos seguintes livros: Poemas, sonetos e baladas (1946), Pátria minha (1949), Antologia poética (1954), Livro de sonetos (1957) e Novos poemas (II) (1959). Alguns estudiosos, como Renata Pallotini e Otto Lara Resende, consideram a produção inicial de Vinicius, voltada para questões metafísicas, como um experimentalismo estético, logo abandonada para dar lugar ao verdadeiro poeta que se apresentaria em um segundo momento, dedicado à lírica de tendência social e amorosa. Outros críticos, como Antonio Candido e David Mourão Ferreira, contrariando tal posicionamento, defendem a idéia de uma reelaboração destes princípios para uma espécie de humanização do sentimento religioso. Partindo desses posicionamentos, este trabalho dedica-se ao estudo da poesia inicial de Vinicius, destacando as suas principais características e influências, e ainda à apresentação de alguns poemas da sua produção final e de algumas criações

musicais, como forma de lançar luz sobre o percurso dos fundamentos e do simbolismo religiosos na produção artística do poeta. Inicialmente, foi feita uma revisão da fortuna crítica de Vinicius e, em seguida, realizou-se a análise das composições poéticas e musicais, tomando por base o texto bíblico e os fundamentos teóricos da lírica, da metafísica e do imaginário. A pesquisa permitiu caracterizar a poesia inaugural, no que tange à questão da religiosidade e, a partir disso, dar visibilidade à permanência destes elementos de caráter metafísico, tanto na poesia final quanto na canção, o que contraria a tese do artificialismo de sua produção inicial.

COSTA, Cristiano Bedin da. **Matérias de escrita**. Porto Alegre: Faculdade de Educação da UFRGS. Dissertação sob orientação de Sandra Mara Corazza. 2007.

Trata-se de matérias e da escrita. E especialmente de matérias de escrita. Trata-se do texto. Do estilo. Da língua, do sentido, das formas e da linguagem. Trata-se do ritmo. Do ritmado. De conteúdos, substâncias e expressões. Trata-se de procedimentos. De sonoridades e de refrões. De sons organizados e ruídos. Trata-se do que trata a literatura. E também a música. A pintura. O cinema. A poesia. E também a filosofia. O cotidiano. A educação. Trata-se de fixar alguns eixos. De traçar alguns contornos. Delimitar alguns meios. De manter algumas posturas. Trata-se de construções e de fugas. De pontos e de linhas. De Deleuze e de Guattari. De Barthes, Beckett, Kafka, Rilke, Flaubert e Manoel de Barros. De Schulz, Hjelmslev, Klee, Blanchot e Céline. E também de Fante, Ponge, Cage, Miles Davis e Bukowski. Trata-se do que

se encontra nas coisas. De ínfimos pedaços disso tudo e sobretudo do resto. Da ruína. Do silêncio. Dos abismos e da desconstrução. Trata-se do inominável. Dos limites. De alguns tensores e de conexões e suspensões. Trata-se da despalavra e da palavra ágrafa. Do instante-nada das coisas todas quando distantes da usura da vida. Trata-se do indiferenciado e de sua maleabilidade. Do impossível e de alguma outra possibilidade. Do cansaço e da desistência. Do uso e de seu inverso. Do esgotamento e da criação.

2008

ALMEIDA NETO, Arnaldo G. **Música das formas: a melopoética no romance Avalovara, de Osman Lins.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Dissertação sob orientação de Ermelinda M.A. Ferreira. 2008..

Este trabalho debruça-se sobre o veio ainda pouco explorado, no campo da análise intersemiótica, das relações possíveis entre duas artes ditas “temporais” na clássica definição de Lessing: a literatura e a música. Embora mais próximas, neste aspecto, do que as ditas artes “irmãs”, mas “rivais” – a literatura e a pintura –, verifica-se que as abordagens comparativas do texto e da imagem superam amplamente os estudos comparativos do texto e da música no universo da crítica literária contemporânea. Esta dissertação pretende, portanto, contribuir para diminuir essa lacuna, e ao mesmo tempo iluminar aspectos ainda obscuros sobre a gênese de um romance exemplarmente intersemiótico e experimental: o Avalovara, do escritor pernambucano Osman da Costa Lins. A partir das pesquisas

de Steven Paul Scher, revistas pela professora Solange Ribeiro de Oliveira sobre a Melopoética – disciplina que pretende investigar a mútua iluminação entre a musicologia e os estudos literários –, procuramos analisar as possíveis homologias entre o discurso literário e o musical ao longo da narrativa osmaniana, considerando três aspectos principais: 1. a citação, no romance osmaniano, de peças como a Sonata em fá menor K 462, para cravo, de Domenico Scarlatti, compositor italiano do século XVIII; e a Cantata Catulli Carmina, de Carl Orff, compositor alemão do século XX, que dialoga com os textos do antigo poeta romano Catulo (84-54 A.C.) no processo de construção de uma metáfora musical para o romance: o relógio; 2. a criação de um personagem músico, o tecladista e horologista Julius Heckethorn, supostamente baseado na biografia real do compositor serialista alemão Anton Webern, em consonância com o personagem compositor Adrian Leverkühn, do Doutor Fausto, de Thomas Mann, baseado no compositor Schoenberg, criador do método serial na música; e 3. a utilização de uma mesma metáfora visual-literária – o Quadrado Sator, criado a partir de um palíndromo – na organização estrutural do romance Avalovara, de Osman Lins, e numa composição de Anton Webern, o Concerto para nove instrumentos Op. 24; a fim de discutir como esses autores de distintas artes temporais buscaram, cada um no seu meio mas com recursos similares, repensar a noção do tempo tradicionalmente atrelada à definição desses dois gêneros artísticos – a literatura e a música – buscando, ambos, resgatar a noção de espacialidade em suas obras.

BARBOSA, Rogério Vasconcelos. B. **Escuta / escrita: entre olho e ouvido a composição**. Porto Alegre: UFRGS-Instituto de Artes. Tese orientada por Antonio Carlos Borges, 2008.

Esse trabalho busca desvelar alguns aspectos da complexa relação entre escuta e escritura, no processo de composição. O compositor lida com esses dois pólos, ajustando a imaginação sonora à sua representação escrita. Mas não se trata apenas de representar, de codificar, pois a representação envolve de tal modo a imaginação, que direciona seus percursos e delinea seus limites. Todavia, a sensação sonora pode conduzir a imaginação musical a regiões que requerem novas formas de representação, ainda não codificadas. Há um constante jogo de forças entre escuta e escritura. Esse conflito exige ajustes periódicos nas categorias culturais utilizadas para mediar os dois pólos. Após uma investigação teórica sobre as condições em que se estabelecem a escuta e a escritura, proponho um conjunto de categorias que considero úteis na organização de um pensamento composicional contemporâneo: mapa temporal, tipos texturais, gesto e envelope. Em seguida ao estudo do quadro de categorias, analiso duas peças minhas - *iri* (2004), para piano solo e *oscuro lume* (2006/2007), para orquestra - incluídas no portfolio de composições que integra meu trabalho de doutorado. A análise confirma a pertinência das categorias propostas e busca a organização da composição entre os pólos da escuta e da escritura, considerando os traços formais de organização em sua emergência e ambigüidade.

BEZERRA, Fernanda Gama. **O diálogo entre a ópera e o romance Ópera dos Mortos, de Autran Dourado.** São Paulo: Instituto Mackenzie. Dissertação sob orientação de Maria H.F. Peixoto. 2008

A presente dissertação tem como objetivo analisar o diálogo estabelecido entre o romance *Ópera dos mortos*, do escritor mineiro Autran Dourado, e o gênero musical a que o título da obra faz referência, bem como suas implicações na construção dos sentidos. Tal escolha justifica-se na medida em que entendemos que examinar as relações instituídas entre esse texto literário e outro sistema semiótico é caminho, dentre as várias possibilidades de leitura, para o conhecimento da complexidade do referido romance. Ressalte-se que o termo ópera será considerado em sentido amplo; mais que um espetáculo que une música, teatro e poesia, a ópera é uma das manifestações artísticas que melhor representa o caráter trágico da existência humana. Assim, em um primeiro momento, serão examinadas a dimensão simbólica do sobrado da família Honório Cota, enquanto espaço cênico, e a significativa relação entre tempo e espaço. Em seguida, traçar-se-á um paralelo entre a trajetória da protagonista e os caminhos percorridos por algumas das mais célebres heroínas de ópera, buscando entender por que, invariavelmente, a mulher é castigada na arena operística.

DIETRICH, Peter. **Semiótica do discurso musical: uma discussão a partir das canções de Chico Buarque.** São

Paulo: USP. Tese sob orientação de Luiz Augusto de Moares Tatit. 2008.

Ao longo das últimas três décadas observamos o progressivo interesse que a semiótica da canção popular desenvolvida por Luiz Tatit a partir da semiótica greimasiana vem despertando no meio acadêmico. Situada na fronteira dos domínios da lingüística e da música, e justamente por isso, a canção se apresenta como um objeto de difícil análise. Teorias específicas para o componente verbal e musical raramente se compatibilizam a ponto de permitirem uma análise homogênea. O êxito obtido até agora pela semiótica greimasiana pode em parte ser explicado por sua forte vocação para a multidisciplinaridade, a despeito de sua origem e tradição lingüística. Em suas formulações iniciais foram considerados apenas alguns parâmetros musicais que estruturam a melodia da canção. Dessa maneira, poderíamos afirmar que em um primeiro momento a canção foi considerada uma palavra cantada, opondo-se a palavra falada da nossa fala cotidiana. Percebemos que parte dos esforços dos pesquisadores que se dedicam ao desenvolvimento dessa teoria consiste em tentar incorporar cada vez mais elementos musicais. A partir de uma revisão crítica da literatura atual, esse trabalho discute e propõe procedimentos de semiotização do material musical, especialmente no que se refere ao timbre e às questões de harmonia. Para garantir a coerência necessária com os fundamentos da teoria, propusemos a distinção entre o discurso da produção musical e o discurso musical propriamente dito, discutimos a relação entre plano da expressão e plano do conteúdo no discurso musical, assim

como sua organização hierárquica. Dentro dessa diversidade de assuntos e abordagens, elegemos como fio condutor do trabalho a obra cancional de Chico Buarque, que representa a um só tempo a fonte de indagações e a sustentação dos resultados obtidos.

2009

RESENDE, Nara Cristina Nunes. **Acontece que as orelhas não têm pálpebras: o exterior na literatura e na música contemporâneas.** Belo Horizonte. Dissertação orientada por Ruth Junqueira S. Brandão. 2009.

Esta dissertação propõe-se a um estudo acerca da noção de exterior literário, tal como este se apresenta no pensamento do teórico francês Maurice Blanchot. À noção de exterior serão articuladas, neste estudo, idéias outras blanchotianas, dentre as quais destacam-se a morte, a solidão essencial e o tempo. Tal pensamento será aqui tratado a partir de um encontro entre a literatura e a música contemporânea

PASSONI, Mariana V. Mezzalira. **Veredas sonoras: música e escritura na narrativa de Grande sertão.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica. Dissertação sob a orientação de Amauri Lopes, 2009.

Esta pesquisa tem por objeto de estudo a musicalidade da narrativa da personagem Riobaldo na obra Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, à luz dos conceitos de voz, oralidade e performance, segundo Paul Zumthor. Ao notarmos a música como elemento constituinte da escritura

da obra, fomos buscar nas declarações do próprio Rosa argumentos que demonstrassem sua intencionalidade ao utilizar a música como fator de construção metaficcional em seu projeto autoral. Em nossas pesquisas, encontramos um paralelismo muito forte entre a epopéia narrada por Riobaldo e a ópera dodecafônica (como as compostas por Wagner, por exemplo), e, partindo do estruturalismo de Lévi-Strauss (que defende a similaridade e contigüidade entre o mito e a música), nos propusemos a esboçar essa partitura que se oculta sob o véu da escrita caligráfica de Guimarães Rosa. Para tanto, foi-nos necessário fazer uso também de conceitos musicais, tais como contagem rítmica, tipos de compassos, tempos das notas etc. Foram pertinentes, também, o ensaio sobre o narrador, de Walter Benjamin, além dos apontamentos acerca do som e o sentido, de José Miguel Wisnik. É importante ressaltar que, embora já houvessem outros estudos relacionando a música com a obra de Rosa, estes se limitavam a estudar as cantigas presentes no texto roseano, enquanto que nosso trabalho propõe que a obra Grande Sertão: Veredas, pode, como um todo, ser concebida como uma composição musical, com seus temas, sub-temas, variações e refrões. Dessa forma, ao evidenciarmos essa música subjacente ao texto, que se descortina perante nossos olhos (e ouvidos), torna-se possível vivenciar a grandeza cantável, da qual nos fala Riobaldo

PÁDUA, Mônica Pedrosa. **Imagens de brasilidade nas canções de Câmara de Lorenzo Fernandez: uma abordagem semiológica das articulações entre música**

e poesia. Belo Horizonte: UFMG. Tese sob orientação de Leda Maria Martins. 2009.

Nesta tese, procuramos investigar as articulações entre poesia e música nas canções de câmara brasileiras, pensar sobre sua brasilidade e suas possibilidades interpretativas. O corpus escolhido consiste em sete canções representativas de Lorenzo Fernandez, considerado um compositor nacionalista. Neste trabalho, buscamos demonstrar que uma canção de câmara pode criar imagens, e que as canções de Lorenzo Fernandez constroem certas ideias de brasilidade por meio das imagens que criam. Para que isso fosse possível, constituímos, numa abordagem transdisciplinar, a imagem de características sensoriais diversas como conceito transversal capaz de aproximar as diferentes linguagens da canção. Os referenciais teóricos sobre tradução nos auxiliaram na adoção de atitudes interpretativas que privilegiaram a criatividade e o método. Para construirmos sentido nos textos poéticos e musicais, utilizamos as teorias tradutórias em contraponto com a semiologia da música e a teoria tripartite de Jean Molino e J. J. Nattiez. Para construirmos uma estratégia de percepção das imagens, partimos das ideias do mosaico e da rede. Valendo-nos dos diferentes níveis sígnicos distinguidos por Peirce, verificamos

a partir de que elementos do texto poético e musical é possível perceber a visualidade, a plasticidade, o movimento, a espacialidade, a temporalidade, e, por fim, os diferentes sentimentos responsáveis pela criação de imagens ligadas aos nossos vários sentidos. Por fim, procuramos demonstrar, nas canções de Lorenzo Fernandez, em diálogo com os contextos do autor e do intérprete, as imagens de brasilidade que, nas canções e a partir delas, se constituem

LAHM, Alexandra C. Silva. **A união das artes: música e literatura na obra de Luiz Antonio de Assis Brasil**. Porto Alegre: PUC/RS. Dissertação orientada por Maria Eunice Moreira. 2009.

Esta dissertação propõe uma leitura das obras *O homem amoroso*, *Concerto campestre* e *Música perdida*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, com o objetivo de analisá-las à luz dos pressupostos teóricos propostos por Luiz Piva e Solange Ribeiro de Oliveira, que aproximam o discurso literário e o discurso musical, através do conceito da Melopoética. A proposta não só amplia a fortuna crítica sobre o autor, no que diz respeito à questão da influência musical presente na sua produção literária; determina o léxico comum entre as duas artes, ou seja, literatura e música; mas também comprova a inter-relação entre música e literatura, através da migração de elementos musicais para a literatura, que auxiliam na criação de personagens literários "músicos".

PACHECO, Natália Araújo. **A influência da música o comportamento de compra de clientes em uma**

livraria. Porto Alegre: Escola de Administração da UFRGS. TCC sob orientação de Cristiane Pizzutti dos Santos, 2009.

O estudo da atmosfera de loja de loja tem encontrado espaço dentro do estudo de marketing nas últimas décadas. Parte desse estudo foi dedicada aos estímulos auditivos, mais especificamente à música ambiente. A pesquisa desenvolvida neste trabalho teve como objetivo analisar a influência da música no comportamento de compra de clientes de uma livraria, verificando principalmente seu impacto no tempo de permanência real e percebido pelos clientes, no número de livros analisados por estes e no valor da compra. A pesquisa consistiu em um experimento realizado em uma livraria com a manipulação da música ambiente para a criação de três situações: música em ritmo lento, música em ritmo acelerado e sem música. Foram observados 295 clientes, dos quais 285 concordaram em responder ao questionário da pesquisa. Os resultados mostram que, na livraria analisada, a música ambiente e as variáveis estranhas não tiveram influência significativa no tempo de permanência real e percebido pelos clientes, no número de livros analisados por estes e no valor de suas compras. No final deste trabalho são apresentadas algumas possíveis explicações para os resultados e são feitas sugestões para futuras pesquisas.

VI. Menção Final

OLVIDOS MISTERIOSOS

Bem poderíamos pensar que a criação é um mistério da natureza, de Deus, do que se quiser denominar. Mas não, a ciência e a tecnologia querem nos fazer acreditar (e têm conseguido em boa parte) que toda descoberta ou invento é obra de uma equipe trabalhando em conjunto num laboratório na busca de algo preestabelecido por alguma necessidade real, artificial ou virtual, como pode acontecer hoje em dia. Dessa maneira, se acreditássemos nisso, a criação científica perderia sua graça e o encanto de seu fazer, do que precisa ser feito para a melhoria da qualidade devida.

Ainda bem que nem todos os cientistas pensam assim. Contudo, esse é o modo generalizado do pensamento que se alastra pelo conhecimento coletivo. Isto se deve, talvez, ao nosso costume de polarizar o objeto de pensamento, contrapondo-o como ponto de referência a outro de igual relevância: o mundo da criação artística, cuja concepção é diferente, quase oposta ao conceito que vimos da criação científica.

A criação artística é sempre vista como a expressão de um talento individual, i,é, um mistério, dado que não se explica por que uma pessoa tem mais talento do que outra, e até pessoas desprovidas de talento, como o concebemos. São diversos os talentos, tanto nas ciências como nas artes.

Dentre essas, vamos tratar da primeira das artes criativas e criadoras da humanidade: a arte literária, tomada no sentido amplo. No sentido da origem da fala e da escrita nos primórdios de tudo que conhecemos como humanidade e que se distinguiu na natureza pelo conhecimento e sua transmissão às gerações.

Outra particularidade do exercício literário é o caráter essencialmente individual, que faz da atividade do escritor a mais solitária, e também a mais solidária da vida, já que ninguém escreve para si. Neste ponto – na solidariedade – o escritor se encontra com o cientista, pois ambos buscam algo não para si, e sim para que outros desfrutem de seu trabalho. tanto para um como para outro é preciso uma certa dose de despreendimento e desligamento do mundo para aperfeiçoar seu objeto de trabalho.

Além de primeira, ou talvez por isso mesmo, a literatura é a arte mais conhecida e praticada no mundo. Quem já não se dispôs a fazer sua “quadrinha” de versos? Quantos poetas, até analfabetos, já conhecemos pelo mundo afora a fazer suas rimas e composições literárias de um modo encantador? Esta é uma das principais características da literatura, de seu feitio, que fazem dela uma arte popular. Para constatar, temos a literatura de cordel, resquício dos trovadores e cancioneros medievais, tão bem cantada na história da literatura universal.

Se é assim, a literatura como a arte mais popular, como a primeira e mais importante das artes, a mentora de outras artes e ofícios, como o teatro, cinema, música e

jornalismo, qual o sentido do título *Olvidos misteriosos* atribuído a esta menção final? Trata-se de um paradoxo, no qual a literatura, com toda sua importância, está perdendo espaço na mídia para a comunicação visual, virtual, interativa propiciada pela "era da informática". Até pouco tempo atrás dizíamos que a literatura vinha sendo olvidada pelo grande público, devido mesmo ao uso intensivo dos computadores, que virou um eletro-doméstico e, ao mesmo tempo, um brinquedo nas mãos das crianças e um equipamento de trabalho de todas as profissões.

Dizíamos, também, que a proposta dos *Mistérios da criação literária* era combater esse olvido, contando com a participação pública. Assim, a menção final se configurava, em verdade, numa "mensagem final" de conclamação aos interessados em manter a busca coletiva e divulgação dos mistérios da criação literária através da Internet. Hoje vemos que a Internet vem provocando uma revolução na história da literatura (ou da humanidade?) só comparável com aquela ocorrida há 500 anos com Gutemberg e a invenção da imprensa. A comunicação escrita atingiu um patamar, onde cada pessoa pode ser autônoma em relação aos meios editoriais e divulgacionais.

O ato de escrever retoma seu lugar na história da humanidade de um modo surpreendente. Surgem os sites e blogs literários e um novo público interessado no fazimento da literatura. Como decorrência disso, começam a pipocar em todos os lugares as oficinas e cursos de criação literária. Tais cursos vêm se aprimorando e alguns deles já estão sendo ministrados em nível de pós-graduação. Assim nossa

conclamação se refaz com a utilização da Internet através do site www.tirodeletra.com.br convidando os interessados em manter a literatura ainda mais viva com os recursos tecnológicos à disposição de todos.

VII. Índice de Consulta Simultânea

UM INVENTO EDITORIAL

Todos os inventos na área editorial são surpreendentes, devido mesmo à sua raridade. Pois, desde que Gutemberg inventou o livro em folhas de papel grudadas com uma lombada, é difícil imaginar outra forma mais conveniente para o livro. Tanto é que as revistas, surgidas após mais de 200 anos, seguiram o mesmo modelo. Talvez não haja mesmo o que inventar por aí, e a única revolução que vimos na área em todos estes anos foi a editoração eletrônica, que facilitou substancialmente a feitura do livro. Outra "revolução" editorial conseqüente desta primeira é a edição do "e-book", o livro eletrônico.

No entanto, na edição do livro em papel, disponível à consulta sem computador, surge agora um novo local para o índice que possibilita uma simultaneidade de consultas. Trata-se não de uma revolução editorial, como quis parecer, mas de outra localização para o índice, cuja história lhe confere um grau de utilidade, conforme descrito a seguir.

O nome atribuído ao índice designa exatamente sua função: permitir a consulta ao índice e ao corpo da obra simultaneamente. Poderia, muito bem, ser chamado de "Índice Lehfeld", se adotássemos o nome de seu criador em meados da década de 1970. O índice de consulta simultânea surgiu a partir de uma consulta rápida a uma bibliografia sobre segurança de trânsito. Nessa época, eu trabalhava no Centro de Documentação da Companhia de Engenharia de Tráfego-CET, em São Paulo, e tinha como supervisor Gilberto Monteiro Lehfeld. Estávamos numa reunião discutindo a elaboração da bibliografia e passamos a verificar o detalhamento do índice analítico. Ao final, Lehfeld me perguntou onde ficaria localizado o índice. "No final, é claro", respondi prontamente. Ele fez cara de quem não gostou e disse o porquê? "É que no final, o leitor tem que ficar indo e

voltando ao índice para ver os assuntos de seu interesse”. Argumentei que era isso mesmo, que não havia outro lugar para o índice, a norma era essa. Ficamos ali pensativos por um instante na busca de um lugar que na publicação que evitasse aquele “vai-e-volta” ao índice. De repente, ele deu um soco na mesa: “Achei! O índice vai ficar no verso da ‘orelha’ da publicação”. De fato, ao desdobrar a ‘orelha’, o leitor vislumbra o índice enquanto folheia o corpo da publicação. Assim surgiu o índice de consulta simultânea, que tem mostrado sua utilidade ao longo desses anos. Mais tarde, após ter mostrado a invenção aos colegas bibliotecários, resolvi publicar a experiência no Boletim da ABDF-Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (1).

Em seguida, recebi algumas cartas de bibliotecários de outros estados, solicitando mais informações sobre o índice ou felicitando pela descoberta do novo local. O “Índice de orelha” ficou assim conhecido no âmbito interno de algumas bibliotecas e centros de documentação de empresas. Passados 11 anos, mudei o nome para “Índice de consulta simultânea” e resolvi divulgá-lo amplamente através da revista *Ciência da Informação*, do Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica-IBICT (2).

1 - Brito, J.D. O índice no verso da orelha da publicação visando maior facilidade do seu manuseio: relato de uma experiência. *Boletim da ABDF*, Brasília, v.1, nº 1, p. 25-7, jan. 1981.

2 - Brito, J.D. Índice de consulta simultânea: o acesso rápido e manual. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 21, nº 3, pa. 247-8, dez. 1992.

Explore releases from the Música label. Discover what's missing in your discography and shop for Música releases. Música is a platform for introducing, and pushing, up-and-coming artists from around the globe. The label is releasing trance and progressive. [View all releases](#).